UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA

INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS - IHAC

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS - PPGER

RENE WILL GONÇALVES BERNARDES

"QUEM SÃO ELES PARA DEFINIR QUEM SOMOS?": UM ENFRENTAMENTO DECOLONIAL À CISNORMATIVIDADE BRANCA ATRAVÉS DA PERFORMANCE ARTE NO ENSINO MÉDIO DO IFSP

ITABUNA

2021

RENE WILL GONÇALVES BERNARDES

“QUEM SÃO ELES PARA DEFINIR QUEM SOMOS?”: UM ENFRENTAMENTO DECOLONIAL À CISNORMATIVIDADE BRANCA ATRAVÉS DA PERFORMANCE ARTE NO ENSINO MÉDIO DO IFSP

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino e Relações Étnico-raciais do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais.

Orientador: Prof. Dr. Cleber Rodrigo Braga de Oliveira

ITABUNA

2021

Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)
Sistema de Bibliotecas (SIBI)

B518q Bernardes, Rene Will Gonçalves, 1991-

"Quem são eles para definir quem somos" : um enfrentamento decolonial à cisnormatividade branca através da performance arte no ensino médio do IFSP / Rene Will Gonçalves Bernardes. – Itabuna: UFSB, 2021. - 135f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Sul da Bahia, Campus Jorge Amado, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais, 2021.
Orientador: Dr. Cleber Rodrigo Braga de Oliveira.

1. Identidade de gênero na educação. 2. Discriminação na educação 3. Arte na educação. 4. Performance (Arte). 5. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. I. Título.

CDD – 370.11

Elaborada por Raquel da Silva Santos – CRB-5ª Região/ 1922

GOVERNO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS – PPGER
MESTRADO PROFISSIONAL

ATA DE DEFESA

Aos dezenove dias do mês de outubro do ano 2021, às 14 horas, pela plataforma Stream Yard, devido à condição extraordinária do período de pandemia da Covid-19, realizou-se a prova de Defesa de produto final intitulado **"QUEM SÃO ELES PARA DEFINIR QUEM SOMOS?": UM ENFRENTAMENTO DECOLONIAL À CISNORMATIVIDADE BRANCA ATRAVÉS DA PERFORMANCE ARTE NO ENSINO MÉDIO DO IFSP**, de autoria do candidato Rene Will Gonçalves Bernardes, aluno do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais, em nível de Mestrado. A Comissão Examinadora esteve constituída pelas/os professores/as: Cleber Rodrigo Braga de Oliveira (UNIFAP/UFSB-PPGER), presidente, Megg Rayara Gomes de Oliveira (UFPR), Dodi Tavares Borges Leal (UFSB) e Rafael Siqueira Guimarães (UFSB).
Concluídos os trabalhos de apresentação e arguição, o candidato foi aprovado pela Comissão Examinadora. Foi concedido um prazo de 60 dias para que a(o) candidata(o) entregue o trabalho em sua redação definitiva na Secretaria Acadêmica e na Biblioteca do Campus. Para constar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos membros da Comissão.

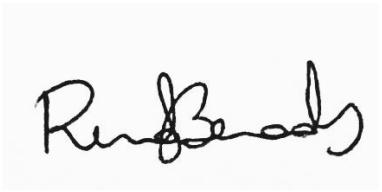
Parecer da Comissão Examinadora: O trabalho tem muita relevância acadêmica e social, sendo importante referência para a área da arte-educação e o ensino das relações étnico-raciais. A banca considera que o trabalho é muito potente e indica o prosseguimento da pesquisa tanto no espaço comunitário como acadêmico, bem como sua posterior publicação.

Cleber Rodrigo Braga de Oliveira (UNIFAP/UFSB-PPGER)

Megg Rayara Gomes de Oliveira (UFPR)

Dodi Tavares Borges Leal (UFSB)

Rafael Siqueira Guimarães (UFSB)



Rene Will Gonçalves Bernardes

Dedico esta a minha mãe, Maria Alice, que me permitiu chegar até aqui e me apoia e inspira a agir em direção àquilo que gera vida.

Aos meus irmãos, Isabel, Marcos e Priscila, e à minha prima Heloísa, que, cada um a seu modo, abriram caminhos, acompanharam e acolheram minhas outras veredas.

À minha criança, Lila, que me acompanha e me inspira a cocriar outros mundos possíveis.

À minha rede afetiva e à terra, que cocriam nossa artesania de afetos (Geni Nuñez) e nos cuida para que sigamos vives.

AGRADECIMENTOS

À família: Alice, Joaquina, Terezinha, Isabel, Marcos, Priscila, Heloísa e Lila pela cocriação.

A Cleber Braga, pela orientação, trocas, afetos e abertura sempre ao diálogo.

Aos membres da banca, Dodi, Megg e Rafa, pelo aceite e trocas, e à Ivana, pela disponibilidade.

Aos professores e colegas do PPGER e do Grupo de Pesquisa Grieta pelas trocas e manutenção dos afetos na academia e na pandemia, em especial à amiga Taynah Melo.

Ao querido Jones Mota pelo auxílio nos primeiros passos no Mestrado e na vida em Ilhéus.

A Ty Fé, Meujaela Gonzaga e a Kildery Iara, pelos despertares iniciais e pelas trocas e afetos.

A Akuenda Translesbicha, Gil Porto Pyrata e Rao Ni, por proporcionarem meus desabrochares primeiros, e em especial a Bruna Kury, por auxiliar também em processos segundos e terceiros.

Aos colegas que facilitaram a intervenção no IFSP, em especial à amiga Marta Estela.

A Roland de Oliveira, por acompanhar e apoiar os processos (in)conscientes deste ser.

Às pessoas amigas do coletivo do Sítio Cascata pela convivência, apoio e todo o coapredizado.

Ao coletivo do Slam Marginalia pela inspiração e ensinamentos: bibi, Teo, Carú, e em especial a Uarê Erremays, por todas as trocas, pontes, balsas e águas nestas ilhas ao sul do mapa.

Aos afetos que se criaram e/ou redescobriram caminhos na pandemia: Dand-e, Fabi, Ian, Bia, Ayani, Carina, Lil, Amanda, Gui, Moi, Mateus, Beto, Lelê, Mel, Jamil, Be, Orion, Mrtm, Anaí...

Ao povo guarani e às comunidades quilombolas e caiçaras do Vale do Ribeira, em especial das Tekoas Mandua Porã, Araçá Mirim, Amba Porã e do Quilombo do Mandira, pelo bem viver.

A Geni Nuñez e Tatiana Nascimento, pelos ensinamentos frequentes na minha *timeline*.

Aes artistas que inspiraram esta pesquisa: Jota Mombaça, Pedra Costa, Miro Spinelli e outres.

Aes criadores de conteúdo transgêneres que tanto me ensinaram nestes dois anos: Nick Nagari, Theo Souza, Stephan Costa, Thiago Peniche, Dhimonte, Lucyfer, Jupi77er, Jamilgr4u, Oltiel...

Aos amigos animais: Branco Leite, Cristal, Romeu, cobras, aranhas e galinhas pela parceria.

Aos seres encantados da floresta, pelas danças e guianças comigo, em mim e na vida-morte.

Quando digo que não sou mulher nem homem e que não acredito na mitologia masculino/feminino, em geral me dizem:

- "mas isso te foi imposto, ninguém pergunta teu gênero quando vão te agredir".

Vejam, eu obviamente sei dos efeitos violentos desse sistema, até porque já fui e sou alvo direto dele.

Agora, não é porque sofro com esse sistema que necessariamente irei reivindicar para mim os mesmos termos com os quais me nomeiam.

Pelo contrário.

Se me dizer mulher nunca me salvou das violências, porque devo continuar me definindo por um termo no qual não me vejo?

Esse binarismo de gênero vem sendo insuficiente há tanto tempo para nos descrever, há séculos sendo remendado, adjetivado, disputado.

Reinvidico meu direito de não fazer mais parte disso. Não mais desejo reciclar essa ideologia, nem ressignificá-la.

Peço que respeitem meu posicionamento, não sendo racistas em pressupor que essa recusa se faz porque não estudei o suficiente, que minha consciência sobre esse tema é superficial, por isso não entendi. A evangelização do gênero precisa ter fim.

Da mesma forma que quando alguém me diz: "Jesus te abençoe" eu por vezes digo amém, também é esse amém que digo quando me chamam de mulher. Entendo que é a religião de vocês, mas saibam que não é a minha.

Assim como uma nuvem não é mulher, nem o vento um homem, também não sou nada disso.

Todo binarismo, toda monocultura empobrece e simplifica o mundo.

Meu sorriso só se faz possível pela existência de trilhões de seres que tornam vívido "meu" corpo, nossa vida.

Somos floresta (Geni Núñez).

BERNARDES, Rene Will Gonçalves. “Quem são eles para definir quem somos?”: um enfrentamento decolonial à cisnormatividade branca através da performance arte no ensino médio no IFSP. 2021. Orientador: Cleber Rodrigo Braga de Oliveira. 135 f. il. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino e Relações Étnico-Raciais). Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal do Sul da Bahia, Itabuna, 2021.

RESUMO

Esta pesquisa narra uma criação de possíveis na educação através de diálogos e práticas de performance arte em uma intervenção pedagógica virtual em contexto pandêmico nas aulas de artes no ensino médio e em ações de extensão no IFSP campus Registro. Promovi discussões sobre colonialidade, cisnormatividade e racismo, disparando processos criativos de vídeo-performances sobre os atravessamentos destes nas vidas dos estudantes, utilizando uma Cartilha do Estudante criada como apoio reflexivo-criativo. Questionei como podem a arte e a educação subverter [C]istemas de colonização e criar alternativas à cisnormatividade racista, tramando uma metodologia inspirada na Escrevivência, Cartografia e Pesquisa-Intervenção. O produto é uma metodologia pedagógica que se pretende decolonial, registrada em suportes diversos. Aproximei performance arte e performatividade de gênero a partir da autorrepresentação do eu, narrei experiências precedentes no IFSP, a Residência PósPornoPyrata, experimentações performativas e atravessamentos da Covid-19. Houve participação expressiva de um terço des estudantes, o que pode ser devido ao convite ao diálogo, à costura dos temas, ao caráter virtual e intimista e à obrigatoriedade restrita ao primeiro encontro, permitindo uma participação mais interessada. Há uma naturalização inicial da cisgeneridade como processo dado. Muitas alunas denunciam uma sociedade misógina que lhes violenta, invade e coage, outras colocam sua cis-feminização como uma vivência tardia, mas que lhes chega na puberdade, algumas criticam a binariedade, performam além de expectativas cisnormativas e vêem gênero como processo em construção, já outras apontam racismo, gordofobia e processos de aceitação de si. Alunos lidos por mim como meninos heterossexuais não refletem sobre gênero e sexualidade, enquanto aqueles autodeclarados homossexuais sim. Propiciaram-se transformações pessoais e coletivas, com reflexões particulares em gênero e raça e desenvolvimentos potenciais. Confirmaram-se os diálogos e práticas performativas na educação que se pretendem decoloniais como caminhos potentes de enfrentamento à cisnormatividade racista e à criação de outros possíveis.

Palavras-chave: cisnormatividade; performance arte; performatividade de gênero; educação; relações étnico-raciais.

BERNARDES, Rene Will Gonçalves. "¿Quiénes son ellos para definir quiénes somos?": una confrontación decolonial a la cisnormatividad blanca a través del arte de la performance en la escuela secundaria en el IFSP. 2021. Asesor: Cleber Rodrigo Braga de Oliveira. 135 f. il. Disertación (Máster Profesional en Enseñanza y Relaciones Étnico-Raciales). Instituto de Humanidades, Artes y Ciencias, Universidad Federal del Sur de Bahía, Itabuna, 2021.

RESUMEN

Esta investigación narra una creación de posibles en la educación a través de diálogos y prácticas artísticas performativas en una intervención pedagógica virtual en contexto de pandemia en las clases de arte de la escuela secundaria y las acciones de extensión en el IFSP câmpus Registro. Promoví debates sobre la colonialidad, la cisnormatividad y el racismo, desencadenando procesos creativos de video-performances sobre los cruces de estos en la vida de los estudiantes, utilizando una Cartilla del Estudiante creada como soporte reflexivo-creativo. Me pregunté cómo el arte y la educación pueden subvertir los [C]istemas de colonización y crear alternativas a la cisnormatividad racista, desarrollando una metodología inspirada en la escritura, la cartografía y la investigación de intervención. El producto es una metodología pedagógica decolonial registrada en diversos medios. Abordé el arte de la performance y la performatividad de género desde la autorrepresentación del yo. Narré las experiencias previas en el IFSP, la Residencia PostPornoPyrata, las experimentaciones performativas y los cruces de Covid-19. Hubo una participación expresiva de un tercio de los alumnos, lo que puede deberse a la invitación al diálogo, a la costura de los temas, al carácter virtual e íntimo y a la obligación restringida al primer encuentro, lo que permite una participación más interesada. Hay una primera naturalización del cisgenerismo como proceso dado. Algunas estudiantes denuncian una sociedad misógina que las viola, invade y coacciona, mientras otras sitúan su cis-feminización como una experiencia tardía, pero que les llega en la pubertad. Otras critican la binaridad, actúan más allá de las expectativas cisnormativas y ven el género como un proceso en construcción. Otras señalan el racismo, la gordofobia y los procesos de autoaceptación. Los alumnos leídos por mí como chicos heterosexuales no reflexionan sobre el género y sexualidad, mientras que los autodeclarados homosexuales sí lo hacen. Se propiciaron transformaciones personales y colectivas, con reflexiones particulares sobre el género y la raza y su posible evolución. Los diálogos decoloniales y las prácticas performativas en la educación se confirmaron como formas potentes de enfrentarse a la cisnormatividad racista y de crear otras posibilidades.

Palabras clave: cisnormatividad; arte de la performance; performatividad de género; educación; relaciones étnico-raciales.

SUMÁRIO

1. Introdução: enfrentando a cisnormatividade branca pela performance no ensino 13

1.1. Sobre uma autoria e uma pesquisa não transparentes 22

1.2. A pesquisa (e a) intervenção: objeto, metodologia, relevância e objetivos 28

2.Trans-formaçõescartográficas-escreviventes-performativas 36

2.1. Experiências precedentes no IFSP câmpus Registro 37

2.2. Residência Póspornopyrata: zonas fronteiriças e uma branquitude *cuir* 43

2.3. Trans-gressões performativas e uma travessia em Itacaré 48

2.4. Cartografias pandêmicas, performativas e pedagógicas 57

3. Intervenção pedagógica no IFSP câmpus Registro 63

3.1. Aulas regulares de artes nas turmas de segundo ano do ensino médio 65

3.2. Encontros para diálogo e vídeo-performances 70

3.3. Ação de extensão das reflexões com estudantes interessades 92

4. Considerações Finais 105

5. Anexos 112

I. Cartaz da V Semana da Diversidade do IFSP câmpus Registro 112

II. Registros fotográficos da V Semana da Diversidade do IFSP Câmpus Registro 113

III. Cartilha do estudante: decolonialidade, racismo, cisnormatividade e performance arte 116

IV. Avaliação da intervenção pela professora Marta Estela (IFSP Câmpus Registro) 120

V. Questionário enviado a estudantes na Parte II da intervenção e suas respostas 122

6. Referências bibliográficas 131

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Minha performance *Rhythm s/n: uma homenagem a Abramovic* na I Mostra de Artes na V Semana da Diversidade do IFSP Campus Registro do IFSP.

Figura 2 – Cabeçalho da página Performances IFSP RGT no Instagram.

Figura 3 – Cartaz da V Semana da Diversidade do IFSP campus Registro.

Figura 4 – Palestra "Relações étnico-raciais no espaço escolar", por Evelyn Pinheiro; estudante Tacyane (Edif) na performance *Me gritaram negra*; mesa "Povos e comunidades tradicionais do Vale do Ribeira", com Ivo Rosa, do Quilombo Sapatu, de Eldorado/SP.

Figura 5: mesa "Povos e comunidades tradicionais do Vale do Ribeira", com Timóteo Verá Tupã Popygua, da aldeia guarani Tekoa Takuari, de Eldorado/SP.

Figura 6: *Transeuntes*, por Coletivo Ana Maria Amarela.

Figura 7: *Lavagem*, por Julio Meiron e estudantes do segundo ano do curso de Edificações.

Figura 8: encenação *(Re)existir*, por prof. Black Escobar e estudantes do IFSP câmpus São Paulo; performance *This is me*, por Douglas Sousa (Mec); dança *Quanto mais dor recebo mais percebo que sou indestrutível*, por Jhones Lira, amigo de estudante.

Figura 9: "Diversidade versus intolerância religiosa", com Mãe Michelle de Oxóssi, Pai Douglas de Oxóssi, Carla Arnoni e Penha Carvalho.

Figura 10: oficina de turbantes, por Michelle Pereira; performance da oficina "Dança e expressão corporal" do prof. Black Escobar; visita ao Quilombo do Mandira, com Chico Mandira.

1. Introdução

Enfrentando a cisnormatividade branca pela performance no ensino

> O perigo ao escrever é não fundir nossa experiência pessoal e visão do mundo com a realidade, com nossa vida interior, nossa história, nossa economia e nossa visão. O que nos valida como seres humanos, nos valida como escritoras. O que importa são as relações significativas, seja com nós mesmas ou com os outros. Devemos usar o que achamos importante para chegarmos à escrita. Nenhum assunto é muito trivial. O perigo é ser muito universal e humanitária e invocar o eterno ao custo de sacrificar o particular, o feminino e o momento histórico específico (ANZALDÚA, 2000: 233).

Este trabalho parte da premissa de que a ciência é sempre enviesada a partir de um determinado lugar e de uma abordagem específica não neutra e que, quando não assumo isso, opero uma lógica colonial que universaliza as subjetividades hegemônicas e marginaliza outras como desviantes. Portanto, recuso a "transparência" (SPIVAK, 2010) que se crê neutra e sem lugar: o ocultamento da perspectiva do teórico que não localiza a posição a partir de onde fala, colocando-se como Eu universal que lê e explica o Outro, desviando-se de sua responsabilidade institucional e agindo como um "sujeito clandestino do poder e do desejo" (SPIVAK, 2010).

Nomeio, portanto, o corpo-território em que me assento e a partir do qual me relaciono – ou *guapyá*[1]. Sou Rene Will, trans não binárie de 30 anos, pansexual, não monogâmique, de classe média, magre, sem deficiência, crescide na zona norte paulistana, docente de artes na rede pública federal, licenciade em Artes Plásticas pela Universidade de São Paulo, moradore da área rural de Cananeia no litoral sul paulista e nete de portugueses de ascendência moura. Não me vejo branque, por carregar vivências de inferiorização, preterimento e exotificação devido à minha pele e racialidade, especialmente em locais de predominância branca, mas sou lide como tal em distintos outros contextos, estando por vezes em lugar de branquitude.

Escrevo "autohistórias", como Gloria Anzaldúa (2000), escritora lésbica chicana e primeira autora a utilizar o termo *queer* para se referir a pessoas não cis-heteronormativas. Anzaldúa cria o arquétipo de *la mestiza*, que, fragmentada por racializações diversas, acolhe suas controvérsias, com a qual sinto identificação. Como trans não binárie, noção que implode a dualidade homem/mulher como gêneros ditos únicos e opostos, fluo entre estes, neutralidades, ageneridades e outres, alternando pronomes masculinos, femininos e neutros. Observo que existem múltiplas subjetividades trans, transgêneras, transexuais, travestis, não bináries etc.

[1]Na acepção guarani passada por Anthony Karaí Poty no curso Língua e Cultura Guarani Mbyá, em 11/02/2021.

com entendimentos diversos e legítimos sobre como se (des)organizar politicamente em torno (ou não) destas nomenclaturas, e não é meu intuito prescrever novas normatividades.

Em razão de performar passabilidades cisgêneras e por ter acessos dignos à moradia, saúde, educação e trabalho, entendo que os atravessamentos que me perpassam são distintos dos de pessoas que se relacionam sob outros lugares sociais subalternizados. Logo, abstrair a complexidade de pessoas com alguns marcadores em comum em equiparações superficiais seria questionável. Busco partir de meus acessos para a desconstrução do [C]istema[2]:

> enquanto referência à Grosfoguel (2012, 339), que caracteriza um "[c]istemamundo ocidentalizado/cristianocêntrico moderno/colonial capitalista/patriarcal" que produz "hierarquias epistêmicas" em que – na leitura específica desta dissertação – perspectivas não cisgêneras são excluídas, minimizadas ou silenciadas. A corruptela 'cistema', entre outras corruptelas do tipo, têm o objetivo de enfatizar o caráter estrutural e institucional – 'cistêmico' – de perspectivas cis+sexistas, para além do paradigma individualizante do conceito de 'transfobia' (VERGUEIRO, 2015: 15).

A exemplo dessa pesquisa, na qual se produz e analisa uma intervenção pedagógica em oito encontros virtuais nas aulas de artes no ensino médio e em ações de extensão no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), câmpus Registro, através de diálogos e criações em performance arte como meio de enfrentamentos decoloniais na educação à cisnormatividade branca – no sentido adjetivo de uma branquitude eurocentrada que se pretende universal, componente das racialidades brancas e reproduzível pelas demais, e origem das noções binaristas, essencialistas e genitalizantes de gênero e sexualidade ocidentais.

A princípio, estas seriam realizadas em aulas de artes presenciais no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) campus Ilhéus, Porto Seguro, Eunápolis ou Seabra, a depender do aceite da Direção Geral de algum dos *campi*. Porém, com a pandemia da Covid-19, o plano remodelou-se para uma intervenção pedagógica virtual de quatro semanas nas aulas de artes do IFSP campus Registro, meu local de atuação, e em uma ação de extensão de quatro quinzenas com estudantes interessados, realizadas nos meses de setembro a novembro de 2020 nas plataformas *Moodle* e *Google Meet*, em que foram realizados diálogos e produções em performance arte sobre decolonialidade, cisnormatividade e racismo.

O produto da pesquisa é o desenvolvimento de uma perspectiva metodológica de uma pedagogia decolonial no ensino em relações étnico-raciais e de gênero, por meio de diálogos e de práticas em performance arte. O processo está registrado em um site[3], que disponibiliza esta

[2] "O sistema social que não tem e nunca teve pessoas trans nos mais altos cargos políticos, econômicos e institucionais é um CIStema social" (LEAL, 2018:123), como se enfatiza na citação a seguir.

[3] Disponível em: quemsaoelesparadefinirquemsomos.wordpress.com/roteiro. Acesso: 12/07/2021.

pesquisa na forma desta dissertação, uma cartilha reflexivo-criativa criada como apoio ao processo pedagógico, assim como o roteiro didático e vídeos das produções artísticas geradas no processo. A Cartilha do Estudante (Anexo III) foi produzida em julho de 2020, enviada aos estudantes e aqui anexada, embora sejam desejáveis algumas alterações para sua utilização.

Desenvolvo uma pedagogia que se pretende decolonial, inspirada em pensamentos do Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C) e seus desdobramentos em gênero e arte e educação. Este busca marcar, segundo Luciana Ballestrin (2013), a América Latina como o continente de fundação do colonialismo racista da modernidade; o reconhecimento da diferença colonial entre os sujeitos atravessados por distintos marcadores sociais; a estrutura de colonialidade do poder, do saber e do ser como continuidade da colonização e do imperialismo após as descolonizações políticas dos países do chamado terceiro mundo; a decolonialidade como uma pluralidade de ações para a libertação humana, na busca de construir modernidades alternativas à Ocidental. Discorrendo sobre a dissolução do Grupo Latinoamericano de Estudos Subalternos, do qual surge o Grupo M/C, Grosfoguel (2008) elucida motivos para nos desvincularmos destas teorias:

> [...] [o]s latino-americanistas deram preferência epistemológica ao que chamaram os "quatro cavaleiros do Apocalipse", ou seja, a Foucault, Derrida, Gramsci e Guha. Entre estes quatro, contam-se três pensadores eurocêntricos, fazendo dois deles (Derrida e Foucault) parte do cânone pós-estruturalista/pós-moderno ocidental. Apenas um, Rinajit Guha, é um pensador que pensa a partir do Sul. Ao preferirem pensadores ocidentais como principal instrumento teórico traíram o seu objetivo de produzir estudos subalternos. (...) Entre as muitas razões que conduziram à desagregação do Grupo Latino-americano de Estudos Subalternos, uma delas foi a que veio opor os que consideravam a subalternidade uma crítica pós-moderna (o que representa uma crítica eurocêntrica ao eurocentrismo) àqueles que a viam como uma crítica descolonial (o que representa uma crítica do eurocentrismo por parte dos saberes silenciados e subalternizados). Para todos nós que tomamos o partido da crítica descolonial, o diálogo com o Grupo Latino-americano de Estudos Subalternos tornou evidente a necessidade de transcender epistemologicamente – ou seja, de descolonizar – a epistemologia e o cânone ocidentais (GROSFOGUEL, 2008: 116).

Desenvolvo uma estratégia científico-artístico-político-pedagógica contra a cis-heteronormatividade branca, evito nova colonização pelo uso do termo *queer*, utilizando sua derivação latinizada, *cuir*. O termo, segundo Sayak Valencia (2015), possui origem etimológica na palavra latina "torquere", visando "torcer" ou "distorcer" os padrões cis-heteronormativos.

> Cuir, representa una ostranienie (desfamiliarización) del término queer, es decir, una desautomatización de la mirada lectora y registra la inflexión geopolítica hacia el Sur y desde las periferias en contraofensiva a la epistemología colonial y a la historiografía anglo-americana. Así, el desplazamiento del queer al cuir refiere a un locus de enunciación con inflexión decolonial, tanto lúdica como crítica (VALENCIA, 2015: 15).

Segundo Dodi Leal (2018), há no Sul global epistemologias bichas, sapatonas, trans e travestis muito tempo antes do termo *queer* surgir nos meios acadêmicos dos EUA e Europa. "Entender a teoria *queer* desde o Sul? Como se não houvesse uma teoria *queer* que fosse desde

sempre diáspora, mistura, encruzilhada. (...) Entender o sentido da encruzilhada, Exu, é viver sem fronteiras, como já falava Anzaldúa" (GADELHA, 2017: 458).

> É preciso ressaltar que a categoria *queer* cada vez mais incidente nos países do Norte tem uma matriz diaspórica, ou seja, somos nós (do Sul, do CU do mundo) que construímos historicamente as formas anticoloniais de desobediência de gênero, na qual a forma travesti é simultaneamente protagonista e resultante. Aprendemos com Pêdra Costa que é preciso trazer de volta o CU ou KU ao *queer* e devolver o kuir para a rua de onde nunca deveria ter saído (LEAL, 2018: 142).

Importa definir algumas noções de gênero aqui utilizadas para melhor compreensão. Cisgeneridade é a identidade de pessoas cuja "experiência interna e individual do gênero" corresponda ao "sexo atribuído no nascimento" (JESUS apud VERGUEIRO, 2015: 44).

Transgeneridade é a identidade daquelas que não se identificam com o mesmo, isto independe de que se estas buscam ou não se assemelhar ao dito cis-gênero oposto, na forma transexual hegemônica (LEAL, 2018). Esta atribuição (ou cisgenerificação) se dá a partir da associação de certas características anatômicas e cromossômicas a um gênero dito correspondente às mesmas e reificado ao longo da vida através da cisnormatividade. O emprego deste conceito problematiza "as hierarquias de autenticidade e inteligibilidade entre corpos e identidades de gênero" (VERGUEIRO, 2015: 47), ao passo que seu apagamento supõe pessoas cis como mais autênticas que pessoas trans. "Nomear a norma é o primeiro passo rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência, pois a norma é o que não se nomeia, e nisto consiste o seu privilégio" (MOMBAÇA, 2016). Nomeá-la é apontá-la em sua especificidade local, desafiando sua hegemonia como padrão universal. Assim, ao apontar a cisnormatividade, este trabalho a desnaturaliza e coloca-se contra a compulsoriedade desta sobre os corpos. Dodi Leal (2018) deriva deste conceito a noção de cisgenerificação compulsória, que trata dos vários momentos em que, desde nascer e ao longo da vida, somos tensionados socialmente a performar um determinado gênero a partir do dito sexo biológico.

Cisnormatividade, para Viviane Vergueiro (2009), é o que funda a cisgeneridade como norma e a transgeneridade como desvio. A cisnormatividade produz, por meio de "dispositivos de poder interseccionalmente situados, efeitos colonizatórios sobre corpos, existências, vivências, identidades e identificações de gênero" (VERGUEIRO, 2015: 43) não normativas.

> Perceber, desde o princípio, que *todas/os* nós fomos cisgenerificadas compulsoriamente ao nascer. Usando a desculpa do órgão genital como constitutivo do gênero, que é da ordem subjetiva e social, nossos corpos aprenderam a ser homem e a ser mulher não somente dentro do quadro estereotipado/arquetípico do feminino e do masculino. Isso é parte do problema. O que é preciso dizer é que nossos corpos aprenderam a ser homem ou a ser mulher, numa perspectiva cisnormativa, porque tinham que ser. O problema também está aí. Felizmente alguns corpos desaprendem

> a ser cis-homem e outros alguns corpos desaprendem a ser cis-mulher. E aprendem outras possibilidades (LEAL, 2018: 35).

Para Vergueiro (2015), a noção se caracteriza pela construção de uma binariedade (homem/mulher), uma pré-discursividade inata e uma fixidez do gênero ao longo da vida, enquanto a autodefinição flexível (OLIVEIRA, 2017) é passível de transformação. Mesmo pessoas cisgêneras sofrem pressões da cisnormatividade, sendo impedidos ou coagidos a performarem certas práticas associadas ao gênero atribuído ao seu nascimento.

A cisnormatividade também se replica no âmbito da heterossexualidade compulsória, pois, segundo Amara Moira[4], ainda que gênero e orientação sexual sejam categorias distintas, ambas são muito conectadas no imaginário hegemônico no Brasil. A higienização cis-heteronormativizante, para Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017), é a imposição de padrões que discrimina e busca eliminar pessoas trans, travestis e não heterossexuais. Portanto, alterna-se o uso dos termos cisnormatividade e cis-heteronormatividade neste trabalho.

Ao longo do trabalho, porém, enfatizo a noção de cisnormatividade por entender a legibilidade das performatividades trans-gressoras[5] como visualmente precedentes nas relações sociais, visto que, para Judith Butler (2003), gênero é performatividade, ou a repetição de um conjunto de gestos, ações e signos, como uma atuação de si para si e para o outro, a partir de referências construídas e reiteradas ao longo da vida. Pessoas não heterossexuais são mais discriminadas quanto mais sejam lidas como "afeminadas" ou "masculinizadas", ou seja, quanto mais a cisnormatividade é posta em questão em seus corpos. Para Oliveira (2017), a bicha (pessoas cisgenerificadas como homens, mas com performance dita "afeminada", semelhante ao que se espera de uma mulher) e a mulher paciente (pessoa cisgenerificada como homem que realizam atividades sexuais ditas "passivas") são exemplos de gêneros não binários, pois mesclam performances masculinas e femininas, e não apenas orientações sexuais.

A pedagogia do armário (OLIVEIRA, 2017) é um modo de criação das pessoas não cis-heterossexuais que as submete ao ocultamento ou desprezo, "tolerando-as" enquanto não transpareçam performativamente ao mundo, ou seja, permaneçam cisnormativos. Igualmente, a pedagogia do insulto consiste no modo de criação de pessoas não heterossexuais e/ou não brancas, a qual se utiliza da desmoralização pública devido à sua orientação sexual e/ou raça.

[4] Conferência *Saberes Transtornantes* no I Seminário em Rede da UFSB em 10/08/2020, disponível no canal do Auditório Virtual da UFSB no YouTube, no link: youtube.com/watch?v=DAtuEbGp9Uo. Acesso em: 13/07/2021.

[5] Escrevo daqui em diante a palavra "trans-gressor" com hífen para enfatizar as transgressões à cisnormatividade.

Por outro lado, o armário de vidro seria a exposição de sua transgeneridade e/ou orientação sexual, independentemente das tentativas frustradas de adequação à cis-heteronormatividade.

Segundo Helena Vieira[6], a heterossexualidade se organiza não apenas como expressão de um desejo, mas como forma de ordenamento político: heterossexualizamos a tudo e a todes com base na ideia de complementaridade entre pênis e vagina, que é, por si, cisnormativa e genitalizante. Para ela, homem e mulher são gêneros hegemonicamente considerados opostos e complementares que devem se completar no encontro, como se o acoplamento pênis e vagina correspondesse ao destino humano. Já o imaginário hegemônico sobre homossexualidade é igualmente cisnormativo e genitalizante, por reduzir-se à atração entre pessoas cis que possuem os mesmos órgãos genitais e ignorar, por vezes, as relações afetivo-sexuais entre pessoas trans.

Para a autora, são inventadas ainda *heterossexualidades* que permitem práticas sexuais entre homens cisgêneros, como a chamada "brotheragem", em que estes podem permanecer em posição de poder como homens cis-heterossexuais, desde que não cultivem afetividade e "trejeitos" afeminados. Por outro lado, pessoas de outras orientações sexuais assumidas são consideradas "menos homens" ou "menos mulheres", corroborando a entender estas como uma questão de gênero, e não apenas de práticas sexuais e afetivas. Deste modo, a cisnormatividade abarca a heteronormatividade, mas não necessariamente é abarcada por ela.

Se gênero é performatividade, a noção de performance é trazida por Josette Féral (2009) a partir de duas definições. A primeira inclui "todas as formas de manifestações teatrais, rituais, de divertimento e toda manifestação do cotidiano" (SCHECHNER apud FÉRAL, 2009: 199).

> Schechner ampliava ali a noção para além do domínio artístico para nela incluir todos os domínios da cultura. Em sua abordagem, a performance dizia respeito tanto aos esportes quanto às diversões populares, [tanto] ao jogo [quanto] ao cinema, [tanto] aos ritos dos curandeiros ou de fertilidade [quanto] aos rodeios ou cerimônias religiosas. Em seu sentido mais amplo, a performance era "étnica e intercultural, histórica e a-histórica, estética e ritualística, sociológica e política" (Ibidem, 198-199).

A segunda traz a performance em seu sentido "essencialmente artístico", estético, não antropológico, que segundo Féral (2009) domina a maior parte dos departamentos das artes do espetáculo, trazido por Andreas Huysen e pelas chamadas vanguardas, e que abalou a visão de arte nas décadas de 70 e 80. Aqui conecto a performance arte ao sentido antropológico de performance em Schechner (2009) e de performatividade de gênero de Butler (2003), numa aproximação com Erving Goffman (2007), para quem o comportamento do sujeito na vida

[6] Na aula *A invenção da heterossexualidade* em 26/01/2021, disponível no canal Pausa para o Fim do Mundo no YouTube, no link: youtube.com/watch?v=mt2dbhRYAE4. Acesso: 26/01/2021.

cotidiana pode ser visto como auto representação. Deste modo, performance de gênero pode ser lida como expressão de performance arte, o que busquei abordar nas aulas de artes.

Observo a cisgeneridade impressa em nós e implodo essa fortaleza – cuidando ainda de nossa saúde mental, pois chegar a níveis de fragmentação em que há vontade individual de morte não me parece um caminho eficaz para uma descolonização que se pretende coletiva. É mais efetivo estar vivo para um compartilhar de implosões. No caso desta pesquisa, isto se dá através da mediação e da criação em performance arte nos espaços de trocas educacionais.

A aula de artes no ensino médio é um espaço privilegiado de diálogo entre cocriadores de um processo de observação de nossas estruturas e de experimentação na reforma das corpas, não para gerar uma nova construção sólida, mas para gerar um movimento permanente de performances artísticas e de gênero dificilmente legíveis pelos operadores coloniais.

Estes, porém, também se renovam, como um vírus atualizável em novos modos de dominação, demandando ainda novas formas de resistência. A escola é uma célula do mundo, que nos une e separa ao mesmo tempo no encontro, onde estamos nos experienciando, mas nem sempre assumindo nosso estado de constante movimento. A escola não é um lugar de ensaio, mas sim o próprio mundo, nela o recriamos constantemente, e a aula de artes o faz de modo mais intencional. Quando na escola se discute o que é arte, por vezes supõe-se que seja separada da vida, porém há entre elas uma sincronicidade. Quando se trata da performance arte, então, a discussão se torna uma série de sinônimos, borrando as fronteiras entre os termos.

> Tomando como ponto de estudo a expressão artística performance, como uma arte de fronteira, no seu contínuo movimento de ruptura com o que pode ser denominado "arte-estabelecida", a performance acaba penetrando por caminhos e situações antes não valorizadas como arte. Da mesma forma, acaba tocando nos tênues limites que separam vida e arte.
>
> A performance está ontologicamente ligada a um movimento maior, uma maneira de se encarar a arte; A *live art*. A *live art* é a arte ao vivo e também a arte viva. É uma forma de se ver arte em que se procura uma aproximação direta com a vida, em que se estimula o espontâneo, o natural, em detrimento do elaborado, do ensaiado (COHEN, 2002: 37-38).

A performance arte é uma linguagem híbrida, atualizada no presente que prescinde das separações hegemônicas entre obra, artista, público e re/a/presentaçãos, bem como entre circuito oficial e tempo-espaço cotidiano. Nascimento (2017) endossa esta noção de presença:

> A repetição está ligada à ideia de restauração, como na relação com a teoria de Goffman (2007), na qual restaurar é diferente de simplesmente repetir, pois não implica em "fazer igual", mas que a cada restauração de comportamento este se atualiza, incorporando novos sentidos. Nessa perspectiva, devemos considerar que a restauração de um evento permanece sempre atual, no aqui-agora, da relação perceptual de repetição daquele instante presente. Assim, esse caráter de repetição que

> evoca a ideia de restauração deve ser visto de acordo com o fluxo heraclitiano da vida, implícito na noção de performance (NASCIMENTO, 2017: 50).

A performance arte, assim, se redimensiona quando se trata do tema de gênero, reconhecido como performativo, no sentido de Butler (2003), como a repetição estilizada de gestos e posturas diante de situações. Segundo Valencia (2015), a performatividade de gênero em Butler (2003) é uma performance que devemos encarnar para participar da coreografia social do gênero, que conta com um sistema de castigos e recompensas segundo nosso desempenho na reprodução do papel que nos foi designado socialmente. As performances de gênero se tratam, assim, de uma atuação construída, tal qual uma manifestação artística.

> O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2003: 244).

Assim, refiro-me em alguns momentos de modos distintos à performatividade de gênero e à performance arte, e em outros momentos assumo uma simultaneidade entre ambas, ao entender as performances de gênero como artísticas também. Para Renato Cohen (2002), a performance arte é, primordialmente, uma expressão cênica, sendo composta da tríade atuante, texto e público, e é entendida "como uma função do espaço e do tempo P = f(s, t); para caracterizar uma performance, algo precisa estar acontecendo naquele instante, naquele local" (COHEN, 2002: 28). O atuante não precisa ser necessariamente humano; o texto não precisa ser verbal; o espectador é implicado na forma estética, mas não na forma ritual, na qual este se torna participante; o espaço pode ser qualquer um que acomode atuantes e público; e o tempo é o mais amplo possível, podendo consistir em segundos, dias ou anos. O autor considera-a uma linguagem híbrida, entre as artes plásticas e as cênicas, originada na primeira e sendo a "evolução dinâmico-espacial" desta em direção à segunda como finalidade.

Bacellar (2016) traça paralelos entre a performance arte e os feminismos interseccionais e discorre sobre a potência da performance nos assuntos de gênero, corpo e sexualidade, a partir do pensamento de Mayer, Warr e Jones. Segundo Mayer, citada pela autora, a performance quer nublar a fronteira entre arte e vida, assim como os feminismos com a linha entre pessoal e político.

> A crítica à desincorporação dos sujeitos que detêm o poder de criar significados dominantes vem sendo operada via dispositivos artísticos como, por exemplo, performances a partir das quais as pessoas desenvolvem as ações se valendo de seus próprios corpos como mote e suporte da criação (BACELLAR, 2016: 64).

A autora traz a análise sobre a descentralização do sujeito cartesiano na performance, feita por Jones: “a intersubjetividade que se dá entre artista e público quando o corpo da/o/x performer é o objeto artístico da performance, a contingência de todo o significado e da noção de alteridade, a mudança no regime de recepção da obra de arte e o abalo do modelo kantiano de julgamento estético desinteressado” (BACELLAR, 2016: 66). Neste sentido, “o gesto de revelar a particularidade do próprio corpo é um importante gesto e uma poderosa estratégia usada também em teorias e epistemologias feministas para desafiar a objetividade científica desincorporada e os discursos totalizadores” (BACELLAR, 2016: 68). “Se o performer investiga a potência dramatúrgica do corpo, é para disseminar reflexão e experimentação sobre a corporeidade do mundo, das relações, do pensamento [...]. Se o performer evidencia o corpo, é para tornar evidente o corpo mundo” (FABIÃO apud BACELLAR, 2016: 73).

Dodi Leal (2018) sugere que “a performance se dá em uma ação interativa em que o/a performer é um/a catalisador de narrativas dispostas em ação” (LEAL, 2018: 358). Ela é “uma forma de arte cujo substrato é dado pela intersubjetividade e tem como tema central o estar-juntos/as, o ‘encontro’ entre observador/a e [obra], a elaboração coletiva do sentido” (BOURRIAUD apud LEAL, 2018: 357), encontro que se potencializa no campo da educação.

Se assumirmos a identificação entre Arte e Vida, o que resta para identificar performance arte e performance de gênero? Se o fazemos na escola, assumindo-a como parte do mundo, onde a revolução é atualizada no tempo-espaço presente, como uma Zona Autônoma Temporária (BEY, 2001), reconhecendo adolescentes como sujeitos tanto quanto os adultos, então esta coletividade humana, de alguma forma protegida pela sensação de artificialidade que a arte e a escola proporcionam, abrem-se *grietas* que constroem realidades alternativas às estruturas cis-heteronormativas, misóginas e racistas. A partir desta estratégia de resistência decolonial, o rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995) das ações se multiplica em uma pluralidade de sentidos insubmissos à marginalização perante um discurso dominante.

> Na primeira parte do livro Os Condenados da Terra, Fanon afirma que a descolonização é um projeto de desordem total, uma vez que tem como horizonte radical a destruição de todos os regimes, estruturas e efeitos políticos instaurados pela colonização. Não se trata de encontrar um consenso, ajustar o mundo e conformar a diferença colonial num arranjo pacífico. A situação colonial não permite conciliação, porque é sempre já assimétrica; ela se funda na violência do colonizador contra as gentes colonizadas, e se sustenta no estabelecimento e manutenção de uma hierarquia fundamental perante a qual a colonizada pode apenas existir aquém do colonizador. Não há negociação ou reforma possível, portanto (MOMBAÇA, 2016: 15).

1.1. Sobre uma autoria e uma pesquisa não transparentes

Passo agora a me localizar como pessoa marcada por gênero, raça e classe, pesquisadora em gênero, raça, performance arte e educação, para explicitar de onde emerge esta pesquisa. Importa apontar meu lugar de fala, termo popularizado no Brasil através de Djamila Ribeiro (2019), ou a posição de um sujeito em seus marcadores sociais, a partir dos quais se relaciona.

> Todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de locus social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar, e como esse lugar impacta diretamente a constituição dos lugares de grupos subalternizados (RIBEIRO, 2019: 58).

Importa ainda questionar o quanto identidades normativas e credenciais institucionais definem, de fato, o lugar de um corpo, pontuando, portanto, a reflexão de Camila Bacellar (2016) sobre a validade de categorias sociais de identidade, que são, para a autora:

> Ferramentas do sistema colonial/moderno que atendem a lógica da biopolítica e do capitalismo. Estas não deixam de ser importantes para as disputas políticas por direitos mas ao mesmo tempo é preciso entender que tais categorias são naturalizações – e ficções – altamente violentas e arbitrárias já que a afirmação da existência de gênero e de diferença sexual, para ficarmos com dois exemplos, é altamente problemática porque baseada em discursos médico-jurídicos heteronormativos que pressupõem que existam somente dois gêneros opostos, masculino e feminino, e que as anatomias corporais são passíveis de dividirem os corpos em dois grandes grupos, também opostos (BACELLAR, 2016: 64).

Aos doze anos, criei uma história em quadrinhos com sete meninas *cuir* marginalizadas na escola (um conjunto d'eus). Apenas comecei, pois um bloqueio criativo me paralisou. Apenas comecei no circo, capoeira, *le parkour*, *skate*, *kung fu*, pois lutas, esportes e práticas corporais que consistiam na apropriação do espaço público, do próprio corpo e autodefesa eram limitados aos corpos cisgenerificados como femininos. Na numerologia[7] sou o número 1, iniciador de caminhos, ansioso, desejante: *I Will*. Na astrologia[8] Chinesa sou a cabra, indomável e persistente; já na ocidental sou gêmeos com lua em libra e ascendente em virgem, do que se pode dizer, com alguma licença poética, que vivo em ideias aéreas e algum pé na terra. Rene

[7] "A numerologia, como é conhecida atualmente, foi desenvolvida a partir dos fundamentos propostos por Pitágoras, cujas idéias o levaram a utilizar a teoria dos números 'para explicar o sistema cósmico e a criação" (VIEIRA, 2005, p. 56-57).

[8] Astrologia "é a arte divinatória baseada num conhecimento preciso dos movimentos dos astros na abóbada celeste em suposta relação com os episódios felizes e nefastos da vida humana" (HUTIN apud VIEIRA, 2005, p. 49-50).

renasce em ciclos duais: renascide; não-binárie; gêmeos/balança; espelho lunar no Sincronário da Paz (espécie de apropriação ocidental do calendário maia); filhe de Oxumarê/Angorô.

> Òrisá da mobilidade e da alternância, da continuidade e da permanência (...). Oxumarê é o Òrisá dos pares, das oposições e dos contrastes. É o controlador dos ciclos da vida e da natureza. É a divindade que estabelece as ligações entre o céu e a terra, entre os humanos e os seres divinos (SOUZA, 2017: 108).

Enquanto os gêmeos viajam nessas constelações de ideias, a virgem vigia, aterrada em Nanã, mais antiga divindade das águas, mãe de Oxumarê, "senhora da memória ancestral, quem domina a vida e a morte. Divindade muito exigente no que diz respeito à disciplina, (...) simboliza a possibilidade de restituição, de surgimento de novas vidas a partir das mortes" (SOUZA, 2017: 112). Esta me cobra responsabilidade material e ação concreta. Nanã é meu segundo *òrisá*, segundo um jogo divinatório feito pela mãe de santo Michelle de Oxóssi, da umbanda, em 2019, em Registro, sul paulista. Oxumarê veio como meu primeiro *òrisá* neste e em outro jogo, como *nkisi* Angorô, feito pelo pai de santo Tata Unyanganga, do candomblé angola, em Ilhéus, sul baiano. Tais leituras reforçaram minha prévia identificação com este *òrisá* e sua mãe, associados às fronteiras entre vida e morte, céu e terra, feminino e masculino.

Vale dizer ainda que Ibã Isaías Sales, cantador e liderança indígena *huni kuî* no Jordão, Acre, em 2014 me concedeu o nome Ushë, que em *hatxa kuî* significa "lua" e é considerado masculino, reafirmando uma transgeneridade que me constitui. Fui nomeado também Nitattva por um mestre de *kriya yoga*, método de meditação baseado no controle da respiração, nome este que para ele significa "eterno" ou "inominável". De todos estes, chamei-me Rene Will: renascide, segundo meus pais; e *will*, desejante, buscadore, venusiane, com uma estrela d'alva no peito como guia, a partir de um auto-batismo aos treze anos na laje de minha melhor amiga.

Estas identidades e vivências no campo do místico e do espiritual também me marcam politicamente, visto que marcam a subjetivação e socialização por meio do contato e experiências que tive com cosmologias de diferentes povos, ainda que de modo não exclusivo ou detido com profundidade nos estudos e práticas de cada uma delas, e muitas vezes pela mediação de pessoas brancas, marcando ainda o modo como me vejo e me coloco no mundo, de modo simbólico.

Nasci e cresci no Parque Novo Mundo, bairro periférico da zona norte a média distância do centro de São Paulo. Meu avô, Adelino Feijão, trabalhou em Portugal desde criança em troca de pão e nunca foi assumido por seu genitor, patrão e agressor de sua mãe. No Brasil, porém, pôde ascender às custas da exploração da população negra e indígena, de sua esposa, Joaquina, e de suas filhas, tornando-se dono de casas na zona norte de São Paulo e de uma chácara no

interior, sendo hoje boa parte de seus netos servidores públicos graduados. Deste modo, eu era a única dentre os vizinhos que estudava na escola particular do bairro, na qual era a mais tímida e menos branca ou autoconfiante, preferia a rua, onde meu nome era Doida e brincava todos os dias em aparente equidade e sem binarismos de gênero. Sugeri à diretora criar bolsas para meus amigos, mas ela me preferia no lugar de aluna mais *nerd* e obediente da escola do que de revolucionária.

Não queria ser "patricinha", como as colegas que diziam que "mulher que é mulher tem que usar salto alto, saia, batom". Na oitava série, minhas poucas amigas também se tornaram cor de rosa choque, então me aproximei dos meninos, mas eles preferiam as meninas mais (brancas) bonitas. Elas, por sua vez, me aconselhavam a usar saia, maquiagem e "ser mais adolescente", mas eu preferia usar bonés, calças jeans rasgadas, camisetas largas, moletons pretos, ouvir rock e reggae e fazer esportes e trilhas no Parque Estadual da Cantareira, onde imitava minha irmã mais velha bruxa e endeusava a "mãe natureza". Gostava de me desenhar com cabelos diferentes, criar personagens masculinizadas e treinar parada de mão.

Concluí que aquele lugar não pertencia a mim e fui fazer o ensino médio no Centro Federal de Educação Tecnológica de São Paulo (CEFET-SP), hoje IFSP, e curso técnico de Design Gráfico na Escola Técnica Estadual (ETE) Carlos de Campos, nos quais minha outra irmã havia estudado, sendo ambos no centro da cidade e formados por um maior diálogo nas diferenças de raça, classe e gênero. No início dos anos 2000 parei de usar desodorante e passei a usar saia quando conheci identidades em que esta peça não era associada a fragilidade e hiper-feminização, mas, sim, representava conforto na identidade *hippie*, e um desafio ao esperado bom comportamento na roqueira. A interação social e a bissexualidade me apresentaram feminilidades até então desconhecidas e com as quais tive maiores afinidades, tendo também mais apreço pelo meu corpo de 15 anos, aos 17 tive meu primeiro namoro longo e virei *moça*.

Apeguei-me à cisgeneridade feminina durante dez anos, quando abandonei o circo, *le parkour*, a capoeira, o *skate* e minha performance de "mano", na qual buscava expressões ditas masculinas. Fiz Licenciatura em Artes Plásticas com foco em gravura, performance e fotografia na USP, onde entrei no Grupo de Teatro da Poli e no Sete Onças Confraria Cênica, ambos sob direção de Bia Svat, nos quais fomos introduzides a distintos métodos de teatro performativo, composto por alguns elementos da performance, quais sejam:

> transformação do ator em performer, descrição dos acontecimentos da ação cênica em detrimento da representação ou de um jogo de ilusão, espetáculo centrado na imagem e na ação e não mais sobre o texto, apelo à uma receptividade do espectador de

> natureza essencialmente especular ou aos modos das percepções próprias da tecnologia (FÉRAL, 2009: 198).

Gostava dessa interação entre o desenho bi e tridimensional, que são o risco e o corpo: o risco enfatizando o corpo e o mundo; o corpo como um instrumento ou suporte para riscar no mundo. Interessava, portanto, a intervenção urbana, a dança na rua e o grafite, desejos também descuidados devido aos limites que corpos feminizados ocupam no espaço público. Conheci o Contato Improvisação[9] em oficinas e *jams*, conduzindo oficinas anos depois e pesquisando possíveis usos deste na educação, em uma especialização em Arteterapia Escolar.

Tive minha primeira relação não monogâmica com Ty Fé, estudante de Artes Cênicas, que me introduziu a uma cultura alternativa eco-holística (que conheci de perto posteriormente) e que anos mais tarde se reconheceu trans não binárie e me apresentou a não binariedade. Com elu, realizei performances coletivas na Festa Dionisíaca no Terreiro Grego, uma festa que celebrava a nudez e a liberdade sexual, frequentada, porém, por homens que assediavam as performers e outras mulheres. Participei do grupo da Oficina de Dança e Expressão Corporal da Galeria Olido por dois anos, dançando em eventos culturais, universitários e na cidade.

Findo o grupo de teatro e o namoro, entrei em uma casa espiritual *adwaita tantra sahajyia*, uma linhagem hinduísta não-dualista, ou seja, que transcende binarismos como bem e mal, espírito e matéria, sagrado e profano, onde se consagrava *ayahuasca*, um chá enteógeno próprio de povos indígenas amazônicos, trazido, na cosmologia *huni kuî*, pela jiboia encantada *yube shanu*, que me remete a Oxumarê. Na casa se reverenciava o corpo, a arte, a sexualidade e a força ou mistério divino nas formas feminina, masculina e andrógina, por reinterpretações de cosmologias hindus, africanas, indígenas e europeias, onde por cinco anos me subjetivei nos discursos do *acharya* (iniciador) sob uma espécie de não binariedade espiritual que, porém, no plano orgânico se partia na identificação de útero e vagina com forças femininas e pênis com masculinas. Saí, depois, devido a abusos ocorridos contra mulheres e pessoas trans.

Nesse meio tempo, graduei-me e viajei por um ano em comunidades holísticas nas Chapadas Diamantina e dos Veadeiros, aldeias *huni kuî* no Acre e em cidades e ruínas na Bolívia e Peru, buscava um encontro com algo primordial, cavernoso, uterino: engravidei.

---

[9] Contato Improvisação é um método de dança baseado no contato físico, na troca de pesos e na simultânea responsabilidade de condução entre os dançarinos, visando a criação-execução espontânea de movimentos livres, minimizando o esforço físico e mantendo a segurança. Foi criado por Steve Paxton, em 1974, nos EUA. Influenciado pela Dança Moderna, buscou ir além de seu referencial, Merce Cunningham, unindo-se a Nita Little, Nancy Smith e outros na criação de uma dança física, livre de representações simbólicas, místicas e hierárquicas.

Toda a simbologia de um chamado Sagrado Feminino branco e cisgênero me subjetivou por cerca de sete anos e meu moleque interior foi desfalecendo. Fortaleceram-se materno-compulsoriedades, prematuridades e a domesticação de meu corpo nas relações abusivas com o pai da criança e uma sociedade misógina, levando-me a reprimir diversas performances e pulsões e a voltar prematuramente para uma vida institucional e Cistêmica, prestando concurso público para o IFSP aos 23 anos – fruto de uma pressão para um corpo lido como cis-materno se reenquadrar em dispositivos políticos de controle. Passei então a, apenas internamente, me identificar como não binárie, levando três anos para assumí-lo política e performativamente, e decidi atuar na educação com foco em questões de raça, gênero, sexualidades e corporalidades.

Como docente e presidente da Comissão da Diversidade do IFSP, co-construí discussões sobre raça, classe, gênero, sexualidade, religião, saúde mental, capacitismo, especismo e etarismo em eventos e na aula de artes no ensino médio, trans-tornando chefias, colegas, pais e alunos mais conservadores, buscando a ponte (Oxumarê) entre alteridades, gêneros, povos, arte e vida. Após três anos de armário e enfrentamento à cis-heteronormatividade em Registro, cuja população é predominantemente adepta da política de morte e dos discursos misóginos, cis-heteronormativos, racistas, fundamentalistas cristãos e conservadores do atual presidente da república, Jair Bolsonaro, me foi urgente um período de acolhimento e fortalecimento em minhas dissidências sexuais e de gênero. Ilhéus, o afastamento do IFSP e esta pesquisa são caminhos para respirar e olhar elementos abandonados ou ignorados ao longo desta trajetória.

O despertar desta pesquisa surge nesse meio tempo, em janeiro de 2018, durante um encontro de dança Contato Improvisação na Chapada Diamantina, quando duas participantes anunciaram que iriam embora, denunciando episódios de racismo e transfobia sofridos. Após saírem para arrumar suas coisas, foi feita uma roda de conversa, na qual a organização questionou: Por que elas não disseram antes? Porque "deixaram" chegar a esse ponto?

Ao que eu e duas mulheres respondemos: "pessoas trans negras não são responsáveis por educar pessoas brancas cis; não devemos lhes cobrar paz-ciência; existem falas o suficiente de pessoas trans e não brancas já registradas para que exijamos pedagogia daquelas com quem convivemos; o subalterno fala, sim, mas não tem sido escutado". A produtora do encontro, porém, apenas respondeu que já tinha muitos livros na estante para ler.

Foi neste momento em que percebi que eu também nunca havia lido Ângela Davis ou Bell hooks, autoras feministas negras estadounidenses de grande relevância em debates interseccionais sobre raça, gênero e classe, as quais mencionei na ocasião, mas conhecia apenas pelo nome. Percebi que precisava estudar, pois estava há três anos falando sobre raça, gênero e

sexualidade nas aulas de artes do ensino médio e na Comissão da Diversidade apenas a partir de minha própria experiência e algumas trocas diretas. Ali, trazíamos pessoas de povos e comunidades tradicionais do Vale do Ribeira, de religiões de matriz africana, transgêneras, com deficiências e profissionais que trabalham com gênero, sexualidade, raça, inclusão e saúde mental. Porém, a pessoa presidente da comissão necessitava de uma formação mais aprofundada.

Mesmo o nome da comissão hoje soa questionável: Diversidade em relação a quem? Cabe colocar a cis-masculinidade branca em seu lugar específico, ao invés de ensacar a todes es outres no pacote da diversidade. Para Jota Mombaça (2016), é preciso nomear a norma:

> A não-marcação é o que garante às posições privilegiadas (normativas) seu princípio de não questionamento, isto é: seu conforto ontológico, sua habilidade de perceber a si como norma e ao mundo como espelho. Em oposição a isso, "o outro" – diagrama de imagens de alteridade que conformam as margens dos projetos identitários dos "sujeitos normais" – é hipermarcado, incessantemente traduzido pelas analíticas do poder e da racialidade, simultaneamente invisível como sujeito e exposto enquanto objeto. Nomear a norma é devolver essa interpelação e obrigar o normal a confrontar-se consigo próprio, expor os regimes que o sustentam, bagunçar a lógica de seu privilégio, intensificar suas crises e desmontar sua ontologia dominante e controladora (MOMBAÇA, 2016: 11).

Busquei programas de mestrado no Nordeste na área de gênero e relações étnico-raciais, iria unir uma necessária formação acadêmica com uma ansiada pesquisa pessoal em gênero e performance arte, buscando reencontrar um lugar para subjetividades marginalizadas. Encontrei então o Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER), na UFSB, com uma linha de pesquisa em interculturalidades, subjetividades e gênero. O sul baiano seria a melhor região para me recuperar da falta de ar do sul paulista, onde poderia reunir neste projeto todas as partes deste corpo. Tive como principal referência a tese de Dodi Leal (2018), professora do PPGER que havia conhecido durante nossa graduação nas artes na USP.

Sendo uma das premissas das decolonialidades a assunção dos lugares de fala, escrevi um projeto relacionado a esta trajetória pessoal, artística e profissional, desenvolvendo práticas contra-hegemônicas nas relações étnico-raciais e de gênero no IFSP, revisando a primazia de teorias do Norte e priorizando as do Sul. Na ânsia de unir questões raciais e de gênero pessoais a uma investigação social-pedagógica, retomar fios soltos, analisar incoerências próprias, me formar e agir decolonialmente a partir de meu lugar simultaneamente em dissidência e portador de acessos, elaboro um projeto de pesquisa sobre discussões e produções artísticas em raça e gênero no ensino médio e na extensão nos Institutos Federais.

Neste processo, percebi que não somos semelhantes a personagens hollywoodianas e da Disney, mas quem o é, na América Latina? Trata-se de se perceber tão *mestiza* e diaspórica

quanto todo latino, não segundo o conceito de mestiçagem que fundou a questionável noção de democracia racial no Brasil, mas sim *la nueva mestiza*, de Anzaldúa (2005), que reconhece todas as partes de si, permeando diversos lugares e não pertencendo a nenhum deles.

> Em um estado constante de nepantilismo mental, uma palavra asteca que significa partido ao meio, *la mestiza* é um produto da transferência de valores culturais e espirituais de um grupo para outro. Ser tricultural, monolíngüe, bilíngüe, ou multilíngüe, falando um *patois*, e em um estado de transição constante, a *mestiza* se depara com o dilema das raças híbridas: a que coletividade pertence a filha de uma mãe de pele escura? (ANZALDÚA, 2005: 705).

Trata-se também de não reivindicar um papel subalterno duvidoso em contexto brasileiro e de voltar ouvidos para o Sul, aos povos da floresta e quilombos rurais e urbanos; à floresta, às águas, às formações geológicas, aos seres não humanos; às mulheres mais velhas, relegadas a cuidadoras em uma contemporaneidade que se diz não lhes pertencer; estudantes e crianças, considerades vazies de saber; es chamades louques, adictes ou descapacitades; es *cuirs*, enfim.

Para Paul Beatriz Preciado (2018), findou o tempo em que pessoas trans reivindicavam serem tratadas como iguais às cisgêneras, posto que estas são tão artificiais, sociais e farmacologicamente construídas quanto às primeiras. Não há naturalidade inata em gênero algum, toda a subjetividade é arquitetada em relação ao ambiente desde antes do nascimento. A pessoa cisgênera perde sua posição como referência de gênero neutro não "desviado": o que se via como definitivo torna-se incerto e a subjetividade se descobre fragmentada. Nos des-encontramos inconstantes, com a falsa sensação de segurança desestabilizada. Somos todos *cuirs*, com passabilidades variáveis a partir da sujeição ou não às compulsoriedades cisgêneras, sendo impossível para qualquer um atingir uma perfeita adequação às mesmas, o que aponta para uma transgeneridade inerente a todes nós. No decorrer deste processo pedagógico, artístico e reflexivo, foi gestada e realizada a intervenção descrita a seguir.

1.2. A pesquisa e a intervenção: objeto, metodologia, relevância e objetivos

Esta pesquisa desenvolve uma abordagem decolonial na arte-educação, através de uma intervenção nas aulas de artes no Ensino Médio e em ações de extensão no IFSP câmpus Registro, por meio de diálogos, mediações e produções em performance arte e de gênero e relações étnico-raciais como enfrentamento à cisnormatividade branca. Meus interlocutores são estudantes, educadores, artistas e outros agentes sociais provocados por este percurso, buscando

desafiar minhas próprias limitações para contribuir ao desenvolvimento de uma arte-vida-ciência-educação redistributiva dos lugares dos saberes.

A metodologia desta pesquisa parte de um rompimento com o método cartesiano que se pretende neutro/objetivo e não assume a parcialidade e subjetividade do lugar da pessoa escritora, inerente a toda escrita. Rompe as fronteiras pesquisador/objeto, mente/corpo, arte/ciência/política/vida/educação, assumindo seu caráter de construção em processo e a indissociabilidade destes vários aspectos desmembrados pela epistemologia ocidental.

Portanto, assume-se como pesquisa artístico-científico-pedagógica-política-subjetiva e tantos outros qualitativos quantos forem necessários para cobrir sua atuação. Coloca-se ela mesma como enfrentamento atualizado pela prática artística-pedagógica e pela escrita em (re)existência ao Cistema hegemônico, partindo de memórias pessoais e coletivas. Para tanto, busca apoio em múltiplas abordagens metodológicas, não se definindo por cada uma delas em específico, mas sendo inspirada e entramada entre elas, como uma costura ou bricolagem. São a Escrevivência de Evaristo (2012), a Cartografia de Deleuze e Guattari (1995) e a Pesquisa-Intervenção como ampliação da noção de Pesquisa Participativa (ROCHA; AGUIAR, 2003).

> Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silencio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo (EVARISTO, 2012).

A Escrevivência surge como tecnologia de sobrevivência pela narrativa mnemônica de sujeitos subaltenizados, os quais, todavia, não são bem-vindos no método científico ocidental enquanto autores (sujeitos) que podem falar, mas apenas como objetos de pesquisa avaliados por um Eu oculto autointitulado superior. Assim, aqui promovemos fissuras nas estruturas cis-heteroeurocêntricas, por meio da inserção gráfica de histórias pessoais e coletivas escritas a muitas mãos, por meio da escrita e da produção desta pessoa autora e de estudantes e artistas aqui referenciados. Peço licença a Evaristo (2012) para inspirar-me na Escrevivência, pensada para mulheres negras, e transpor suas práticas para outras subalternidades, não cisnormativas, partindo das vivências e da subjetividade do autor na construção do conhecimento.

A marcação explícita da pessoa autora e suas relações se sustenta enquanto percurso, registro e no encontro com outros sujeitos da pesquisa, evocando multiplicidades subjetivas. A pessoa escreve e repensa o caminho ao caminhar, encontrando ressonância na Cartografia como metodologia: “escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (DELEUZE; GUATTARI, 1995: 11-12). A pesquisa-arte-

vida-educação-política se apresenta como rizoma, orgânico, múltiplo, a ser mapeado de modo aberto ao novo, nunca encerrado sob normas pré-estabelecidas: "princípio de cartografia e de decalcomania: um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo. Ele é estranho a qualquer ideia de eixo genético ou de estrutura profunda" (Ibidem: 21). Mapeio aqui uma caminhada com estudantes em busca do inexplorado em gênero, arte e educação.

> Cartografar é mergulharmos nos afetos que permeiam os contextos e as relações que pretendemos conhecer, permitindo ao pesquisador também se inserir na pesquisa e comprometer-se com o objeto pesquisado, para fazer um traçado singular do que se propõe a estudar. Nesse sentido, a cartografia tem como eixo de sustentação do trabalho metodológico a invenção e a implicação do pesquisador, uma vez que ela baseia-se no pressuposto de que o conhecimento é processual e inseparável do próprio movimento da vida e dos afetos que a acompanham (Rolnik, 1989). Na invenção, é preciso estar atento aos encontros, às virtualidades que estalam nos agenciamentos e que são oriundos das desestabilizações que, no processo de trabalho, acometem tanto o pesquisador quanto seu objeto de estudo (ROMAGNOLI, 2009: 170-171).

A pesquisa-intervenção amplia as bases teórico-metodológicas da pesquisa participativa e "busca investigar a vida de coletividades na sua diversidade qualitativa, assumindo uma intervenção de caráter socioanalítico" (ROCHA; AGUIAR, 2003, 66) e de ordem micropolítica, como uma "proposta de atuação transformadora da realidade sócio-política" (Ibidem: 67). A pesquisa-intervenção assume que toda pesquisa é criação e transformação desta realidade, e reconfigura as relações objeto/pesquisador/participantes, que se atravessam mutuamente.

> O que se coloca em questão é a construção de uma "atitude de pesquisa" que irá radicalizar a idéia de interferência na relação sujeito/objeto pesquisado, considerando que essa interferência não se constitui em uma dificuldade própria às pesquisas sociais, em uma subjetividade a ser superada ou justificada no tratamento dos dados, configurando-se, antes, como condição ao próprio conhecimento (Ibidem: 67).

A pesquisa-intervenção compartilha fundamentos com a Cartografia, a educação para a diferença, citada adiante, e a performatividade na educação como criação de mundos possíveis. Não se busca o cumprimento de um caminho pré-definido, mas o que o encontro proporciona. "Faz mais sentido falar num confronto de diferentes subjetividades, o que concederia uma importância maior à construção de espaços públicos de discussão e debate onde essas diferentes subjetividades tivessem a oportunidade de se defrontarem" (SILVA apud ROCHA; AGUIAR, 2003: 69). Este encontro, neste trabalho, se dá no espaço-tempo do cotidiano escolar, parte e gestação do mundo social, pela co-criação des sujeites participantes da intervenção.

> O cotidiano entra em cena, como espaço/tempo privilegiado ao exercício de articulação das análises micro e macropolíticas. Facultar formas singulares de participação em que se estabeleçam o confronto de subjetividades, a intensificação das relações de poder e a abertura de espaços polêmicos para o exercício da cidadania torna-se hoje imperativo ante os caminhos de libertação já circunscritos nas metanarrativas (ROCHA; AGUIAR, 2003: 69).

Por fim, a pesquisa-intervenção assume que toda pesquisa é produção de conhecimento, de vida e de realidade social, e não só um desvelamento destes, apartado e imparcial. Portanto, dialoga ainda com a noção de ato performático ritual, que cria realidade no momento da ação. As metodologias inspiradoras se complementam para construir e descrever a trama subjetiva e coletiva que compõe esta pesquisa, como caminho particular gerador de possíveis em educação.

Questiono: como podem a arte e a educação subverterem [C]istemas de colonização dos corpos e contribuir para criar alternativas à cis-heteronormatividade racista? Que processos podem facilitar a percepção do caráter construído dos gêneros? Que questões afloram a partir da corporificação em ação performativa de reflexões trans-gressoras des estudantes?

Parti de experiências precedentes nas dez turmas de primeiro ano de 2016 a 2019 dos cursos técnicos integrados ao ensino médio no IFSP Câmpus Registro, através da performance arte, intervenção urbana e Teatro do Oprimido, a partir dos seguintes temas: raça, gênero, saúde mental, religião, capacitismo, etarismo, gordofobia e cis-heteronormatividade. Estudantes realizaram performances e intervenções no IFSP e em suas cidades, registraram suas ações e trouxeram relevantes reflexões no decorrer do processo. A realização de três edições da Semana da Diversidade e outras ações da Comissão da Diversidade, como mesas, oficinas e ações culturais acerca destes temas, também foram pontos de partida desta pesquisa.

Com base nestas experiências anteriores e a partir de reflexões disparadas neste Programa de Pós-Graduação, foi planejada, a princípio, uma sequência de aulas teórico-práticas de performance arte e relações étnico-raciais e de gênero com uma abordagem decolonial na disciplina de artes nos cursos técnicos integrados ao ensino médio do IFBA nos *campi* Ilhéus e Porto Seguro, em parceria com os respectivos professores de artes, Jones Mota e Carla Camuso, e diretores gerais, Thiago Barbosa e Vinicius Rodrigues, propondo diálogos e a produção de performances nos *campi* e nas cidades para maio de 2020. Porém, devido à pandemia da Covid-19, os planos suspenderam-se por longo período, até decidirmos realizar a intervenção no IFSP campus Registro, meu local de atuação, a partir do contexto pandêmico, bem como acolher todo o processo de pesquisa, inspirando-se na Cartografia de Deleuze e Guattari (1995), através de uma série de experiências, e não mais apenas em uma grande ação pontual.

Esta pesquisa é uma cartografia feita por meio de escrevivências de processos de experimentação performativa de gênero e artística, em paisagens artísticas, comunitárias, fronteiriças, escolares, urbanas, litorâneas, florestais, cibernéticas, aliados a uma busca científico-artístico-político-pedagógica que suporte e cartografe ainda as práticas de

descolonização de gênero-arte-educação coletivas com estudantes adolescentes dentro e fora das aulas regulares de artes do ensino médio no IFSP campus Registro em contexto pandêmico.

Após morar seis meses em Ilhéus devido ao mestrado na UFSB, em março de 2020 retornei ao Vale do Ribeira, região onde trabalho, para morar durante a pandemia em um sítio com duas famílias amigas em Cananéia, litoral sul de São Paulo, e prosseguir a pesquisa. Em outubro de 2020, durante três semanas, tive contato com as três turmas de segundo ano do ensino médio, para as quais dei aula em 2019. Para tanto, foi elaborada a Cartilha do Estudante, um caderno de introdução à decolonialidade, racismo, cisnormatividade e performance arte.

Na primeira semana, foi enviada a cartilha e vídeos de referência, e haveria uma aula virtual para discutir as temáticas e propor a criação de performances; na segunda, foram orientados processos de criação; na terceira, foram exibidos os registros e discutidas as reflexões geradas. Depois, decidi aprofundar a intervenção em uma ação de extensão com estudantes interessados, por meio de diálogos e práticas em performance arte. A intervenção foi testada de forma adaptada em minha comunidade, em dois momentos – um com cinco crianças de cinco a onze anos e outro com uma mulher de 38 anos.

As leis 10.639/03 (BRASIL, 2003) e 11.645/08 (BRASIL, 2008) tornam obrigatório o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Indígena em sala de aula. Os PCNs (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1998) indicam Temas Transversais a serem abordados no Ensino Médio, como orientação sexual, pluralidade, ética e cultura. Estas são algumas das justificativas iniciais para a realização desta pesquisa, aliadas aos dados sobre violências contra as juventudes trans, negras, indígenas e não heterossexuais, a relevância de reflexões em gênero e raça na adolescência e a ocupação da escola pública como espaço de encontro das diferenças.

Parto da Educação para a Liberdade de Paulo Freire (1999) e em bell hooks (2013) e da Interculturalidade Crítica ou Pedagogia Decolonial de Catherine Walsh (2007) e em Vera Candau (2010), das Pedagogias da Sexualidade, de Guacira Lopes Louro (2000) e da Pedagogia da Diferença em Berenice Bento (2011) e Tomaz Tadeu da Silva (2000). A Educação para a Liberdade foi criada por Paulo Freire (1999) através da "participação política em lutas e movimentos sociais, enquanto oposição à educação bancária; o princípio de libertação social é resultante do processo permanente de conscientização dos sujeitos de seu papel para a transformação da vida e das relações de opressão" (CANDA, 2012: 189). Esta é desenvolvida por bell hooks (2013), intelectual negra estadounidense e uma das maiores referências do feminismo na atualidade.

Walsh (2007) traz a decolonialidade ao campo da educação, concebendo a Interculturalidade Crítica como uma pedagogia que desafia as estruturas que sustentam padrões de poder enraizados na racialização, na subalternização de certas subjetividades e no eurocentrismo, problematizando a hierarquização epistemológica dos sujeitos do saber nas relações raciais e de gênero. Segundo a autora, esta perspectiva se alia à chamada pedagogia crítica iniciada por Freire nos anos 60 e retomada por educadores e ativistas-intelectuais ao redor do mundo até os anos 90, quando começou a minguar, com o auge do projeto neoliberal, a quase desaparição de um projeto da esquerda e o conservadorismo crescente na educação.

Freire (1999), citado por Walsh (2007), discorre sobre a humanização como tomada de consciência sobre o existir e atuar contra as estruturas sociais que negam suas existências. A emancipação individual é atrelada à social, o que conecta a subjetividade desumanizada ao reconhecimento das condições que a criam. Para Freire (1999), não se trata da aderência do oprimido ao opressor, mas da maneira como o oprimido toma distância dele. "Para Fanon, es el colonialismo y 'el arsenal de complejos desarrollados por el ambiente colonial' que involucra y promueve la deshumanización, dando así una especificidad al contexto de opresión y dominación que es la condición colonial" (WALSH, 2007: 21).

Freire (2000) discorre sobre a consciência do homem oprimido e a (des)humanização nas relações coloniais, bem como o problema do projeto neoliberal e a "cor da ideologia". Assim, demonstra a práxis crítica não como algo estável, mas um processo de contínua reflexão, ação e reflexão. Candau e Oliveira (2010) analisam a educação intercultural no Brasil, ressaltando seu pensamento de fronteira, o "questionamento e a transformação da colonialidade do poder, do saber e do ser, sempre tendo consciência de que estas relações de poder não desaparecem, mas que podem ser reconstruídas ou transformadas, conformando-se de outra maneira" (CANDAU; OLIVEIRA, 2010: 25).

Berenice Bento (2011) traz um olhar para a diferença na educação com enfoque em gênero, considerando ela que "a escola, que se apresenta como uma instituição incapaz de lidar com a diferença e a pluralidade, funciona como uma das principais instituições guardiãs das normas de gênero e produtora da heterossexualidade" (BENTO, 2011: 555), e é endossada por Louro (2000), para quem família, escola, mídia, igreja e lei constroem esta produção.

> Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, freqüentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas; outras vezes, contudo, essas instâncias disponibilizam representações divergentes, alternativas, contraditórias. A produção dos sujeitos é um processo plural e também permanente. Esse não é, no entanto, um processo do qual os sujeitos participem como

> meros receptores, atingidos por instâncias externas e manipulados por estratégias alheias. Ao invés disso, os sujeitos estão implicados, e são participantes ativos na construção de suas identidades (LOURO, 2000: 16-17).

Por fim, Silva (2000) traz uma pedagogia que dialoga com uma cartografia de caminhos abertos em educação e uma performatividade no presente, bem como um atravessamento de fronteiras que dialoga com o pensamento fronteiriço decolonial de gênero deste trabalho.

> Um currículo e uma pedagogia da diferença deveriam ser capazes de abrir o campo da identidade para as estratégias que tendem a colocar seu congelamento e sua estabilidade em xeque: hibridismo, nomadismo, travestismo, cruzamento de fronteiras. Estimular, em matéria de identidade, o impensado e o arriscado, o inexplorado e o ambíguo, em vez do consensual e do assegurado, do conhecido e do assentado (SILVA, 2000: 12).

A Lei 11.645/08 (BRASIL, 2008) torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena no ensino básico, prevendo a realização de atividades voltadas para a temática das relações étnico-raciais nas áreas de arte, história, sociologia e cultura, o que não vem sendo satisfatoriamente cumprido pelas instituições educacionais brasileiras. Sendo esta a justificativa inicial desta pesquisa, busco fazer cumprir a legislação vigente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que prevêem o desenvolvimento de Temas Transversais como Ética, Saúde, Orientação Sexual e Pluralidade Cultural. Também é dever social dos Institutos Federais a extensão dos conhecimentos e práticas desenvolvidas nos *campi* a toda a comunidade. Assim, busco promover intervenções pedagógicas no IFSP como dispersores decoloniais.

Segundo o documento *Letalidade infanto-juvenil: dados da violência e políticas públicas existentes*, de 2018, "no Brasil, diversos estudos têm evidenciado o crescimento expressivo da violência letal de adolescentes e jovens, especialmente os do sexo masculino, negros e com baixa escolaridade" (MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS, 2018). Em 2019, "o Ipea incluiu pela primeira vez no atlas a violência contra a população de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e intersexuais. A avaliação é de que a situação tem se agravado e que a população sofre de invisibilidade na produção oficial de dados e estatísticas" (LISBOA, 2019), tão silenciosa é a violência contra pessoas trans e não heterossexuais. Esta, quando não expressa em assassinato ou agressão física, se realizam em danos morais, psicológicos e em bloqueios a direitos sociais, como saúde, educação, trabalho e moradia. Isso se dá devido ao supremacismo branco e cis-heteronormativo, que se esgueira por todos os meandros da sociedade, em um processo de vigília coletiva que os discrimina racialmente e cisgenerifica compulsoriamente, da concepção à morte, punindo aqueles que se colocam contrários à ordem do Cistema racista.

> Interseccionalmente com outros marcadores de desigualdade, a má distribuição ou parca acessibilidade aos direitos não tem apenas em seu bojo prospectivo o parâmetro colonial cisnormativo. No entanto, numa perspectiva de dominação pela linguagem, a cisnormatividade é co-atuante ao embranquecimento da população (LEAL, 2018).

Devido às violências contra pessoas trans e não heterossexuais, muitas pessoas tendem a reprimir expressões que saiam dos parâmetros cis-heteronormativos, especialmente corpos que acumulam mais marcadores de discriminação pela *CIScied*ade (LEAL, 2018) e pelo Estado, criando para si e para o mundo o mito de uma cisgeneridade. Há pessoas que se identificam como cisgêneras, submetendo-se a compulsoriedades e repressões; que atuam cisgeneridades, constante ou alternadamente, em *cisplays* (LEAL, 2018); que buscam passabilidade[10] cisgênera em performances ditas do gênero chamado oposto; que não são "passáveis", desejando-o ou não; e existem as impermanências performativas ao longo da vida de cada pessoa.

> Para o porto-riquenho Lawrence La Fountain-Stokes (2004), sujeitos cuir possuem algumas alternativas de sobrevivência no contexto latino-americano. Uma delas é apagarem-se, esconderem-se, permanecerem no armário; submeterem-se ao modelo cisheteropatriarcal e não questionarem, restringindo, por vezes, o conhecimento sobre suas práticas a poucas pessoas parceiras de gueto. Mas o autor ressalta que a passabilidade segundo a qual as dissidências sexuais e de gênero não são notadas pelos demais não é válida para todos os corpos, estando alguns mais expostos que outros.
>
> Outra opção seria ficarem em seu lugar de origem e militarem por mudanças sociais. Ao assumirem seu ativismo publicamente, tais sujeitos estariam agindo de maneira mais efetiva na direção de uma transformação social, pois atuam cotidianamente sem a distância geográfica (BRAGA, 2020: 33).

A performance arte, intrinsecamente ligada à performatividade do sujeito, se mostra como um caminho para o trabalho sobre gênero, através da apreciação e da realização de ações performativas. Neste percurso, que se desenrola por toda a vida de cada sujeito envolvido, os estudantes podem se confrontar com as expressões que têm desenvolvido em suas performances de gênero e artísticas e observá-las como abertas a reencenações mutáveis, podendo entender os gêneros como atuações manuseáveis no cotidiano e no decorrer da vida. Este trabalho é, portanto, prenhe de uma revolução sobre como os adolescentes lêem e performam gênero, para além de quaisquer normatividades sociais e historicamente impostas.

[10] [1]Passabilidade é um "termo utilizado pela comunidade trans para indicar o grau em que a recepção e a expressão de gênero coincidem com uma cisgeneridade oposta à compulsória, ou seja, o passar socialmente desapercebido a mudança de gênero" (LEAL, 2018, p. ix), que remete ao processo transexualizador hegemônico nos Estados Unidos e no Sistema Único de Saúde, oposto à realidade daquelus que não gozam de ou não almejam passabilidade.

2. Trans-formações cartográficas-escreviventes-performativas

Este capítulo apresenta escrevivências precedentes e processuais que compuseram o percurso desta pesquisa, registrando a performatividade de uma cartografia que se reconhece atravessada e constituída pelas vivências ocorridas no tempo, espaço e relações de produção.

Traz sua pré-história nas aulas de artes e na Comissão da Diversidade do IFSP e outras vivências que atravessaram o processo de produção da intervenção pedagógica aqui descrita, como a Residência PósPornôPyrata[11], em Fortaleza. Foi esta uma residência artística realizada por Bruna Kury, Gil Porto Pyrata, Rao Ni e Akuenda Translesbicha, focada em decolonialidade, performance arte e pós-pornografia – movimento político e performativo oposto à pornografia hegemônica –, cuja proposta fora semelhante ao *Kuceta Póspornografias*[12], festival sob curadoria de Paulx Castello e de Bruna Kury, em que se buscava apresentar:

> algo do que tem sido produzido em relação às sexualidades não normativas, em nossa rede pós-pornográfica. Queremos estar juntas em dissidências, articulando nossas guerrilhas ao que nos massacra, mostrando nossas artes, táticas, anti-artes e lutas para não sucumbirmos ao cis-tema(!), para gozarmos, termos prazeres contra hegemônicos e inventar novos prazeres contrassexuais (KURY apud BRAGA, 2019: 217).

Como afluente deste processo, criei a performance *Corpo de luta*, inclusa na Cartilha do Estudante, com movimentos de luta e parada de mão contra a cisnormatividade, pensada para o Rolê das Mina, em Ilhéus, evento artístico e cultural organizado por e para corpos femininos/feminizados, realizado por Taynah Melo e Fábio Ferreira, pelo Centro Cultural Almáfrica[13], cancelado devido à pandemia da Covid-19.

Participei ainda da Residência Corpas[14], focada nas artes das corpas trans, pensada por Meujaela Gonzaga e Kildery Iara como práticas experimentais de dança e improvisação nas águas e matas da Chapada dos Veadeiros, mas realizada na forma de oficinas virtuais. A partir das reflexões destes eventos, performei nas águas e matas de Itacaré e Cananeia, registrei em vídeo-performances ações cotidianas que desafiam expectativas cisgêneras sobre meu corpo, planejei a intervenção pedagógica, produto desta pesquisa, e conduzi diálogos e processos artísticos sobre cis-heteronormatividade branca no sítio onde vivo e no IFSP.

---

[11] Informações no evento "Residência póspornôpyrata" no Facebook, disponível em: fb.com/events/334894233978507/?acontext=%7B%22event_action_history%22%3A[%7B%22mechanism%22%3A%22search_results%22%2C%22surface%22%3A%22search%22%7D]%7D. Acesso: 13/07/2021.

[12] Informações em: brunakury.weebly.com/kuceta. Acesso: 13/07/2021.

[13] Informações em: instagram.com/almafricacultural. Acesso: 13/07/2021.

[14] Informações em: instagram.com/sereiadepau. Acesso: 13/07/2021.

2.1. Experiências precedentes no IFSP campus Registro

Passo agora a descrever experiências precedentes no IFSP campus Registro, realizadas entre 2016 e 2019, devido à sua relevância como semente das práticas e reflexões que gestaram esta pesquisa. Tratam-se de vivências nas aulas de artes em dez turmas de primeiro ano dos cursos técnicos integrados ao ensino médio no IFSP campus Registro, bem como em três edições da Semana da Diversidade e outras ações da Comissão da Diversidade, por meio de mesas, oficinas e ações culturais. Com base na Educação Libertadora de Paulo Freire (1999), os objetivos das ações pedagógicas eram contribuir para processos de emancipação social, formar para cidadania e encaminhar cuidados de saúde mental a profissionais habilitados. No decorrer dos processos, diversos estudantes relataram sofrer por violências padecidas, baixa autoestima, depressão e ansiedade, o que reafirma a necessidade do trabalho.

Nas aulas de artes, abordou-se a performance arte e o Teatro do Oprimido, de Augusto Boal (1998), uma metodologia dramatúrgica de encenação que busca democratizar o acesso ao teatro e transformar a sociedade na libertação dos oprimidos através de diversos métodos teatrais, como o Teatro-Fórum. Este "se aplica ao estudo de situações sociais bem claras e definidas(...). As soluções propostas pelo protagonista dentro da estrutura da peça que servirá de modelo ao debate-fórum devem conter pelo menos uma falha política ou social que deverá ser analisada" (BOAL, 1998: 28-29). Ele apresenta "o arsenal dos opressores e as possíveis táticas e estratégias dos oprimidos" (BOAL, 1998: 32).

As práticas partiram dos seguintes temas: relações étnico-raciais e de gênero, saúde mental, racismo religioso e violência contra pessoas trans, com deficiências, de baixa renda, da área rural, neuroatípicas, gordas, crianças, adolescentes, idosas, não heterossexuais, negras, indígenas e com outras racialidades não brancas. Os estudantes criaram cenas, performances e intervenções artísticas no IFSP e em suas cidades acerca destas temáticas, realizaram discussões processuais, registraram e exibiram suas ações e trouxeram reflexões no decorrer do processo.

O maior desafio foi a rejeição aos temas da diversidade sexual e de gênero no Vale do Ribeira, devido à forte repressão social sobre pessoas trans e não heterossexuais e ao movimento Escola Sem Partido notadamente intenso na região. Nesse contexto, houve resistências por parte de pais, professores, chefias e estudantes que recusaram o debate de religiosidades e o de gênero e sexualidade, chamado pelo movimento de Ideologia de Gênero,

interpretando-o como uma espécie de "Ditadura Gay" e espalhando *fake news* sobre a existência de um "Kit Gay", que visaria a transformação dos estudantes em homossexuais e transexuais.

Segundo Freitas e Baldan (2017), o Escola Sem Partido se contrapõe a uma suposta doutrinação política e ideológica nas escolas e à criação de uma "nova escala de valores" (contra-hegemônica), através de discussões sobre gênero e desigualdade social em sala de aula. O movimento visa manter a monocultura da colonialidade e impedir o florescimento de ervas por ele consideradas daninhas e marginalizadas, como as diferenças de gênero, raça, sexualidades, corporalidades e subjetividades, mostrando-se, esta sim, uma verdadeira e compulsória ideologia de gênero cis-heteronormativa, instaurada quando o bolsonarismo[15] se construiu com força no Brasil , especialmente no Vale do Ribeira, onde o mesmo cresceu.

Assim, grupo de pais, colegas e estudantes fez perseguições insistentes, questionando repetidas vezes a realização das atividades, fazendo denúncias à Ouvidoria do IFSP e ao Conselho Tutelar da cidade, exigindo satisfações e boicotando as ações.

> Não se trataria de doutrinação política ou defesa ardorosa de uma posição política reivindicar que o conservadorismo normatize o que pode e o que não pode ser dito em sala de aula? (...) A tentativa de silenciamento da questão de gênero é política e por isso é preciso debatê-la, de modo a ressaltar a relevância da questão. Tal tentativa de censura vai contra a liberdade e o pluralismo, valores que o Escola Sem Partido afirma defender (FREITAS; BALDAN, 2017: 2-3).

Nos anos de 2016 e 2017 realizei diálogos sobre "Diversidade" que embasariam cenas criadas pelos estudantes, abordamos gênero, sexualidade, família, relações étnico-raciais, religião, deficiências, saúde mental, misoginia, psicoativos, estilos de vida, trabalho, moradia e hábitos alimentares. Em seguida, estes demandaram debates sobre legalização de aborto e drogas, realizados junto à psicóloga do câmpus. A seguir, realizamos práticas do Teatro-Fórum, em que muitos alunos expuseram questões pessoais e violações profundas, em busca de soluções, e, através da encenação e reflexão sobre as histórias, ampliamos nossas reflexões sobre desigualdades e caminhos possíveis de dissolução das mesmas. Realizamos oficinas de Teatro do Oprimido com um ator convidado e uma mesa redonda concebida pelos estudantes, em que estes discutiram suas vivências com discriminação sexual, racial, corporal, religiosa e de gênero. Por fim, foram feitos desenhos das personagens em tamanho real, expostos na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia do IFSP, ocasião em que foi convocado o Conselho

[15] O bolsonarismo pode ser caracterizado como uma nova face da extrema-direita brasileira (RIBEIRO, 2020). Suas bases principais são o protestantismo e o militarismo, o que conflui com as ideias de Almeida (2019), que apresenta o bolsonarismo como parte de uma "onda conservadora", a qual se conecta com a derrocada de governos de esquerda e centro-esquerda, em toda a América Latina, e não apenas no Brasil (BRAGA; GUIMARÃES, 2020, p. 2).

Tutelar devido a representações de nudez e pessoas trans e não heterossexuais e dois desenhos foram retirados – um dos quais tratava sobre câncer de mama.

A "Diversidade" era um tema transversal às atividades artísticas do bimestre, enquanto, paralelamente, estava sendo criada por mim e outros servidores do câmpus a Comissão da Diversidade, que realizava discussões e mesas redondas sobre diversos aspectos da mesma, como uma forma de romper com a tendência de abordagens homogeneizantes na educação e de buscar diminuir a discriminação entre os alunos e em suas vidas.

> Uma das aspirações básicas do programa pró-diversidade nasce da rebelião ou da resistência às tendências homogeneizadoras provocadas pelas instituições modernas regidas pela pulsão de estender um projeto com fins de universalidade que, ao mesmo tempo, tende a provocar a submissão do que é diverso e contínuo "normalizando-o" e distribuindo-o em categorias próprias de algum tipo de classificação. Ordem e caos, unidade e diferença, inclusão e exclusão em educação são condições contraditórias da orientação moderna. E, se a ordem é o que mais nos ocupa, a ambivalência é o que mais nos preocupa. A modernidade abordou a diversidade de duas formas básicas: assimilando tudo que é diferente a padrões unitários ou "segregando-o" em categorias fora da "normalidade" dominante (SACRISTÁN apud CANDAU, 2011: 241).

Segundo Candau (2011), a cultura dominante nas escolas prioriza o homogêneo e o uniforme como constitutivos de um suposto universal, com base na política e na epistemologia da modernidade; porém, segundo a autora, as diferenças são intrínsecas às práticas educativas. Mais adiante, cita Silva (2000) para distinguir as noções de diferença e diversidade, julgando a primeira como mais adequada. Para tanto, defende que a segunda seria utilizada na promoção da tolerância entre diferentes culturas, pressupondo, porém, que estas fossem pré-existentes aos processos sociais em que, segundo a perspectiva da diferença, foram criadas. Prefere, então, a noção de diferença, por "enfatizar o processo social de produção da diferença e da identidade, em suas conexões, sobretudo com relações de poder e autoridade" (SILVA apud CANDAU, 2011: 245-246), o que passei a endossar atualmente, embora tenha utilizado exaustivamente o termo "diversidade" entre os anos de 2016 e 2019 no IFSP.

> As diferenças são então concebidas como realidades sociohistóricas, em processo contínuo de construção-desconstrução-construção, dinâmicas, que se configuram nas relações sociais e estão atravessadas por questões de poder. São constitutivas dos indivíduos e dos grupos sociais. Devem ser reconhecidas e valorizadas positivamente no que têm de marcas sempre dinâmicas de identidade, ao mesmo tempo em que combatidas as tendências a transformá-las em desigualdades, assim como a tornar os sujeitos a elas referidos objeto de preconceito e discriminação (CANDAU, 2011: 246).

Um grupo de pais de estudantes oriundos da rede privada de ensino reclamou de um suposto excesso sobre o tema da diversidade e de supostas carências no conteúdo de artes, através da Ouvidoria do IFSP e de reuniões com a Coordenação de Curso e a Diretoria Adjunta de Ensino, solicitando explicações e reclamando de um mau desempenho de seus filhos nos

simulados pré-vestibulares na área de teatro e música. Respondi que selecionei apenas um método teatral com o objetivo de aprofundar as experiências; que professores formados em uma linguagem artística específica não têm o dever da polivalência e não dão conta de cobrir com qualidade todas as outras; e que temas transversais são obrigatórios em todas as disciplinas, o que foi ratificado pela diretora de ensino, dizendo que os professores estariam em falta se não os trabalhassem. Esta propôs, junto à coordenadora de apoio ao ensino, a "Formação sobre Educação em Direitos Humanos e Temas Transversais", com as falas de uma advogada sobre a importância de se discutir aborto na escola, das pedagogas do IFSP sobre a obrigatoriedade dos temas transversais e minhas sobre as aulas, como uma contraproposta à demanda das famílias.

Na formação, três dos quatro pais presentes voltaram a questionar um suposto excesso do tema da diversidade e a falta de um panorama teatral, sendo contra a escolha de abordar um único método em todo o bimestre. A resposta foi repetida e rebatida, até o momento em que uma docente criticou a licença que se presume a uma deslegitimação não embasada das escolhas curriculares de educadores capacitados, especialmente nas áreas de humanidades e linguagens. Isto endossa a contradição do movimento Escola Sem Partido contrapor-se a uma suposta pregação política e ideológica nas escolas, mas busca silenciar posições diversas em sala de aula. Por fim, o câmpus tornou a enfatizar as expectativas conteudistas e pré-vestibulares dos pais; colegas sugeriram menor ênfase na abordagem da diversidade; e, embora o campus haja planejado formações continuadas sobre temas transversais, estas não foram realizadas.

Nos anos seguintes, devido à falta de apoio institucional, iniciei o bimestre diretamente com o Teatro do Oprimido, sem a discussão inicial sobre diversidade, sendo estas feitas junto das práticas, pois, sem o apoio das chefias e colegas, eu não estava disposto a ser alvo solitário. Ainda assim, recebi uma denúncia na Ouvidoria de "autoritarismo" devido a uma suposta imposição de minha opinião, ao apresentar perspectivas outras que impactavam estudantes habituados a ouvir apenas uma perspectiva hegemônica da história da arte.

Concluí que práticas como Teatro do Oprimido e performance são eficazes na formação sobre as desigualdades e na criação de novos possíveis, ao investigar os diversos papéis que podemos desempenhar. Porém, existe uma inquisição sobre docentes engajados nas temáticas de gênero e sexualidade, os quais vêm sendo perseguidos devido a uma suposta "ideologia de gênero", noção ironicamente cunhada por seus próprios opositores.

Na Comissão da Diversidade, realizamos três edições da Semana da Diversidade, nas quais convidamos pessoas de povos e comunidades tradicionais do Vale do Ribeira, de religiões

de matriz africana, transgêneras, com deficiências e profissionais que trabalham com gênero, sexualidade, raça, inclusão e saúde mental para mesas sobre estes temas, bem como uma mesa concebida e protagonizada por estudantes sobre formas de discriminação, também recebemos eventos culturais como o Entretodos – Festival de Curtas de Direitos Humanos, da Prefeitura de São Paulo. Entretanto, houve alguns conflitos, como por exemplo um colega que marcou uma prova no horário em que um grupo de estudantes desta turma iria apresentar seu projeto de extensão na Semana, impedindo sua apresentação, bem como tensões internas na Comissão.

Boa parte des membres da edição de 2018, composta de homens cis, não compreendeu minha posição defensiva ao não acatar suas ideias mais ousadas, devido às reações violentas do ano anterior e à minha posição vulnerável como pessoa jovem, lida como mulher, à frente do grupo considerado subversivo, que teve que lidar sozinha com as reações adversas anteriores. Estes produziram insultos verbais, tentativas de isolamento das últimas decisões do ano e novas ofensas etaristas no momento em que expus fragilidade ao chorar devido a suas agressões.

No semestre seguinte, senti que não poderia contar com as pessoas ideologicamente mais próximas, pois maior violência partia delas do que de colegas mais conservadores. As perseguições por parte de pais, colegas e estudantes se configuraram em violências Cistêmicas, levando-me a uma migração temporária para o mestrado como fortalecimento, formação e gestação de outros possíveis nesta pesquisa, afluente deste processo, sendo ainda uma tática de sobrevivência migratória, a qual cabe na noção de sexílio[16].

Em 2019 corri seis meses por uma "História da Arte Ocidental", devido às cobranças sobre o ENEM, apontando o eurocentrismo aí imbuído e trazendo outras visões, ciente da necessidade de abordagens decoloniais. Depois, discutimos raça, gênero e sexualidade a partir da performance arte. Enquanto isso, eu e os dois únicos colegas restantes na Comissão, homens cis homossexuais, gestamos a V Semana da Diversidade (Anexos I e II), para a qual convidamos profissionais do Vale do Ribeira e do campus. Organizamos simultaneamente o IV Encontro de Professores de Artes do IFSP, convidando professores de artes de outros *campi* para reuniões, oficinas, palestras, e a I Mostra de Artes, com manifestações de estudantes e servidores.

[16] "deslocamento geográfico motivado pela dissidência sexual e de gênero, considerando a discriminação, a violência e até mesmo a criminalização por vezes impostas às pessoas dissidentes, como defende Lawrence La Foutain-Stokes (2004), ou mesmo o deslocamento subjetivo, a sensação de não pertencimento a determinado grupo dadas essas mesmas dissidências, conforme nos fala Yolanda Martínez-San Miguel (2011)" (BRAGA; GUIMARÃES; VALENCIA, 2019-2020: 2)

Realizei uma performance inspirada na obra *Rhythm 0*, de Abramovic (1974), apresentada aos estudantes, em que a artista permite o uso de vários objetos em seu corpo:

> Os visitantes da galeria deparam-se com a artista imóvel, impassível, não exibindo qualquer reação; além de uma mesa sobre a qual estaria reunida uma série de objetos. Na parede havia a seguinte instrução: 'Há 72 objetos sobre a mesa que podem ser utilizados sobre mim conforme desejado. Performance: Eu sou o objeto. Durante este período assumo total responsabilidade' (NETO, 2012: 430).

Em minha releitura, disponibilizei apenas três objetos (duas tesouras sem ponta e um pente) e uma placa que dizia: "corte meu cabelo sem padrões de gênero". Era ciente que esta ação poderia simplificar demasiadamente algumas questões de gênero, mas buscava apenas que a comunidade escolar captasse o tema, não me alongando em maiores detalhes. Vestia uma roupa concebida como não binária por sua criadora, Vicente Perrota, composta da costura de camisas e vestidos. Havia dito que faria uma ação e pedi pela participação des estudantes, que se aproximaram, então, aos poucos, com as bocas abertas. Algumas começaram a cortar de modo que ficasse "bonito", em sua visão, sendo seguidas por um estudante que cortou curto o cabelo no topo de minha cabeça. Elas, bravas, buscaram "consertar", e eu apenas sorri. Um professor de artes cortou ainda mais rente, no mesmo local. Havia, então, mais de cem estudantes e servidores, que ficaram ainda mais boquiabertes, e eu seguia sorrindo. Então, todos começaram a cortá-lo bem curto. Algumas servidoras que haviam recebido as ações anteriores da Comissão e da disciplina de artes com reservas, desta vez, passaram por ali sorrindo.

Figura 1 – Minha performance *Rhythm s/n: uma homenagem a Abramovic* na I Mostra de Artes na V Semana da Diversidade do IFSP Campus Registro do IFSP

A performance foi bem recebida, possivelmente pelo acúmulo histórico de ações. Muitos filmaram, fotografaram e postaram nas redes sociais, onde foram feitas críticas à ação: três pessoas que não conheciam o IFSP diziam que a ação não era arte nem educação e foram

respondidas por estudantes e colegas que defendiam o trabalho. O campus havia recebido novos docentes que renovaram com progressismo os ares da instituição, muitos dos quais co-construíram a realização da Semana. Houve, enfim, reconhecimento no local de onde migrava e onde não cheguei ainda a assumir minhas próprias dissidências, tamanho o trauma pelas reações conservadoras. Porém, não suponho que, caso ficasse, a leveza duraria muito tempo. Saí para um sexílio diásporico, visando aprofundar minha formação e retornar mais forte.

> Expongo que el concepto de diáspora ofrece una crítica a los discursos de orígenes inmutables, mientras que tiene en cuenta el deseo de un hogar. El deseo de un hogar, sin embargo, no es lo mismo que el deseo de una "pátria". En contra de la creencia general, no todas las diásporas sostienen una ideología de retorno. Lo que es más, la multi-ubicación del hogar en el imaginario diaspórico no significa que la subjetividad diaspórica esté "desarraigada". Abogo por una distinción entre "sentirse en casa" y declarar un lugar como hogar. Los procesos de formación de la identidad diaspórica son los ejemplos por excelencia de la afirmación de que la identidad es siempre plural y está en proceso (BRAH, 2011: 229).

Buscava por ares mais leves, em um olhar paulistano encantado por uma Bahia progressista e por um mestrado decolonial. Após três anos no sul de um Sudeste racista e cis-heteronormativo, parti de onde não era bem-vinde e onde tinha que me esconder para ainda mal respirar, porque nós, pessoas em dissidência, merecemos respirar e gozar, além de sobreviver.

2.2. Residência Póspornopyrata: zonas fronteiriças e uma branquitude *cuir*

Com os objetivos de experimentar performances que vêm sendo escondidas em armários e friccioná-las com outras subjetividades em dissidência para melhor mapeá-las, participei no início desta pesquisa da Residência Pospornôpyrata em Fortaleza, Ceará. Realizada por Bruna Kury, Gil Porto Pyrata, Rao Ni e Akuenda Translesbicha, artistas trans, a residência ocorreu na Casa Carnaúba, uma casa coletiva e cultural próxima ao IFCE, durante quatro noites, com a participação de quinze residentes. Penso dissidência como deserção da cis-heteronormatividade para outros possíveis em gênero e sexualidade. Entretanto, como disseram Dodi Leal e Megg Rayara Gomes de Oliveira na defesa deste trabalho: *estamos em* dissidência, *não somos* dissidentes – o que varia de acordo com os marcadores sociais de cada pessoa e com o contexto em questão.

Tal residência tratava de intersecções entre póspornografia, arte contemporânea e decolonialidade, organizada por um grupo de artistas trans, onde me apresentei pela primeira vez com um nome não generificado de modo experimental e localizando-me na dúvida sobre minha identidade de gênero, o que trago como vivência fronteiriça disparadora de reflexões.

No primeiro dia foi realizada uma mostra de vídeos de produções póspornográficas latinoamericanas e uma roda de conversa sobre a residência e os afetos movidos pelos vídeos. No segundo, foram propostas estações de experimentação póspornográfica, quais sejam: "Oficina de vômito", na qual foi exibida uma performance póspornô envolvendo vômito e autoestimulação sexual, enquanto os participantes poderiam experimentar interações corporais e vômitos; "Faça você mesmo", na qual foram manufaturados e experimentados objetos de estimulação sexual a partir de materiais reciclados, como chicotes de câmara de pneu de bicicleta e dildos de rolos de retalhos inseridos em camisinhas; "Póspornô Sonoro", na qual um microfone que dava pequenos choques poderia ser deslizado nos corpos enquanto produzia uma ambiência sonora/tátil às experimentações; ao final, foi feita uma conversa sobre as ações.

No terceiro, foram realizadas a exibição de um vídeo de pornorecicle do Coletivo Coiote, uma conversa sobre veganismo e uma ação direta externa inspirada no vídeo, onde as participantes se "mostraram" mascararam e fizeram um piquenique pórpornô de corpos e frutas recicladas na Praça da Gentilândia, diante da estátua do coronel José Gentil, com a qual uma das participantes fez uma interação póspornográfica; ao final, foi feita uma conversa sobre a ação. No último dia, foi realizada uma mostra aberta de artes visuais e performances póspornô das participantes e uma roda de conversa final.

Além do cronograma oficial, o grupo se encontrou em diversos momentos na casa, em bares e festas na cidade, como o Carnaval do Inferno, um bloco de carnaval que consiste na ressignificação de liturgias religiosas. Assim, entendo que a residência foi concebida de modo a habitar zonas fronteiriças de (re)existência *cuir mestiza* contrassexual e artística, implodindo noções fixas de gênero e racialidade. As zonas fronteiriças são:

> lugar de deslocamento constante, esse espaço móvel, polifônico, feito de incessantes travessias tanto internas quanto externas é para Burke (2010: 73) "[...] não apenas locais de encontro, mas também sobreposições ou interseções entre culturas, nas quais o que começa como uma mistura acaba se transformando na criação de algo novo, diferente". Esse "algo novo" não definido por Burke é a fusão de elementos culturais que "atravessam" o sujeito da fronteira e levam ao nascimento de uma consciência mestiça que nasce e vive nesse espaço intersticial (SANTOS, 2013: 8-9).

Estava ciente de meus privilégios de gênero, raça e classe e tive medo de performar atitudes coloniais, bem como de não sentir pertencimento e aceitação. Todavia, predispus-me a performar aspectos que não encontrava lugar seguro para expressar no cotidiano e escondia no armário da adequação à cis-heteronormatividade e à branquitude. A própria insegurança era reflexo da cis-feminização católica preocupada com a aprovação externa. Logo, tais receios, observados como expressões cisgêneras em mim, ampliaram uma aflição por sentimentos de cis-deslocamento em um ambiente não cisnormativo.

A solução parecia ser o desligamento do individualismo e a conexão com o estado de dúvida e (re)existência na fronteira, *la conciencia mestiza y cuir* artista. Porém, ignorar diferenças coloniais e arquitetar equidades soava antiético, mantendo assim um ciclo de culpa colonial paralisante e mantenedora do *status quo*. Como manifestar reparações coloniais sem cavar abismos nas relações interpessoais? Esta questão levou-me a passar algumas tardes absorvide em meu umbigo enquanto o mundo girava. Diversas respostas são apontadas por Anzaldúa (2005), que abre o infinito como possibilidade de ação.

> A uma determinada altura, no nosso caminho rumo a uma nova consciência, teremos que deixar a margem oposta, com o corte entre os dois combatentes mortais cicatrizado de alguma forma, a fim de que estejamos nas duas margens ao mesmo tempo e, ao mesmo tempo, enxergar tudo com olhos de serpente e de águia. Ou talvez decidamos nos desvencilhar da cultura dominante, apagá-la por completo, como uma causa perdida, e cruzar a fronteira em direção a um território novo e separado. Ou podemos trilhar uma outra rota. As possibilidades são inúmeras, uma vez tenhamos decidido agir, em vez de apenas reagir (ANZALDÚA, 2005: 705-706).

Em outros momentos, pude estar presente e em conexão com o coletivo. Em primeiro lugar, ao me entender *cuir*, deslocade da cis-heteronormatidade, em segundo, ao recordar os dias anteriores, quando havia passado a performar dissidências, sendo duas vezes tratado no masculino e uma vez em um feminino incerto, em terceiro, ao performá-las na residência e, por fim, em quarto, ao me apresentar para o grupo como pessoa muitas vezes tímida e obediente ao Cistema, devido à criação como mulher, passando por idas e vindas de desobediências sutis, retornando a uma adequação a padrões Cistêmicos e institucionais nos últimos cinco anos devido à gestação e à maternidade, buscando então performar não binariedades, pois ainda que me identificasse como não binárie há três anos, não saí dos padrões cis nos quais fui criado. Assim, localizei-me na fronteira da dúvida e pedi para ser chamade pelo nome Rene e por pronomes neutros ou diversos, para experimentar-me nestes lugares.

Continuamente, em quinto, a partir do momento em que me assumi (re)existir na zona de fronteira *cuir mestiza* da dúvida e aí comungar com es presentes, diluindo identidades em um coletivo trans-multimorfo, distante de hipermarcações individuais e sentimentos cristãos de culpa, fluindo na coletividade, em um mar de *transvyades*. Nestes momentos, favorecia-se a diluição das subjetividades e formas hegemônicas de afetividade, apontando a hibridização como potente descolonizadora das relações pessoais, sociais e afetivas.

> Nesse contato intercultural, os sujeitos descartam quaisquer elementos que, em um determinado ponto, não estejam de fato servindo como bem de identificação e inserem outros novos conforme as necessidades de seu grupo. São essas relações que se constroem e reconstroem nas misturas culturais que Garcia Canclini denomina processos de hibridação. O conceito de hibridação difundido pelo teórico (2008: xix) serve para identificar e explicar os "processos socioculturais nos quais estruturas ou

> práticas discretas, que existam de forma separada, combinam-se para gerar novas estruturas, objetos e práticas (SANTOS, 2013: 2).

Anzaldúa (2005) apresenta a consciência *mestiza* como um arquétipo de subjetividades que integram em si o cruzamento de diferentes matrizes, situadas a diferentes distâncias do que se possa considerar um ideal hegemônico. Seu texto é pessoal, localizado, alheio a uma pretensa objetividade europeia e por isso mesmo decolonial, com imagens que descrevem com precisão poética o conteúdo fronteiriço de seu pensamento *mestizo*: "soy um *amasamiento*, sou um ato de juntar e unir que não apenas produz uma criatura tanto da luz como da escuridão, mas também uma criatura que questiona as definições de luz e de escuro e dá-lhes novos significados" (ANZALDÚA, 2005: 80-81).

Nesta localização cultural múltipla, absorve mensagens contraditórias que geram embates internos e alienam-na de qualquer noção de segurança e familiaridade. Para a autora, "a ambivalência proveniente do choque de vozes resulta em estados mentais e emocionais de perplexidade. A contenda interior resulta em insegurança e indecisão. A personalidade dupla ou múltipla da *mestiza* é assolada por uma inquietude psíquica" (ANZALDÚA, 2005: 705). Numa integração de si, recolhe estilhaços que não se excluem, mas se incorporam. Múltiplas partes *cuires* e Cistêmicas operam de modo contraditório, como a dúvida da dúvida, hesitando até mesmo em declararem-se fronteiriças, devido a uma culpa cristã que apenas mantém o *status quo*. Há relevância nas incertezas, fronteiras e silêncios, mas também nos movimentos afirmativos das diferenças, pois muitas identidades são levadas:

> a encontrar um modo de se fazerem visíveis; de erguerem as suas vozes para saírem da marginalização imposta pela hegemonia dominante branca; de clamarem por suas identidades e, assim, obterem o reconhecimento sociocultural de suas diferenças. Sob esse ponto de vista, compreende-se a necessidade de cada grupo minoritário construir uma identidade própria, pois como afirmam Figueiredo e Noronha (2005: 191): "[...] a questão identitária só interessa e só é reivindicada por aqueles que não são reconhecidos por seus interlocutores" (SANTOS, 2013: 7).

Anzaldúa (2005) fala de uma perspectiva não apenas *mestiza*, mas também *cuir*, em uma analogia entre os conceitos, pela origem etimológica do segundo, advindo, segundo Valencia (2015), do latim "*torquere*", girar, dar a volta: o sujeito *cuir* "distorce" o binarismo de gênero, como a consciência *mestiza* distorce dualidades étnico-raciais. Para Santos (2013), em sua leitura de Anzaldúa (2005), é preciso formar uma cultura fronteiriça: "uma terceira margem, um caminho do meio, consiste nesses procedimentos de deslocamento de nomadismo, e que o próprio identitário possa nascer da tensão entre o apelo do enraizamento e a tentação da errância" (HANCIAU apud SANTOS, 2013: 12).

> Uma consciência que englobe, tal como o seu lugar de enunciação - a fronteira, os diversos elementos díspares que formam a sua subjetividade. Elementos que se

> entremesclam para formar uma identidade porosa, flexível, mutável e maleável, sem limitações fixas. Uma identidade que abarca e compreende os opostos existentes nas margens fronteiriças das duas culturas com as quais convive, capaz de incluir ao invés de excluir. Sem medo de chegar a um território completamente novo, de atravessar os limites na trajetória de um espaço híbrido (SANTOS, 2013: 14).

"Fronteras: líneas arbitrarias de división que son a la vez sociales, culturales y psíquicas; territorios que patrullar frente a los que se construye como extraños, extranjeros, los Otros; formas de demarcación donde el propio acto de prohibición inscribe la transgresión" (BRAH, 2011: 229-230). Segundo Brah (2011), são como construções metafóricas, mas não abstratas, que constituem a matéria do discurso das relações de poder.

La mestiza percorre um espaço híbrido, transgride limites e faz deles sua morada, onde pode acolher as partes advindas dos territórios por eles inscritos. A genealogia da *mestiza* se dá através de diásporas que permitiram sua fecundação a partir de múltiplas origens.

> La palabra [diáspora] viene del griego — dia, «a través de» y speirein, «dispersar, esparcir». Según el Webster's Dictionary de los Estados Unidos, diáspora supone una «dispersión desde». De ahí que la palabra exprese una noción de centro, un locus, un «hogar» desde el que se da la dispersión. Evoca imágenes de múltiples viajes (BRAH, 2011: 212).

Tal multiplicidade é incapaz de pertencer exclusivamente a um lugar, sendo eternamente nômade. "Las diásporas surgen de las migraciones colectivas, viajen los miembros del colectivo como individuos, como familias o en otras combinaciones. Las diásporas son espacios de formación de comunidades a largo plazo, si no permanentes" (BRAH, 2011: 224). Desta forma, se há espaços de acolhimento para *la mestiza*, estes se dão em comunidades temporárias de subjetividades diaspóricas, posto que são todos migrantes.

Segundo Brah (2011), a diáspora tensiona a ideia de origem como fixa, dizendo que por vezes as coletividades diaspóricas contemporâneas desejam não uma pátria, mas um lar, o qual é "um lugar mítico de deseo en la imaginación diaspórica. En este sentido, es un lugar de no retorno, incluso si es posible visitar el territorio geográfico que se considera el lugar de origen. Por otro lado, el hogar es también la experiencia vivida de una localidade" (Ibidem: 223).

A diáspora e a fronteira são, então, zonas de genealogia e (re)existência da *mestiza cuir*, que não necessariamente deseja retornar a um suposto lar originário, pois muitas vezes é este um local não pertencimento e violência. Para Brah (2011), o mesmo espaço físico e geográfico articula diferentes histórias e o "lar" pode ser ao mesmo tempo um lugar seguro para uma pessoa e aterrorizante para outra. Portanto, conclui-se que a multilocalização para além das fronteiras é constitutiva da diáspora, considerando a identidade como plural e constantemente em processo.

Segundo Mignolo (2016), quem margeia, desloca e exige conformidade é a lógica da colonialidade, que busca obsesivamente categorizar aqueles que não se encaixam. Assim, no espaço da diáspora, interagem diversas subjetividades que se atravessam, constituindo-se para além dos binarismos em vivências que carregam em si a potência da libertação das corpas das compulsoriedades sociais, fabricadas por uma colonialidade que produz sociogêneses limitadas. Experimentações como esta residência e esta pesquisa visam implodir estes limites.

2.3. Trans-gressões de gênero e artísticas e uma travessia em Itacaré

Quatro meses se passaram desde a Residência PósPornôPyrata. Na mesma e a partir de então, coloquei-me e assumi-me em estado de dúvida e experimentação performativa de uma transgeneridade não binária fluida, que se apega, em momentos, à cisgeneridade construída em mim e que, em outros, se liberta em posturas, expressões e modos de ser múltiplos, desafiando expectativas criadas em torno de meu corpo. São atitudes talvez demasiado internas para serem lidas por outrem como trans-gressoras, bem como realizações de desejos até então reprimidos pela cisnormatividade, em uma espécie de ageneridade, fluidez ou terceiro gênero. Este último, segundo Lugones (2008), é a nomenclatura de diversos povos originários da América do Norte para todos os gêneros não binários, também chamados *berdache* ou não dimórficos, por não se basearem em um dimorfismo biológico, a partir do qual se estendem as performances cisgêneras.

A leitura de textos da disciplina *Fundamentos dos processos de ensino-aprendizagem nas relações étnico-raciais*, de Rafael Guimarães, dos livros *Testo Junkie*, de Paul Preciado (2018), e *Luzvesti*, de Dodi Leal (2018), socializações transgêneras, a terapia com um psicólogo trans, o término de um relacionamento com um homem cis-heterossexual e experimentações de gênero em contextos de visita à família na urbe paulistana e de viagem festiva-enteogênica pela Bahia como membre de uma pequena família de comadres trouxeram elementos para reflexões em decantação, compondo um retiro sem destino ou retorno, mas pleno de giros.

A binariedade gera dualidades inconciliáveis: homem/mulher; razão/emoção; mente/corpo; sexo/amor; raiva/tristeza; assertividade/flexibilidade; consciente/inconsciente; ativo/passivo; cultura/natureza; público/privado; autonomia/dependência etc. Ao recusar-se o binarismo, transita-se sobre a fronteira, observando compulsoriedades e repressões para os gêneros impostos. "*Pero es difícil diferenciar entre lo heredado, lo adquirido, lo impuesto*. Ela

[*la mestiza*] põe a história em uma peneira, separa as mentiras, observa as forças das quais nós enquanto raça, enquanto mulheres, temos sido parte" (ANZALDÚA, 2005, 709).

> [La mestiza] fortalece sua tolerância (e intolerância) à ambigüidade. Ela está disposta a compartilhar, a se tornar vulnerável às formas estrangeiras de ver e de pensar. Abre mão de todas as noções de segurança, do familiar. Desconstrói, constrói. Torna-se uma *nahual*, capaz de se transformar em uma árvore, em um coiote, em uma outra pessoa. Aprende a transformar o pequeno "eu" no "eu" total. *Se hace moldeadora de su alma. Según la concepción que tiene de si misma, así será* (ANZALDÚA, 2005: 709-710).

No exemplo transmasculino ou não binárie de pessoas cisgenerificadas, como mulheres, desafia-se a cisnormatividade não apenas em expressões ditas masculinas, mas na própria permissão de se realizar desejos (concedida apenas a homens), que vêm à tona na medida em que a pessoa, não mais presa à domesticidade, se concede a posse de seu corpo para existir. Mesmo expressões consideradas femininas, mas vinculadas à puta ou à libertária, como a exposição e alteração corporal, são facilitadas na recusa da cis-repressão pela culpa e vergonha. Pessoalmente, destaco estas ações: levar uma tatuagem de vagina no meio do peito; andar de top nas ruas e transportes coletivos da cidade; descolorir o cabelo; dançar de peito aberto.

São desejos que vêm à tona quando o corpo feminizado, não mais preso à domesticidade, se concede a posse de seu corpo para existir, aproximando as transgeneridades ao feminismo de Despentes (2019), que defende o direito deste corpo de ser selvagem, vulgar, indomável, assertivo. Entendendo a generificação das roupas como arbitrária, ainda que um corpo trans goze de cis-passabilidade, mesmo suas expressões associadas ao gênero atribuído ao nascer são transgêneras, pois o que o leva à transgeneridade são posturas trans-gressoras de desobediência à regulação de gênero e não uma recusa a performances supostamente opostas.

Citando Butler, Curiel (2014) diz que gênero não é expressão de um ser interior ou interpretação de um sexo que aí estava antes do gênero, mas uma performance, um fazer no marco da heteronormatividade, que tem como base ontológica a diferença sexual. Se gênero como performance é uma atuação, este não se diferencia do *darstellen* trazido por Spivak (2010), a representação no sentido estético. Com a chamada "aproximação" entre arte e vida, premissa de movimentos modernistas e contemporâneos, transposta para a educação, é preciso não consumir horas/aula com uma história da arte eurocêntrica e provinciana, mas se opor à violência epistêmica que, para Spivak (2010), impossibilita o "sujeito subalterno" de falar, e cocriar espaços de partilha de performatividades outras. Busco promover entre es estudantes o que a autora denomina consciência de classe (raça e gênero): uma consciência potencialmente transformadora das condições econômicas que diferenciam seu modo de vida particular, agindo na esfera política da nação e gerando intercâmbios efetivos com a sociedade.

> Devemos considerar, ainda, o ambiente escolar como espaço de reiterações normativas violentas e, por extensão, de silenciamento da diferença. Tomando a dissidência de gênero como marcador de diferença, Berenice Bento (2011), em seu texto "Na escola se aprende que a diferença faz a diferença", cunha o termo "heteroterrorismo" para referir-se ao modo como o regime político da heterossexualidade, ao produzir no máximo dois gêneros inteligíveis, lança continuamente os corpos fora desse cálculo num mundo de exclusões e violência, do qual a escola é um dos principais espaços de reprodução (MOMBAÇA, 2015: 2-3).

A performance de gênero como arte dilui a dualidade férias-festa-montação-ritual-arte-aula-enteogenia *versus* cotidiano-armário-vida corrente. Não se trata de implodir limites e criar zonas de (re)existência para depois voltar a um "normal", mas de descolonizar-se em constantes e mutáveis experimentações performativas de gênero. Esta pesquisa performativa com aportes trans-gressores suporta pedagogias descolonizadoras da escola cis-heteronormativa e experimenta performances artísticas e de gênero plurais, entendendo educação e performance como parte da vida e criando uma zona de (re)existência em rede na qual as vulnerabilidades podem dançar e se repensar juntas e as identidades podem se reconstruir em devir.

O cruzamento de gênero pode gerar níveis de ansiedade variáveis conforme se recebem violências Cistêmicas. Observar formas com que cada corpo (re)existe pode ser uma chave para não se paralisar: fortalecer-se, conviver com a tremedeira, criar redes, aprender autodefesa, dançar com o armário. É trans-gressão ou morte, física ou em vida.

Esta pesquisa performativa das trans-gressões à cisnorma entende a educação, arte e performance como parte da vida e visa criar uma zona de (re)existência em rede na qual as vulnerabilidades podem dançar e se repensar juntas e as identidades podem se reconstruir em constante devir. Neste subcapítulo irei narrar um exemplo de vivência e reflexões performativas na arte-vida-educação em uma travessia em Itacaré, Bahia.

Parto de uma abordagem não antropocêntrica, porque não eurocêntrica, prevendo ou travando diálogos com seres, viventes ou não, como plantas, animais, entes e elementos da natureza. Parte de uma exploração da performance em interação com um ambiente não apenas humano, através de caminhadas na floresta, flutuações em dança nas águas e conversas silenciosas com animais, plantas, elementos e entidades, a partir de saberes de matrizes africanas e indígenas, na voz de povos e comunidades tradicionais.

> No primeiro tempo, todos fazíamos parte da mesma gente. As antas, os queixadas e as araras que caçamos na floresta também eram humanos. É por isso que hoje continuamos a ser os mesmos que aqueles que chamamos de caça, *yaro pê*. Os coatás, que chamamos *paxo*, são gente, como nós. São humanos *cuatás*: *yanomae t'ë pë paxo*, mas nós os flechamos e moqueamos para servir de comida em nossas festas *reahu*! Apesar disso, aos olhos deles, continuamos sendo dos deles. Embora sejamos humanos, eles nos chamam pelo mesmo nome que dão a si mesmos. Por isso acho que nosso interior é

> igual ao da caça, mesmo se atribuímos a nós mesmos o nome de humanos (KOPENAWA, 2015).

No que diz respeito a arte e gênero, trago a partir desta vivência a proposta de se pensar a vida mesma como arte, a dúvida sobre a necessidade de público humano em performance e a vivência não binárie como uma espécie de pré-socialização, a partir de experiências de dança e performance na água e em diversos ecossistemas em interação com seres viventes ou não.

A autopercepção somática de massas e fluxos, sob a pele, músculos e vísceras, através de sentidos internos de tato e visão, bem como interações socioambientais, geram alterações na consciência, humor e estados mentais. Estas põem em cheque a necessidade de público humano nas performances, posto que diversas trocas com os seres ao redor ocorrem nas ações performativas, independente da presença de pessoas humanas. Ademais, as relações afetivas vividas por um corpo estão presentes, esteja este em solitude ou socialização.

Descrevo uma pequena caminhada em Itacaré, Bahia, iniciada de manhã com um afeto. Pegamos um ônibus e descemos no início da trilha da cachoeira da Usina, paramos na represa para entrar na água por primeira vez, atravessando e brincando sobre troncos de árvores submersas, saímos e seguimos pela trilha até o poço da cachoeira, onde nos banhamos, consagrando a natureza e conversando, primeiro com ela e depois entre si. Gelo quebrado, saímos dali de forma mais leve e seguimos por uma longa trilha beirando o rio até a praia.

Ele havia me dado um chapéu de duende feito de folha de palmeira seca, e eu estava incorporando este ser, rindo, dançando e brincando na mata, observando os seres presentes, me libertando de ansiedades e me dispondo a criar uma pequena história de um dia para recordar. Essa dança andante era o início de uma performance que seria elaborada mais adiante. Encontramos uma jaca aberta por um grupo de turistas à frente, nos esperando, a qual comemos pela metade em poucos minutos. Pensei em pegá-la na volta, mas descobri que iríamos depois por outro caminho: não voltaríamos mais as mesmas pessoas, era um atravessamento.

Acompanharam-nos duendes, fadas, caboclos e orixás, passamos a beirar o mangue e ele pedia que parássemos. Omulu pede silêncio, tempo e prudência. Os risos do duende arteiro ficam para trás, na mata fechada. Quedamo-nos aí longo tempo, observando a quietude do mangue, do bege e do marrom. O silêncio durava tempo o suficiente para nos embrenharmos nele até o infinito e isso consistia numa espécie de dança parada, na performance da respiração e do olhar atento à terra, à água, à vegetação, à sensação da presença de quem estava ali, invisível. Num dado momento, o parceiro interrompeu o transe e segui com o olhar voltado

sempre à direita para o mangue. Depois, a trilha acabou e entendemos que devíamos caminhar por dentro do manguezal, pés na água rasa, quente, salobra, o som das ondas do mar ao fundo.

> Em nossa pouca paciência e pouca capacidade de escuta, achamos que podemos nos desfazer desse maravilhoso organismo, do qual somos células. Não é um comentário místico, não estou fazendo nenhuma transcendência. Eu só estou lembrando a vocês que este organismo vivo integra a nós também. Somos células desse organismo vivo. E é de uma traição absurda a gente ignorar a nossa origem na terra e discriminar todos os outros seres que têm origem nesse organismo vivo da terra que poderia reconstituir, ou constituir, junto com cada um de nós, uma teia de plena experiência criativa com o organismo vivo da terra. Nós ficamos rendidos a uma dieta cerebral e temos pouca comunhão com tudo o que a terra nos possibilita (KRENAK, 2017: 10).

É o momento mais mágico da caminhada, se não o houvesse sido ela inteira. Parecia outro universo, com silenciosos seres próprios: caranguejos e árvores de longas raízes aéreas, os pés se alternando entre a beira e o centro do fio de água quente, para não se queimar. Perguntamo-nos, ingênuos, quem havia descoberto aquele caminho, no meio de um vasto território não humano, tão inóspito a nós, urbanóides. Chegamos à paisagem praiana, sentamos meditativos no cume calmo de uma pequena duna a observar o mar ao fundo e um riacho ameno logo abaixo. O tempo está cada vez mais dilatado. Tirei meu *cropped* para não o molhar.

Havia imaginado que haveria bem menos gente ali, mas no riacho em si ainda havia pouca: uma família, à esquerda, e um rapaz solitário, à direita, distantes o suficiente. Entrei e flutuei na água rasa: para cima, para baixo, girando devagar para frente, para o lado, inspirando, segurando a respiração, expirando, dentro e fora d'água, pelo nariz e pela boca, olhos abertos, fechados, em relaxamento, agonia, água, ar, terra, planta, animal, dançando, performando, para mim, para a água, os animais, as plantas, as entidades, em infinitas variações.

Quando percebi, o amigo fazia o mesmo. Solitários, em silêncio, em performativa contemplação aquosa. Enquanto meu corpo boiava, meu olho para fora se fixou em um pequeno caranguejo na terra na beira do rio, esses seres me intrigavam, pareciam vindos de outro planeta, uma movimentação robótica vinda de um ser orgânico: apenas o gancho direito se movia, trazendo alimentos à boca, em uma dança ritmada aos olhos. Travei um diálogo silencioso com ele, não me pergunte o assunto, não havia palavras, apenas presença, sensações.

Lembrei-me da já mencionada Residência Corpas, de Meuja e Kil, de corpos trans não binários dançando na água, na natureza, na Chapada dos Veadeiros, da qual participei dois meses depois, e passei a pré-elaborar a proposta. Quando há não palavras, não humanos, não urbanos, não *socialização* urbano-humanocentrica, há dança, presença, performance, respiração, vida, não binariedade, não limites, plenitude, pulmão cheio e vazio. Distante de

socializações humanas cisnormativas, a construção de gênero se volatiliza. Não deixa de estar aí, pois a memória ainda está, tal qual o ar, que é material, mas se invisibiliza, se deixa esquecer.

O que pode ocorrer em performances sem público humano? Sem socializações cis-heteronormativas euro-antropocêntricas? A pessoa artista pode se tornar menos binária? Pode se relacionar e se afetar por outros seres? Pode observar sua corporalidade menos atravessada por guerras sociais da própria espécie? Pode reelaborar em si estas mesmas guerras? Pode um ecossistema com menor sobrecarga humana cisnormativa ser um refúgio para pessoas transgressoras? Pode a interação em silêncio com outros seres ser um local de resguardo?

> Quando um índio está na natureza não fica sozinho. Lá, em meio ao silêncio, ele ouve as palavras encantadas de seus ancestrais e das Encantadas... Encantados. Os parentes mortos e vivos emitem suas palavras, seus sons através das plantas, águas, bichos, céu, sol e Jacy (Lua): o sagrado.
>
> Nós os índios conhecemos o silêncio. Não temos medo dele. Na verdade, para nós ele é mais poderoso do que as palavras faladas.
>
> O silêncio da natureza tem suas palavras encantadas... é um silêncio que fala e dele surge a nossa palavra: a palavra de índio. "A terra está sempre nos falando e deveríamos ficar em silêncio para escutá-la. Existem muitas vozes além das nossas. Muitas vozes. Só vamos escutá-las em silêncio" – assim nos falou o ancião Dave Águia Lakota.
>
> Estas são as palavras deste índio que nascem do silêncio.
>
> Quando deixarmos esta forma física humana... encantaremos. Continuaremos a habitar a grande maloca que é a natureza.
>
> Seremos ancestrais de kuñatãs, kurumins, kuñas e awas que espalharam nossas sementes. Falaremos com eles pelos sons da natureza... por um arco íris...
>
> Em silêncio... (TUPINAMBÁ, 2017: 271)

Refletindo sobre gênero e meus próprios abandonos cisnormativos, volto a botar fogo, testosterona e ação em minha performance: ponho o *cropped* de volta, saio da água e subo num tronco de palmeira morta que estava fincado em diagonal no outro lado do riacho, junto com meus desejos ainda não realizados de circo, acrobacias e *le parkour*. Então subo, me penduro, deslizo, caio na água, subo de novo, danço, e crio uma nova série de repetições, desta vez com mais tônus muscular. Volta e meia olho para o desconhecido à direita, com a sensação de estar sendo observada, e me alterno secretamente entre performar para ele e fingir ignorá-lo.

Penso que deveria começar a levar uma câmera para essas expedições para registrar as performances, mas preocupo-me com o quanto este dispositivo poderia alterar a experiência de forma a prejudicar o nível de concentração, sabendo que outros humanos poderiam assisti-la posteriormente. Ainda na água, em cambalhotas, começo a testar até onde consigo fazer parada de mão aquática, o que me dá a percepção de como devo fazê-lo no chão. Vou para a areia e consigo fazer várias quase-paradas de mão. Um tanto disto e um tanto de flutuações, começo a

me entediar e resolvo acompanhar a beira do rio pela água, pela areia. Chego em uma bica com algumas pessoas, me banho, volto e aviso meu parceiro que iria ficar por ali e levar minhas coisas. Retorno para o rio mais perto do mar, guardo tudo sob o chapéu e entro na água.

Nova série de flutuações: passo muito tempo sendo apenas uma planta ou um peixe que se deixa levar pelo vai e vem da correnteza, voltada para baixo, investigando a capacidade de minhas brânquias, seguindo a pesquisa anterior sobre o quanto eu consigo quase inspirar e quase expirar debaixo da água, levantando a cabeça apenas quando já não consigo mais ou quando quero averiguar se não estou à deriva em mar aberto. Sinto a presença de pessoas que atravessam o rio vez ou outra. Uma delas, boiando, me encosta sem querer. É meu amigo. Seus olhos me olham, semicerrados, e seguimos próximos. Meu corpo atravessa o seu por cima, de lado, e gira, passa por baixo, pelo outro lado, ele passa também para cá. Brincamos de contato improvisação na água: uma dança leve e flutuante, em relação, ensaiando para a Residência Corpas, agora em dupla. As corpas se afetam, se atraem e dançam. Quando a dança finda, boiamos solitários, cada um com suas próprias memórias e sensações.

Sigo com a investigação das paradas de mão aquáticas. Conforme caio destas para frente, faço uma sequência de estrelas, de frente, da água até a areia, sem parar, obsessivamente e até conseguir parar por cada vez mais microssegundos no ar, de ponta cabeça, e controlar melhor as quedas, começando a realizar sonhos circenses. Muito tempo depois, sigo finalmente para a última estação de experimentação: o mar. Neste, apenas reperformo a série habitual de entradas e saídas por cima e por baixo das ondas, flutuações, limpezas, até deixar o mar me depositar aos poucos na areia como uma sereia encalhada, com membros de polvo entregues ao chão. Ao final da tarde, subimos uma estrada de terra íngreme, a qual subo mais rápido que todos, com as patas, adrenalina nas veias e chapéu de duende, e paro a contemplar a vista do mar. Mais à frente, conseguimos carona para a cidade e dançamos outras interações.

Estas danças não se desencaixam de um viver comum quando se considera todo tempo-espaço passível de ser artístico. Movimentos e contenções podem desencadear processos de vida em um organismo, como um despacho, enquanto sua falta pode gerar tensões e acúmulos. Defendo, portanto, a descolonização da produção e fruição artística, como o pretendia Boal, com o Teatro do Oprimido, em fábricas, escolas e comunidades, e a retirada o monopólio do julgamento sobre o que é arte, afinal, apenas em uma parcela mínima do que conhecemos como expressão artística, notadamente a de matriz europeia, buscou-se forjar uma dicotomia imaculável entre esta e a vida/trabalho/ritual. Para ampliar referências des estudantes, partilho

obras em uma curadoria que se pretende decolonial, para que estes nutram-se e manifestem-se por si, em entradas, saídas e giras, sem depender da baliza do professor ou do crítico.

Um corpo que reconheça sua performance de gênero como arte pode potencializá-la em suas expressões, atendendo a desejos de aparência, posturas, ações e reações, saindo de zonas de (des)conforto cisnormativo e experimentando performances distintas daquelas às quais foi treinado, ainda sem saber se desejará mantê-las ou não. São estas formas de (re)existência pessoal e coletiva que fortalecem formas de performatividade e epistemologias, outras até então submetidas à colonialidade cis-hetero branca, pois, como seres históricos e sociais, muitos de nossos desejos são construídos a partir de convenções sociais e muito do que se manifesta como uma aparente pulsão inata é fundado na colonialidade de gênero, trazida por María Lugones (2008) como a construção da noção de gênero ocidental como imposição colonial.

A autora questiona a noção biologizante de gênero por Quijano (2000), apontando a não binariedade e a intersexualidade em oposição ao diformismo sexual, bem como o igualitarismo ginecrático, indígena, e a não generificação, yorubá, como categorias não eurocêntricas. A autora pensa a cartografia do poder global desde o Sistema Moderno/Colonial de Gênero. "La dicotomía hombre/mujer, el heterosexualismo, y el patriarcado están inscriptos con mayúsculas, y hegemónicamente en el significado mismo del género. Quijano no ha tomado conciencia de su propia aceptación del significado hegemónico del género" (LUGONES, 2008: 78).

A colonialidade aplica sistematicamente noções de gênero binárias, misóginas, heteronormativas, burguesas e branco-eurocêntricas. Lugones (2008) cita Julie Greenberg, para quem as instituições legais têm tido o poder de designar categorias sexuais ou raciais aos corpos. Para ela, o que se entende por sexo é também socialmente construído, havendo muitos povos que não buscam "normalizar" cirúrgica ou hormonalmente pessoas intersexuais, ou seja, forçar sua adequação à esta divisão ocidental arbitrária e inescapável dos corpos em macho/fêmea, o chamado dimorfismo sexual, que apenas serve à exploração capitalista global eurocentrada.

> Todavía se asume que el sexo es binario y fácilmente determinable a través de un análisis de factores biológicos. A pesar que estudios médicos y antropológicos sostienen lo contrario, la sociedad presupone un paradigma sexual binario sin ambigüedades en el cual todos los individuos pueden clasificarse prolijamente ya sea como masculinos o femeninos (2002:112). Greenberg argumenta que a lo largo de la historia de los Estados Unidos, la ley no ha reconocido a los intersexuales, a pesar que alrededor del 1 al 4 por ciento de la población mundial es intersexuada. Es decir, esta es una población que no encaja prolijamente dentro de categorías sexuales en las que no hay lugar para la ambigüedad (LUGONES, 2008: 84).

O enfrentamento à colonialidade nas sociedades ocidentalizadas em Abya Yala[17] (território conhecido como América, na língua do povo Kuna, vivente no Panamá) se dá apenas enquanto prática e em coletivo, em uma miríade de estratégias. Esta proposta de decolonização de gênero através da performance arte na educação não se propõe e não se sustenta enquanto abstração verbal ou teórica apenas. O diálogo em sala de aula e a produção artística de pessoas em dissidência, educadoras e estudantes que tragam os efeitos da cis-heteronormatividade branca e tecnologias de (re)existência em suas vidas é, em si, um enfrentamento à mesma pela prática, visto que o diálogo e a arte performam e atualizam a construção de saberes e práticas decolonizadoras no momento em que se produzem e se disseminam presencial e virtualmente.

> Nessa perspectiva o ato performático ritual não apenas nos remete ao universo semântico e simbólico da dupla repetição de uma ação re-apresentada (the "*twice-behaved behavior*", de Schechner) mas constitui, em si mesmo, a própria ação. (...)
>
> O corpo, na performance ritual, é local de inscrição de um conhecimento que se grafa no gesto, no movimento, na coreografia, na superfície da pele, assim como nos ritmos e timbres da vocalidade. O que no corpo e na voz se repete é uma episteme. Nas performances da oralidade, o gesto não é apenas uma representação mimética de um aparato simbólico, veiculado pela performance, mas institui e instaura a própria performance. Ou ainda, o gesto não é apenas narrativo ou descritivo, mas, fundamentalmente, performativo (MARTINS, 2002: 72).

Defendo, portanto, experimentações performativas em gênero como caminho possível de descolonização trans-gressora, desafiando fronteiras até então demarcadas sobre os corpos, sem poder prever efeitos e sensações, e tornar isto um modo de vida ininterrupto, que não se limita a uma experimentação pontual após a qual se retornaria a um suposto estado natural.

Por que não assumir a artificialidade da vida e arquitetar performatividades mutáveis no cotidiano? E (re)agir a cada par de dias em uma performance mais ou menos distinta? Implodir limites, através de artifícios manufaturados decolonialmente? Compartilhar estas experiências na rua, na reunião, no encontro, na festa, na escola, na floresta, no espelho, cocriando uma (re)existência coletiva, e não apenas a de um lobo trans solitário?

---

[17] "Abya Yala vem sendo usado como uma autodesignação dos povos originários do continente como contraponto a América. A expressão foi usada pela primeira vez em 1507, mas só se consagra a partir do final do século XVIII e início do século XIX, por meio das elites crioulas, para se afirmarem no processo de independência (...).

A primeira vez que a expressão foi explicitamente usada com esse sentido político foi na II Cumbre Continental de los Pueblos y Nacionalidades Indígenas de Abya Yala, realizada em Quito, em 2004. (...) Nos diferentes encontros do movimento dos povos originários, o nome América vem sendo substituído por Abya Yala, indicando assim a presença de outro sujeito enunciador de discurso até aqui calado e subalternizado em termos políticos.

A idéia de um nome próprio que abarcasse todo o continente se impôs a esses diferentes povos e nacionalidades no momento em que começaram a superar o longo processo de isolamento político a que se viram submetidos depois da invasão européia de seus territórios em 1492" (PORTO-GONÇALVES, 2009).

2.5. Cartografias pandêmicas, performativas e pedagógicas

A pandemia da Covid-19, chegada no Brasil em março de 2020, trouxe uma consciência outra sobre o tempo, a vida, a morte e seus fluxos. Consciência esta que pode levar a adiar as expectativas de uma insondável mudança na situação pandêmica mundial e, em especial, brasileira, dado o total descaso de um governo genocida. A percepção pandêmica do tempo e das interdependências entre grupos sociais, usualmente ocultas sob as relações capitalistas modernas, evidencia os afetos e agências das coletividades. O situar-se em um dado espaço e uma dada rotina permite perceber de modo mais amplo os ciclos de expansão e contração dos tecidos sociais e psíquicos. Como ignorar o contexto em que este texto se insere?

> O coronavírus e suas consequências políticas possibilitaram uma atmosfera onde o capitalismo foi obrigado, por tensionamentos y conflitos internos e externos, a desacelerar seu ritmo, diminuir a intensidade de seus fluxos, enclausurar seus espaços, bloquear suas fronteiras, acionar políticas de redistribuição de renda, algo que era impensável até então; ainda que ele também tenha mantido ou aumentado sua violenta velocidade em outros domínios da vida, y ainda também que essas medidas tenham um caráter ambivalente, não sendo necessariamente subversivas ou disruptivas. o capitalismo entrou em quarentena. em partes. y com todas as suas contradições (LEAL, 2020: 1).

Devo marcar aqui as condições que me permitem fluir nestas tramas. Mantido o cargo de servidor público em afastamento para o mestrado, em março de 2020 muitas fronteiras entre cidades e estados se fecharam e não havia previsão de retorno das aulas. Supus que talvez este se desse por volta de setembro, um otimismo que à época parecia pessimismo. Decidi, então, viajar de Ilhéus/BA para São Paulo/SP na intenção de retornar ao Vale do Ribeira e passar os meses seguintes com minha criança em um sítio coletivo em Cananéia/SP, litoral sul.

Ao chegar à casa materna na capital, passei ali o final de semana, tendo aulas de direção em uma zona norte quase deserta com um amigo, Don Nelson Pedro, quilombola, motorista da Caravana Arco-Íris, com a qual viajei em 2012 para encontros internacionais inspirados na chamada Cultura de Paz e em princípios como permacultura, veganismo e uma chamada espiritualidade holística. Foi este caminho e meus acessos ao serviço público que me levaram a dividir este sítio em três famílias, atualmente, com os objetivos comuns de ajudar a preservar a Mata Atlântica e viver em apoio mútuo. Estou desde março de 2020 neste sítio, com onze pessoas, compartilhando o cuidado de si, das crianças e da terra e saindo mensalmente ao centro.

É preciso ressaltar que passar este período em condições dignas não exclui saber que a grande maioria da população, em especial preta, indígena ou cigana, periférica e pobre, não tem minimamente as mesmas condições de preservação da saúde física e mental, moradia, recursos,

alimentação, rede sanitária, entre tantas outras necessidades básicas. Saber que o governo genocida segue realizando reintegrações de posse, retiradas de direitos conquistados pelos grupos subalternizados, descumprimentos de medidas de proteção, cortes no auxílio financeiro emergencial à população, abandono dos Ministérios da Saúde e da Educação, negando a ciência e forçando a retomada da economia em detrimento da saúde da classe trabalhadora.

Parte da população segue o exemplo do presidente, ignorando a gravidade da situação e seguindo suas vidas sem os devidos cuidados de preservação e isolamento, pondo em risco as próprias vidas e daqueles a seu redor, o que se confirma pelas mais de 600.000 mortes por Covid-19 no país, ainda havendo subnotificação de casos, e pela inviabilidade de tratar outras enfermidades, devido à sobrecarga e ao alto risco de infecção pelo coronavírus nos hospitais.

Para quem pode estar em casa, tem sido possível observar fluxos, relações, histórias, papéis, o tempo, a comunidade, os seres não humanos, a produtividade, e perceber como este modo de vida poderia se manter sem os pesos das relações capitalistas modernas. É difícil, porém, vislumbrá-lo em equidade social, pois a grande maioria não tem acesso a esta opção. O sentimento colonial e paralisante de culpa se transmuta, então, há a responsabilidade de seguir fortalecendo coletivos através de apoios diversos, compartilhando informações, cuidando das relações, integrando atitudes decoloniais nos espaços de trabalho e repensando nossos papéis na des/manutenção das desigualdades. Uma mudança de paradigma da ideia de privilégio para a de dignidade veio buscando se firmar por meio de encontros como os do grupo de pesquisa Grieta. Nestes, lemos os livros *O amanhã não está à venda* e *Ideias para adiar o fim do mundo*, do indígena Ailton Krenak (2019) (2020), e textos da coleção Pandemia Crítica, para refletir sobre os atravessamentos da pandemia e possíveis estratégias de sobre-vivência coletiva.

Quando adentramos em práticas decolonizatórias, percebemos a colonialidade em todas as estruturas e relações como um Cistema absolutamente coerente, no qual todas as formas de violência pertencem à mesma trama. Assim, não é possível apenas aceitar, por exemplo, que familiares percebam suas atitudes machistas, mas defendam o assassinato de pessoas negras que vivem do furto, especialmente se não denunciam os crimes de homens cis brancos de alta renda. Do mesmo modo, é possível também reconstruir as próprias insuficiências e potências na reprodução ou subversão de colonialidades, nas relações e nas performatividades pessoais, para além das binariedades de gênero, com a redução do excesso de socialização cisnormativa e racista proporcionada pelo isolamento social pandêmico em quarentena.

> O gênero também está sob quarentena. (...) Essas práticas que vem colocando o binarismo de gênero em quarentena estão abrindo novas possibilidades de vida y operando uma transformação revolucionária nas estruturas do próprio binarismo de

> gênero. essas transformações não são pouca merda! elas abrem zonas de transformações nas existências trans, possibilitam outras formas de vida, outras formas de tornar a vida habitável. elas a f a s t a m, exorcizam, dentro de certos limites, os fantasmas da morte (depressão, pânico, suicídio, assassinato...), da morte como uma política em curso do terrorismo cisgênero (LEAL, 2020).

Tais processos seguiram sendo compartilhados com amigos, professores e orientador, o qual incentivou o acolhimento do processo destes em pesquisa, sugerindo uma metodologia cartográfica na assunção dos diversos momentos da mesma, ao invés de priorizar um único evento pontual. Somando a isso, em uma metodologia escrevivente, cartográfica e performativa, entendendo a importância da localização subjetiva do autor-artista-educador, busco vivenciar e observar processos pessoais de descolonização, em especial nas relações de gênero, raça e classe, em um processo inacabável.

> Como seguimos mantendo as nossas práticas de gênero subversivas que criamos y disseminamos durante a quarentena, quando a quarentena acabar? como seguimos deixando o gênero em quarentena, sitiando-o, no pós-quarentena? ainda que outras perguntas nos assombrem, de modo que também precisamos maquinar uma nova sensibilidade que permita responder a elas sem sucumbir ao assombramento: a quarentena acabará um dia? Talvez nunca mais retornemos à normalidade (econômica, social, afetiva, subjetiva, de gênero, racial...). por um lado, isso é bom, mas precisaremos tornar esse novo mundo de exceção habitável! (LEAL, 2020).

Deste modo, individualente, empreendi ações desejadas, mas pouco realizadas, como parada de mão, capoeira, circo; aplanar terrenos; tirar pedras do chão; postes de concreto; fornos de barro; carregar peso; comprar material de obra; consertar encanamentos, bicicletas e sistemas elétricos; dirigir e fazer reparos na kombi; acender fogueiras; roçar; usar roupas e cortes de cabelo não femininos; performar assertividade e expansividade; relaxar em posturas; agravar a voz; cantar; tocar violão; fazer *drag*; me relacionar com *òrisás*, elementos naturais e outros entes; dialogar a partir do lugar de pessoa trans não binária; desviar de expectativas maternas; me relacionar com pessoas não apenas cis-masculinas, com o cuidado de não cair em atitudes tóxicas machistas, racistas, etaristas e especistas. Passei a filmar e postar tais ações em redes sociais, para desenvolver performances de gênero e artísticas e compor um punhado de registros como referências, junto com obras de outras pessoas trans, para que os jovens realizassem ações em viés semelhante. Pedi a amigues que me enviassem vídeos, ao que une não binárie, Mel Mandhi respondeu com performances não cisnormativas.

Visto que esta quarentena não tinha previsão de acabar, decidi planejar uma ação remota em meu local de atuação, IFSP campus Registro, que estava retomando atividades opcionais online. Soube que a professora substituta de artes, Marta Estela, estava realizando uma atividade virtual de caça ao tesouro, em que os colegas poderiam enviar desafios em suas áreas, e pedi para participar, para retomar contato com as turmas. Propus que fizessem performances sobre

desafios enfrentados por serem quem são e mudanças que tenham passado ao longo da vida, sem tocar ainda diretamente nas questões étnico-raciais e de gênero.

Dos dez estudantes que chegaram a mim, sete enviaram vídeos e cinco autorizaram a publicação na Galeria Virtual do IF Registro[18]. A primeira, Maria, está vestindo luvas de *muay thai* quando um menino a interrompe, dizendo que ela não pode lutar por ser menina:

> Este mês completa um ano e meio que pratico *muay thai*, uma luta tailandesa e por diversas vezes presenciei preconceito com mulheres que praticam esse tipo de modalidade. Lutas, no geral. Já me perguntaram muitas vezes: "você tem certeza disso? Por que não vai fazer um balé, que é mais feminino? Por que escolher esta luta masculina? Isso não é para você. Nossa, mas você faz m*uay thai*? Não sabia que meninas podiam fazer *muay thai*, esse tipo de luta". São vários desencorajamentos que escutamos a todo momento simplesmente pelo fato de sermos mulheres e isso é inadimissível. Aquilo me doía, mas nunca desisti e nunca desistirei, porque eu sei o quanto somos capazes, nós, mulheres, assim como os homens, porque somos seres humanos. Temos habilidades, pensamentos, técnicas.[19]

Letícia, escovando os dentes, olha insatisfeita para o espelho e se maquia; ainda insatisfeita, faz chapinha e olha para o espelho, contrariada, onde está escrito "seja livre de opiniões alheias" com batom, posicionando-se contra a maquiagem e o alisamento capilar como imposição social. Já Nanda traz a maquiagem como um meio de elevar a autoestima em momentos de baixa. Julia dramatiza frustrações diante da autoridade e incoerência de sua mãe, que lhe dá dinheiro para comprar tinta colorida para o cabelo, mas no dia seguinte não lhe permite pintá-lo. Natália e Isabel registraram algumas atividades que estão fazendo em casa para superar as angústias da pandemia, como dançar, cantar, tocar instrumentos musicais, ler e tomar chá vendo o dia nascer. Kevin, que estava pensando em abordar o racismo (ao que lhe sugeri pensar em como este o atravessa como pessoa não branca), criou uma cena fictícia, estudando para o vestibular e sendo desencorajado devido à sua cor, com uso de *blackface*, evidenciando uma autoidentificação branca. Marisa traz o modo como se liberta de momentos de ansiedade e tristeza por meio da música e da louvação a Deus.

Esta ação visava analisar suas respostas às questões provocadoras e prever estratégias possíveis para lidar com algumas problemáticas, por exemplo: como ajudar os estudantes a pensarem criticamente suas identidades e relações raciais e de gênero e evitar a dispersão em problemáticas desvinculadas a estas? Como desnaturalizar a cisgeneridade? Como evitar a ideia de salvação divina como solução única, individual e mágica para problemas de caráter social e psíquico? Antes da intervenção, muitas estudantes já percebiam como o Cistema pune e limita

[18] Criada por Marta Estela. Disponível em: instagram.com/galeria.if.rgt. Acesso em: 12/07/2021.

[19] Maria (nome fictício), vídeo, disponível: instagram.com/performances.ifsp.rgt. Acesso: 12/07/2021.

as meninas, impedindo-as de praticar esportes considerados masculinos, de ter autonomia sobre seus corpos e expressão visual para além de padrões estéticos hegemônicos e inclinando-as a "corrigir" suas características físicas, especialmente seus traços de negritude. Tal consciência é devida à sua própria bagagem prévia, às experiências prévias nas aulas de artes e a outras vivências dentro e fora do IFSP. Todavia, falta-lhes ainda observar a cisgenerificação como um processo social, e não biológico, objetivo parcialmente alcançado ao final do processo.

Comecei, então, a desenvolver a Cartilha do Estudante sobre decolonialidade, racismo, cisnormatividade e performance arte, planejada para apoiar a intervenção pedagógica, buscando uma linguagem acessível, mas não reducionista, com atividades de reflexão, autorretratos não binários e histórias pessoais. As partes do texto complementavam-se para explicar a relevância destes temas na escola, pois o material poderia ser acessado por pais, colegas, chefias e estudantes mais conservadores. Os vídeos da caça ao tesouro de Maria, Letícia e Julia foram inseridos na Cartilha como referência, bem como performances de amigues, artistas e meus.

A título de avaliação prévia, convidei a comunidade do sítio a realizar uma versão adaptada da intervenção em dois momentos, primeiro com cinco crianças de 4 a 11 anos, designadas como meninas ao nascer, depois com uma mulher cis de 38 anos. As oficinas com as crianças se deram em três encontros de cerca de duas horas, durante três dias, com: Marina, 4 anos; Flora, 6 anos; Teka, 8 anos; Lúcia, 9 anos; Ivone, 11 anos (nomes fictícios). A primeira esteve junto durante todo o processo, mas não quis participar ativamente. A única criança do sítio designada como menino ao nascer, de 6 anos, quis vir apenas ao último encontro, como ouvinte. Os objetivos foram: o exercício e a avaliação da metodologia, linguagem e conteúdo; o retorno da pesquisa para minha comunidade; e a geração de reflexões e material audiovisual.

Disse às crianças que a oficina teria três assuntos principais: gênero, raça e performance, e perguntei se sabiam do que se tratava. Seus pais, em sua maioria professores e artistas feministas e antirracistas, possuem visões afins àquelas aqui trazidas, portanto elas já haviam recebido alguma introdução sobre os temas. Para Lúcia (9), gênero é sobre "coisas de menino e menina". A mesma arriscou uma definição de performance que parecia indicar confusão com outra palavra. Para Ivone (11), racismo é "preconceito por causa da cor da pele". Partilhei três definições e logo elas começaram a fazer perguntas e colaborações, em uma conversa livre. No dia seguinte, mostrei-lhes vídeos dos jovens que responderam a meu desafio na caça ao tesouro e filmamos algumas de suas ideias de ações consideradas masculinas, como capoeira, futebol, subir em árvore, pegar insetos com a mão, andar sozinha na trilha, pular nas pedras do rio, pisar em poças de lama, entrar em um lago lamacento, bagunçar o quarto etc. Duas irmãs filmaram

ainda atividades ditas femininas, como se maquiar e dançar balé. No terceiro dia, assistimos aos vídeos feitos, mas elas não quiseram se deter em outra conversa. Porém, entendo que a conversa inicial e o processo criativo dos vídeos já estabeleceram algumas reflexões.

Já a versão para a mulher adulta se deu em um encontro de duas horas em um diálogo livre sobre a Cartilha e no envio de um vídeo dela tocando pandeiro em sua casa, abordando as compulsoriedades da maternidade e a falta de tempo para se dedicar a si mesma. Estas experiências serviram para me reconectar com o lugar propositor de ações pedagógicas, no que tange à condição de acontecimento do encontro educativo, que extrapola quaisquer planos e realiza em si a experiência singular que uma coletividade num dado tempo-espaço produz.

Combinamos a intervenção para setembro. Selecionei vídeos de estudantes, amigues, artistas e meus, gravei áudios de leitura da cartilha[20] e escrevi o roteiro[21] da ação pelo sistema *Moodle* de ensino *online* no IFSP, quando Marta Estela percebeu que seria um enfrentamento grande recebê-lo de modo informal, pedindo sua formalização ou sua realização por oficinas opcionais. Visto que os estudantes raramente participam de ações extracurriculares devido à sobrecarga das disciplinas, e que é relevante sua inserção no currículo regular, para todes, formalizei a ação na Direção, enfatizando seu caráter de retorno dos benefícios concedidos pelo afastamento para o IFSP e a necessidade de cumprimento da intervenção para sua validação.

Posso concluir que a pandemia afetou esta pesquisa como a nossas vidas e relações. Não é possível vislumbrar um futuro como retomada do mundo anterior à quarentena ou adiamento dos mesmos planos, mas assumi-la como acontecimento e parte do fluxo e ter *Ideias para adiar o fim do mundo*, pois *O amanhã não está à venda*, como nos sugere Krenak (2019) (2020), em seus livros homônimos. Não é possível imaginar como seria esta vida sem a pandemia e sem marcação de raça, classe e gênero, e é sobre isso: sobre estas experiências em um contexto brasileiro genocida e ultraconservador, analisadas à luz de pensamentos decoloniais.

[20] Disponível em: youtube.com/atanona. Acesso: 12/07/2021.

[21] Disponível em: quemsaoelesparadefinirquemsomos.wordpress.com/roteiro. Acesso: 12/07/2021.

3. Intervenção pedagógica no IFSP campus Registro

> Somos todos seres humanos, mas a gente tem que ir dando espaço para aquelas pessoas que foram meio que ignoradas. É igual à questão da linguagem inclusiva: eu acho importante, porque assim a gente vai se respeitar, porque todo mundo vai se identificar de um jeito e vai se sentir pertencente. Tem pessoas que se sentem excluídas quando a gente usa um termo diferente ou fala de uma maneira que elas não se sentem pertencentes. Claro que não é uma mudança repentina, mas acho que é um ponto pra gente começar.[22]

Após um ano de formação, pandemia, reverberações e inquietações, voltamos para a sala de aula, espaço este agora virtualizado nas telas, em sistemas informáticos e aplicativos de comunicação. Questões sobre a relevância deste trabalho passam a encontrar respostas quando se recorda que o encontro com os estudantes segue sendo sua força motriz. Recordo-me de como, desde as aulas de geografia no ensino fundamental, trabalhar com educação sempre soou como o meio mais eficaz de transformação social. Porém, pensava ser necessária firmeza na voz e na postura para falar e ser ouvido como figura de "autoridade", o que eu, introvertide, não possuía. Na primeira disciplina da Licenciatura, em que me matriculei por experimentação, descobri que havia outras formas de educação sem esta posição de superioridade. Ademais, no primeiro ano de IFSP em uma cidade predominantemente bolsonarista descobri uma firmeza necessária como mãe/educadore/*cuir* em uma sociedade fundamentalista e cis-heteronormativa, a ser performada muito mais perante os adultos do que os jovens.

Em setembro, reencontrei as três turmas de segundo ano dos cursos técnicos integrados ao ensino médio (**mec**atrônica, **edif**icações e **log**ística), com quem já havia compartilhado sobre performance arte e "diversidade" de gênero, sexual, racial, religiosa etc no ano anterior. Desta vez, realizei uma intervenção nomeada como *Performance Arte como meio para desenvolver o pensamento crítico no ensino médio integrado no Instituto Federal*, anunciando a (de)colonialidade, racismo, cisnormatividade e performance arte. Evitei utilizar a palavra "gênero", devido aos ataques feitos por fundamentalistas cristãos que acreditam existir uma tal coisa chamada "ideologia de gênero" – termo paradoxalmente cunhado por eles próprios, que consiste em uma suposta doutrinação ideológica nas escolas, sendo, porém, apenas um meio de obstruir discussões e manter o *status quo* do Cistema tal como está.

A professora Marta Estela me cedeu o que denominou como uma Etapa da disciplina de artes, que seria um ciclo de três semanas letivas. Devido ao atraso no calendário escolar por

[22] Maria (nome fictício), comunicação pessoal.

conta da pandemia, os professores do câmpus definiram a alternância das semanas A, B e C, sendo: a) conteúdo e proposta da Etapa; b) atendimento opcional de dúvidas e discussões; c) entrega de atividades. Isso se deve ao fato de algumas turmas possuírem até 18 disciplinas do núcleo técnico e do núcleo comum do ensino médio, o que dificultaria manter a grade horária regular, considerando ainda a dificuldade de acesso à internet e às condições de estudo domiciliar por alguns estudantes. Sair destes moldes poderia gerar confusão entre os jovens, portanto me adaptei e busquei trazer os conteúdos de modo resumido na aula síncrona.

Seguidamente, organizei a ação em um roteiro disponibilizado via *Moodle*, com vídeos de referência de performances minhas, de estudantes, amigues e artistas, e com a Cartilha do Estudante, que visa introduzir a (de)colonialidade, racismo, cisnormatividade e performance arte, demonstrar suas interrelações e propor atividades reflexivas e performativas, oferecendo sua audição e leitura como alternativas. Para cada turma, propus uma aula síncrona, um atendimento e a criação de uma vídeo-performance de até dois minutos que tratasse como os temas abordados atravessam suas vidas. Porém, no decorrer do processo, algumas alunas solicitaram extensão do prazo de entrega. Por considerar importante uma finalização, haveria mais um atendimento em cada turma sobre os processos e um quarto encontro opcional com todas as turmas. Assim, criamos uma página para os vídeos com publicação autorizada, o Performances IFSP RGT[23], decidimos, ainda, criar a Parte II da intervenção, em que estudantes interessades seriam convidades a se aprofundar nas discussões e produções em uma ação de extensão. Deste modo, o calendário da intervenção definiu-se da maneira a seguir descrita.

Parte I: quatro semanas de intervenção na aula de Artes em três turmas de segundo ano. 1ª: aula síncrona, apresentação da cartilha (decolonialidade e performance) e dos vídeos de referência. 2ª: atendimento e processo de criação. 3ª: atendimento e exposição na página Performances IFSP RGT do Instagram. 4ª: finalização coletiva do processo e convite ao aprofundamento. Parte II: quatro encontros da ação de extensão com estudantes interessades. 7/11: encontro inicial sobre identidade étnico-racial, cisnormatividade e não-binariedade e apresentação do questionário. 21/11: reflexões sobre o questionário, dúvidas e reflexões sobre identidade étnico-racial. 05/12: conversa sobre identidade e performance de gênero, proposta de criação e exibição de vídeos. 19/12: encontro de finalização do processo.

[23] Disponível em: instagram.com/performances.ifsp.rgt. Acesso: 12/07/2021.

3.1. Aulas regulares de artes nas turmas de segundo ano do ensino médio

Quem são eles para definir quem somos?[24]

A intervenção nas aulas regulares de artes no segundo ano dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do IFSP campus Registro se deu através de três encontros remotos por turma (uma aula síncrona e dois atendimentos) e um encontro coletivo de finalização, sendo obrigatória apenas a aula síncrona. Nesta, apresentei a proposta e introduzi os temas abordados.

Para tanto, ainda acreditando na importância e na inescapabilidade do desenrolar do processo como acontecimento único, acreditava também ser fundamental a organização de minha fala inicial, pois seria esta a fundação sobre a qual o processo iria se desenvolver, e me era caro que os estudantes tivessem acesso a certos conteúdos e conexões. Como meio de evitar perder pontos essenciais no encadeamento do discurso, escrevi e li um texto (Anexo IV) na aula em linguagem coloquial, com momentos de quebras, diálogos e redirecionamentos.

Nesta Parte I da intervenção, o tema da cisnormatividade mesclou-se aos demais, devido a sua necessária contextualização, e poucos estudantes se atentaram para a construção social do gênero, o que foi parcialmente alcançado na Parte II. Um dos grandes objetivos deste momento era demonstrar como as noções ocidentais cisnormativas de sexo e gênero hegemônicas são construídas culturalmente, como quaisquer outras, apontando-as em sua especificidade local, e sua pretensa universalidade é mais uma expressão do racismo eurocentrado, que mutila corpos e culturas que estejam em desacordo às suas normas narcísicas, não tolerando outros possíveis. Portanto, adoto nestes diálogos a prática da antropoemia, de Costa (2016), que "interrompe a digestão e a evacuação: reverte a dialética ao não permitir que se faça a síntese" da colonização.

> A teoria *queer* muitas vezes nos questiona de como seríamos antes da cultura, ou seja, como seríamos sem o pacote de crenças que recebemos ao nascer e que vamos desenvolvendo ao longo de cada caminhada (e luta) para se adaptar a elas, ou para rejeitá-las. E, quando trago a palavra kuir, eu trago a questão de que não aceitaremos ser civilizados pela sua integração européia, porque já conhecemos isso profundamente (COSTA, 2016: 355).

Segundo Oyèrónké Oyêwùmí (2004), a família nuclear ocidental monogâmica é o modelo unifamiliar cisgenerificado e heterossexual cujo centro é uma unidade conjugal composta de uma mulher subordinada e um marido patriarcal com filhas e filhos. Assim,

[24] Janaína (nome fictício), vídeo, disponível: instagram.com/performances.ifsp.rgt. Acesso: 12/07/2021.

visando abordar outras formas de relações afetivas e familiares não ocidentais, podemos tomar como exemplo a família yorubá não-generificada matrilinear, apresentada pela autora, cujos membros não são divididos em gênero masculino ou feminino. Por exemplo, as *anahembras* são sujeitos considerados fêmeas a partir de certas características anatômicas, que não se opõem aos sujeitos considerados machos e não são considerados do gênero feminino devido ao fato de não haver generificação. Já o título de homem honorário se dá a pessoas de um grupo social que possui assertividade e distinção política, independente do órgão genital que possui.

> Hoje falo situada geograficamente no Sul, mas muitas vezes parece que me valido falando a partir do Norte, como seguindo um pensamento que nos guia a matriz do dominador. Refiro-me com isto a como os novos saberes de Gênero se acumulam de repente em nossos limites territoriais e nos enquadram com novas etiquetas para fomentar e entender o exercício da existência e suas diferenças sexuais. Assim, hoje em dia os do Norte nos indicam uma nova leitura para compreender o que já existia em nossas terras… (PERRA apud BRAGA, 2020: 138).

Algumas turmas tiveram participação bastante expressiva na primeira aula, como Mecatrônica (Mec) e Edificações (Edif), enquanto a turma de Logística (Log) manteve-se quieta, subvertendo uma hipótese de que ocorreria o oposto, pois Log e Edif são turmas compostas predominantemente por estudantes feministas que costumam trazer à tona os temas das discriminações por motivos de gênero, sexualidade e raça, enquanto Mec traz com frequência ideias de inversões sociais, como "heterofobia" e "racismo reverso".

A título de exemplo, no primeiro semestre de 2019 exibi para as três turmas o filme *O riso dos outros (2012)*, que se coloca contra a comédia que se vale de preconceitos de raça, corpo, gênero e sexualidade, em favor de um humor sagaz, que critica aqueles em posição de poder. Ao final, as duas primeiras turmas concordaram com o filme, mas uma quantidade expressiva de estudantes de Mec seguiu apoiando os humoristas discriminatórios, enquanto alguns poucos permaneciam em silêncio para evitar sua exposição e marginalização na turma.

> Devemos considerar, ainda, o ambiente escolar como espaço de reiterações normativas violentas e, por extensão, de silenciamento da diferença. Tomando a dissidência de gênero como marcador de diferença, Berenice Bento (2011), em seu texto "Na escola se aprende que a diferença faz a diferença", cunha o termo "heteroterrorismo" para referir-se ao modo como o regime político da heterossexualidade, ao produzir no máximo dois gêneros inteligíveis, lança continuamente os corpos fora desse cálculo num mundo de exclusões e violência, do qual a escola é um dos principais espaços de reprodução (MOMBAÇA, 2015: 2-3).

Talvez a tendência à polêmica e ao debate foi justamente o motivo de sua maior participação nesta aula síncrona. Ademais, quase dois anos completos no IFSP, cujos professores do núcleo comum do ensino médio possuem abordagens predominantemente progressistas, talvez os tenha auxiliado no desenvolvimento de perspectivas mais humanizadas. Observe que os nomes dos estudantes aqui são pseudônimos para preservar suas identidades.

Na aula introdutória em Mec, quando foi questionado o que é racismo, o estudante Bernardo, que leio como branco, respondeu que "quanto mais melanina, mas se considera que a pessoa tem características ruins". Já Vitor, que leio como negro de pele clara, disse ser um "ato de superioridade de uma raça sobre outra". Notam-se diferenças sutis: o aluno branco define racismo como as leituras individualizantes de certas pessoas como "ruins", enquanto o negro traduz como uma autodeclaração de superioridade feita por toda uma raça. Às questões de gênero, Bianca responde que cisnormatividade é "sobre homens e mulheres", que cis é a pessoa que "nasce mulher e continua mulher", e que não binarie é a pessoa que "não é homem nem mulher". Completo que cisnormatividade é sobre **normatizar** que os corpos sejam classificados como homens ou mulheres a partir de seus órgãos genitais, encaixando-os em padrões cis masculinos ou femininos; que cis é a pessoa que se identifica com o gênero no qual foi **classificada** ao nascer, sendo o oposto de trans; e que não binárie é toda pessoa que **escapa** aos padrões binários em que só é possível ser homem **ou** mulher, em um amplo espectro. Percebe-se que ela, como outras, tem certas noções superficiais contaminadas por alguns mitos comuns, que devem ser desconstruídos nesta ação.

Kauan disse que um amigo não se relaciona com "travecao", dizendo que "não é um ato homofóbico, mas sim por gosto", e pergunta minha opinião, ao que comento sobre como interpretamos nossas "preferências" como gosto pessoal, quando podemos entender o desejo como construído socialmente; sobre como aquilo que dizemos não gostar pode ser reflexo da discriminação contra pessoas não heterossexuais e transfobia internalizadas; e sobre a diferença entre gênero e orientação sexual – logo, não se trataria de homofobia, mas de transfobia. Em geral, muitos estudantes não querem assumir os preconceitos que, no entanto, aparecem em suas falas. Penso depois que deveria haver dito que o correto é "travesti", no feminino, porém não encontro canal adequado para dizê-lo, pois era uma aula única com a turma.

Fernanda, autodeclarada negra, diz que não costuma se interessar por rapazes negros, e pergunta se isso é devido a esta construção social. Digo me alinhar com autores que afirmam que sim, mas que não há um consenso. Menciono que também tenho o hábito de me relacionar com certos grupos, mas busco desconstruí-lo em um processo lento, mas necessário. Importa dizer que me valho de minha própria leitura sobre as racialidades dos estudantes, visto que não houve oportunidade para que todes se autoidentificassem.

Na aula em Edif, houve participação de alunas como Natasha e Mariele, que costumam participar sempre, contribuindo com definições semelhantes às minhas. As falas não foram registradas, pois não contava com recursos de gravação. Na aula em Log, os estudantes não

contribuíram, devido à timidez e ao receio de "errar", ainda que tenha sido enfatizado o caráter reflexivo e aberto à pluralidade de pensamentos destes encontros.

A professora Marta Estela, que esteve presente em toda a Parte I da intervenção, tendo inclusive escrito uma avaliação sobre a mesma (Anexo V), diz ter sido bom "levantar a pulga" sobre a origem de nossos desejos, após compartilhar um trabalho artístico do primeiro ano sobre feminismo, orgulho LGBT e gordo, dizendo que "essa geração está vindo com força". Comento que "às vezes penso que pode ser muito abstrato, muito além do básico, e penso em deixar de fora, mas isso também é subestimar a capacidade deles", sobre esta e outras reflexões, e ela concorda, mas diz que o Instituto Federal "tem que ser além do básico", e apoia o ato de assumir limites e sair da posição de superioridade de pessoa que aparenta ser totalmente desconstruída.

Quando o educador se une aos estudantes para abordar o que temos em comum, o que **nos** afeta e como podemos agir, assume um compromisso coletivo e sai do lugar da autoridade que dita regras sem colocar sua posição e suas limitações. Esta postura nos aproxima e indica que estamos todos imersos no Cistema e que podemos seguir caminhos contra-hegemônicos a partir de nossos lugares e diferenças. "Na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas. São tomadas como dados ou fatos da vida social diante dos quais se deve tomar posição" (SILVA, 2000: 1).

Por outro lado, colocar a diferença como afirmação (DELEUZE, 1995) desconstrói a visão hegemônica de que há pessoas que são colonizadas e outras não, que há pessoas que são objeto do tema da diversidade e outras não, ou que este tema atravessa apenas estas "outras".

> Antes de tolerar, respeitar e admitir a diferença, é preciso explicar como ela é ativamente produzida. A diversidade biológica pode ser um produto da natureza; o mesmo não se pode dizer da diversidade cultural. A diversidade cultural não é, nunca, um ponto de origem: ela é, em vez disso, o ponto final de um processo conduzido por operações de diferenciação. Uma política pedagógica e curricular da identidade e da diferença tem a obrigação de ir além das benevolentes declarações de boa vontade para com a diferença. Ela tem que colocar no seu centro uma teoria que permita não simplesmente reconhecer e celebrar a diferença e a identidade, mas questioná-las.
> Por outro lado, os estudantes e as estudantes deveriam ser estimulados, nessa perspectiva, a explorar as possibilidades de perturbação, transgressão e subversão das identidades existentes. De que modo se pode desestabilizá-las, denunciando seu caráter construído e sua artificialidade? (SILVA, 2000: 12).

Este é um dos fundamentos para que todes se vejam implicados nas missões descoloniais. Ademais, ao se evitar respostas fechadas e citar autores com pensamentos divergentes, mostra-se que estas não podem ser reduzidas a abordagens simplistas e universalistas, pois estamos tratando justamente de pluralidades, não de novas normatividades. Para Tatiana Nascimento (no Lab Privilégio Branco, em 30/11/2020), buscar uma receita que

dê certo sempre para o racismo é uma atitude racista, pois ignora a complexidade humana das pessoas negras, e entendo que o mesmo se aplique às dissidências de gênero e sexualidade.

Esta intervenção teve resultados maiores do que o esperado, porém menores do que o desejado: houve participação expressiva de um terço dos estudantes, o que é considerável, pois não era uma atividade para nota; meninas brancas se posicionaram acerca do tema do privilégio branco; diversos estudantes manifestaram uma autodeclaração de suas racialidades; algumas meninas, então autodeterminadas como cisgêneras, passaram a observar sua cisgeneridade como um processo não dado, mas construído socialmente e passível de mutabilidade ao longo da vida.

Porém, nenhum menino lido por mim como cis-heterossexual se manifestou, durante a intervenção, em relação ao debate de gênero em suas próprias vidas e percebe-se, através das manifestações de diversas estudantes, que existe uma predominante naturalização da cisgenerificação como processo dado e não histórico ou social, evidenciando que ainda temos muito pela frente, mas que é preciso e possível começar a transformar esta realidade social.

Este é um dos motivos pelo qual foi realizada a Parte II: para dar conta das insuficiências e aprofundar discussões que foram tocadas apenas superficialmente na Parte I, como a própria construção histórica e social das noções ocidentais e binárias de sexo, gênero e identidades raciais, bem como outras discussões implicadas nestas, como a aceitação familiar.

Na tabela abaixo, descrevo a participação dos estudantes na intervenção, marcando com um asterisco o nome daqueles que autorizaram a publicação dos vídeos no Instagram. Importa dizer que os temas dos vídeos aí definidos foram nomeados por mim, em uma tentativa de apresentar resumidamente os temas que surgiram em suas manifestações.

Tabela 1 – Estudantes que participaram das Partes I e II da intervenção

	Turma	Presença	Tema do vídeo
Maria*	Mec	7 encontros	Cisnormatividade e racismo
Natália*	Log	5 encontros	Feminicídio e limitações às mulheres
Mariele*	Edif	3 encontros	Negritude e crítica ao termo “morena”
Laís*	Log	3 encontros	Misoginia, racismo, pedofilia, homofobia
Kevin	Mec	3 encontros	Racismo e sabotagem de planos pro futuro
Julia*	Mec	2 encontros	Frustrações sob a autoridade dos pais
Leonardo	Log	2 encontros	Cisnormatividade: maquiagem em meninos(as)
Isabel	Log	2 encontros	Cisnormatividade: limites às ações femininas
Bruna	Log	2 encontros	Cisnormatividade, maquiagem, identidade
Estela	Mec	2 encontros	Cisnormatividade e racismo: limites ao corpo
Letícia*	Log	1 encontro	Racismo, autoestima e beleza normativa
Juliana*	Log	1 encontro	Autocuidado e liberdade feminina

Tabela 2 – Estudantes que participaram expressivamente e apenas da Parte I da intervenção (continua)

	Turma	Contribuição	Tema do vídeo
Fernanda	Mec	1º e 2º encontros	Violências contra a mulher.
Naila	Mec	2º encontro	-
Natasha	Edif	1º e 2º encontros	-
Jamile	Edif	2º encontro	Cisnormatividade: limites às mulheres
Janaína	Edif	2º encontro	Cisnormatividade: expressão de gênero
Natana	Log	3º encontro	Racismo, gordofobia, autoestima
Bianca	Mec	1º encontro	-
Bernardo	Mec	1º encontro	-
Vitor	Mec	1º encontro	-
Kauan	Mec	1º encontro	-
Zânia	Edif	2º encontro	-
Hellen	Edif	2º encontro	Maquiagem, autoestima e tristeza
Nicole	Log	-	Cisnormatividade: roupas, maquiagem, lazer
Jasmine	Log	-	Privilégio branco: o que é e como lidar
Karoline	Log	-	Liberdade de decisão da mulher negra
Laura	Log	-	Cisnormatividade: roupas *femininas*, conforto
Jimena	Edif	-	Cirnormatividade maquiagem p/ meninos(as)
Samanta	Edif	-	Cisnormatividade: roupas *femininas*, conforto
Márcia	Edif	-	Cisnormatividade: roupas *femininas*, conforto
Milena	Edif	-	Cisnormatividade, raça e expectativas sociais
Telma	Edif	-	Cisnormatividade, raça e expectativas sociais
Nair	Edif	-	Cisnormatividade: limites e obrigações
Nanda	Edif	-	Cisnormatividade: roupas *femininas*, conforto
Íris	Log	-	Cisnormatividade: roupas *femininas*, conforto
Sara	Log	-	Violência física contra a mulher pelo marido
Helena	Log	-	Beleza normativa e violência contra a mulher
Norma	Log	-	Beleza normativa e maquiagem, conforto
Olívia	Log	-	Transformações e expectativas sobre o futuro
Keity	Log	-	Beleza normativa e violência contra a mulher
Daniele	Log	-	Maquiagem, autoestima, tristeza
Ticiane	Mec	Via *Whatsapp*	Homofobia, machismo e racismo
Rafaela	Mec	-	Inconformidade a expectativas cisnormativas
Jonas	Mec	-	Discriminação contra praticantes de capoeira
Otávio	Mec	-	Angústias da quarentena na pandemia

3.2. Encontros para diálogo e vídeo-performances

Irei neste subcapítulo descrever as reflexões dos estudantes nos encontros para diálogo e suas produções de vídeo-performances, focando mais na análise de seus discursos e menos em sua expressão estética, que pode ser acessada na página do Instagram Performances IFSP

RGT. A performance é um caminho potente para que eles possam acessar os debates por outras linguagens além da verbal, mas utilizo a última como suporte nas reflexões aqui trazidas.

Na primeira semana, sem autorizar a publicação, três estudantes de Mec enviam vídeos, estando entre eles os dois únicos meninos a enviar que, na minha leitura, performatizam uma cis-heteromasculinidade. Porém, seus vídeos não abordam a cis-heteronormatividade em suas vidas. Jonas faz movimentos de capoeira e convida seu pai para falar sobre os preconceitos que sofreu como mestre e sobre a discriminação das mulheres dentro da prática, a qual diz vir aos poucos diminuindo. Otávio traz angústias de seu isolamento devido à pandemia. Rafaela é a primeira a tocar na cisnormatividade, narrando atitudes suas opostas às expectativas de feminilidade, como: querer ser policial, não gostar de arrumar o quarto nem de passear com o cachorro e haver abandonado sua prima sozinha diante de uma manada de bois, denotando falta de asseio e cuidado com o próximo. Estas são respostas relevantes às questões postas, porém lhes falta maior atenção à cis-heteronormatividade, tema principal da proposta.

É importante a reflexão sobre as expressões do racismo em suas vidas e a saúde mental em tempos de isolamento social, especialmente com ajuda dos pais, afinal, ainda que a cis-heteronormatividade seja o foco maior desta pesquisa, a atenção sobre estas e outras questões sociais também é imprescindível nesta perspectiva pedagógica. Entretanto, é notável como os meninos que, na minha leitura, performam uma cis-masculinidade próxima à cisnormativa não tocam em questões de gênero e no questionamento da construção da própria masculinidade, tamanha a fragilidade desta identidade, comumente representada pela firmeza.

Percebe-se, então, como a cisgeneridade, especialmente masculina, se recusa a nomear a norma e testemunhar em favor de seu próprio reconhecimento, pois ainda que esta ficção lhe seja limitadora de algum modo, lhes dá igualmente um poder soberano sobre as demais existências, recusando-se a identificar como alteridade. Mesmo certas feminilidades detêm seu "feminismo" no limite em que crêem *radicalmente* que seu gênero advém de seu sistema reprodutor. Importa, porém, que o primeiro passo esteja sendo dado na desnaturalização dos gêneros, para que outras reflexões possam seguir no trans-curso da vida.

Seguindo para o primeiro atendimento, temos novamente uma participação expressiva de alunas de Mec, pouca de Edif e nenhuma de Log – cujos estudantes sequer comparecem. Em Mec, vêm Estela, Naila, Fernanda, Maria e Bianca, sendo a última apenas ouvinte. Começo o encontro pedindo que tragam reflexões e questões que reverberaram a partir da aula introdutória e de como a cisnormatividade afeta suas vidas, da infância até hoje. Estela é a primeira a falar, trazendo um relato potente de uma vida que não se crê tão permeada pelas compulsoriedades

cisnormativas, ainda que revele algumas tensões relacionadas à aparência e às atividades ditas masculinas. Em sua rua havia apenas meninos, com os quais brincava de "correr atrás de bola", enquanto na escola as meninas eram "todas delicadinhas" e "tudo o que elas sabiam fazer era fofocar e fingir que estavam brincando de boneca", no que ela "não via graça", preferindo brincar com os meninos. Hoje diz se encaixar mais em padrões "femininos" que antes julgava, e o interpreta como abertura de mente, dizendo "saber" que havia algo "errado" no que fazia.

> Nunca me foi imposto ser do jeito que sou hoje, eu cresci desse jeito. Onde eu morava, a rua era só moleque. A gente entrava no meio do mato e tal, e por mais que eu gostasse muito de fazer essas coisas, eu sentia que eu não estava... Eu gostava porque era o que eu tinha, eu não estava acostumada com outras coisas. Quando essas outras coisas chegaram para mim, eu [disse]: "é estranho, não quero". Hoje em dia, abriu a minha mente e eu comecei a testar coisas novas. Comecei a ver essas coisas estranhas que eu ignorava, não gostava, e comecei a gostar também. Não é que eu achava errado menina brincar de bola. Na verdade, sempre fui totalmente contra. Eu estou brincando, é uma brincadeira, isso não me faz mulher ou homem. Isso não me faz diferente das pessoas só porque eu estou correndo atrás de uma bola. Mas sentia, para mim, que eu queria alguma coisa que não fosse ficar só no meio dos moleques.[25]

Estela até hoje brinca de coisas consideradas de menino, como esconde-esconde, taco e bola, mas começou algumas práticas ditas femininas que antes odiava, como dançar, cuidar da unha e do cabelo, e enfatiza que, ao seu ver, isso nunca lhe foi imposto.

> Às vezes, as pessoas comentavam: "nossa, arruma esse cabelo", "nossa, sai do mato". Mas, ao mesmo tempo, às vezes a minha mãe mandava fazer essas coisas também: "você tá muito parada, vai brincar, vai lá pra fora, vai lá correr atrás de bola". Minha mãe foi uma pessoa que sempre foi muito aberta com essas coisas, então eu nunca senti como obrigação fazer essas coisas. Então é uma coisa que eu descobri, digamos assim, sozinha. Eu descobri que gosto, sim, nunca foi uma coisa que me foi imposta.[26]

Naila, no mesmo sentido, diz que é praticamente a única menina da família e, por isso, sempre foi "paparicada" com vestido, brinco etc., mas convivia mais com os meninos. Logo, foi "puxando" para o lado deles, com camisetas largas, cabelo preso e sem interesse em maquiagem e cuidar de unha, mas com o tempo começou a fazer coisas ditas femininas. Desde criança, em sua escola, não podia haver amizade entre meninos e meninas, como se ela "fosse fazer algo errado" estando com eles, enquanto o círculo feminino era visto como seguro. "Sempre fui de andar com menino, até meu nono ano. Tanto que, quando eu entrei pro IF, agora meu círculo são meninos. E mesmo que ainda tenha esses comentários, a gente meio que releva".[27]

---

[25] Estela (nome fictício), comunicação pessoal.

[26] Estela (nome fictício), comunicação pessoal.

[27] Naila (nome fictício), comunicação pessoal.

Ambas colocam a feminização como uma vivência tardia, mas que invariavelmente lhes chega, como o foi para mim. Talvez possa parecer satisfatório haver se mantido distante de estereótipos de gênero até a adolescência, bem como uma escolha exclusivamente pessoal e deliberada a aproximação dos mesmos na idade de quinze anos. Porém, isso demonstra que, à medida em que os corpos se modificam, na puberdade, na direção das chamadas diferenças biológicas dos sexos, estes estereótipos serão mais intensamente impressos; à medida em que se aproxima a socialização da vida adulta, atitudes até então relativamente toleradas não são mais aceitas, não sendo mais possível "brincar" com as regras do Cistema.

Para corpos cisgenerificados como femininos, a pressão para casar e ser mãe começa a se intensificar, e quando ela se realiza agrava-se o controle sobre seus corpos e a demonização daqueles que seguem "rebeldes" após a gestação e/ou a chamada "união" afetiva. Importa notar como a trans-gressão e o ato de brincar se encontram associadas e em posição de valor moral e legitimidade inferior à dita "seriedade" e à cisgeneridade, e como a subversão das regras cisgêneras é considerada pejorativamente como uma fase lúdica e inadequada a ser superada.

Estela diz haver em seu comportamento na infância algo "errado" (desviante), recebendo críticas pelo mesmo e referindo-se a seu início na feminilidade como uma abertura na mente. Todavia, julgar a intensificação da cis-feminização na adolescência como pura escolha pessoal é ignorar a máquina de cisgenerificação que tem seu limite de tolerância no início da vida adulta e que começa então a devorar os corpos trans-gressores, pela combinação perversa do racismo e da cisnormatividade, como se verá no relato posterior sobre a aparência de Estela.

Nas duas histórias, a presença massiva de meninos na infância lhes influenciou em seus comportamentos ditos masculinos, denotando que gênero se constrói nas relações sociais, e não por fatores "naturais", e que estas amizades eram consideradas inadequadas e inseguras, o que as levará a buscar a feminilidade para compensar os chamados desvios. Portanto, ainda que se perceba a si como livre de coerções, é duvidoso ver o início "tardio" da cisgenerificação como uma escolha deliberada, esta é apenas a última porta de entrada tolerável para o Cistema.

Fernanda, por sua vez, defende o direito de gostar de coisas ditas femininas e de meninas gordas usarem roupas apertadas. "A pessoa pode gostar, é uma escolha dela, só que ela não pode interferir na vida dos outros. Se ela quer ser daquele jeito, não tem importância, só que ela

não tem que cuidar da vida dos outros, como a pessoa escolhe ser"[28]. Ela gosta de seu cabelo grande – "é uma coisa que gosto, é uma coisa que me acho bonita assim e se fosse de outro jeito não seria eu"[29] – e diz que tem seu lado "masculino", sendo "bruta", "grossa", e vestindo roupas largas. Diz que sempre gostou de seu cabelo cacheado, até passar por uma situação traumática.

> Um rapaz negro, no oitavo ano – nunca esqueci isso –, ele veio correndo atrás de mim, falando que eu era preta, que meu cabelo era duro, e pegou um negócio no chão, não sei o que era, mas eu saí correndo. E eu fui pra casa e meu pai acabou que saiu atrás dele, mas não o encontrou. Foi uma coisa horrível, depois eu não queria mais ir para a escola. Só que o menino não era da minha escola, era de um nível superior, do segundo ou terceiro. Aí, desde então, eu queria alisar. Acabou que eu também queria pintar meu cabelo, fiz a maior cagada da minha vida, pintei o cabelo de loiro, deixei ele castanho claríssimo, ficou super claro. Eu achava que era mais branca por ter o cabelo claro e liso, só que não tinha nada a ver. Depois que entrei no IF e tinha bastante palestra sobre isso, percebi que não tinha nada a ver o que eu pensava antes.[30]

Fernanda acabou gostando do cabelo liso e não se vê mais com ele cacheado. Pensa na possibilidade de deixá-lo natural mais para a frente, mas tem receio do que vai sentir, de não se reconhecer no espelho, bem como da demora da transição capilar, que a levaria a cortar o cabelo, coisa que não quer neste momento. Relata ainda outra situação de tensão com o mesmo rapaz, que "deu em cima" dela no ônibus.

> Eu desci do ônibus tremendo de tanta coisa que eu falei pra ele. Que ele tinha falado isso, só que ele é negro assim como eu. Que do mesmo jeito que eu era, ele também era. Não falando do cabelo dele, mas o cabelo dele era mais cacheado que o meu, então o que que ele estava falando? Ele estava falando de uma coisa que ele também era, ele também tinha cabelo cacheado, que é uma coisa linda. E ainda falando de mim, que o meu cabelo era ruim, que o meu cabelo era isso, aquilo, sem olhar para os defeitos dele primeiro, para depois olhar as pessoas. Não que isso seja um defeito.[31]

Fernanda traz, assim, a inferiorização de práticas consideradas femininas como efeito da cisnormatividade misógina, bem como a compulsoriedade de padrões de vestimenta e beleza das meninas, cuja problemática se intensifica quando se nota a gordofobia e o racismo intrínsecos ao controle e "correção" dos corpos. As pressões sobre corpos feminizados, gordos e negros negativam quaisquer decisões que venham a tomar: como mulheres, devem apresentar-se dentro dos padrões de beleza, mas se o fazem são consideradas frívolas; como pessoas gordas, lhes são proibidas determinadas roupas, mas se o aceitam estariam concordando com os discursos de inadequação de seus corpos; como negras, devem embranquecer-se, mas se o fazem são consideradas desempoderadas e com racismo internalizado.

---

[28] Fernanda (nome fictício), comunicação pessoal.

[29] Fernanda (nome fictício), comunicação pessoal.

[30] Fernanda (nome fictício), comunicação pessoal.

[31] Fernanda (nome fictício), comunicação pessoal.

Para Maria, os temas abordados são importantes porque são ignorados pela sociedade. “Quem passa por aquilo sofre bastante. Igual na performance que eu fiz, que falou sobre as meninas no esporte. Não foi uma situação fácil passar por aquilo. Se você for menina, vai ser criticada por não ser competente para fazer aquilo, e mexe bastante”[32].

Estela retoma então a palavra para relatar que não se importava com o que pensavam dela, até passar a cuidar mais do cabelo, gerando estranhamento. Antes andava apenas de coque, pois mantinha seu cabelo “mais quieto”, mas começou a usar rabo de cabelo e a soltar o cabelo, “incomodando” os colegas, que lhe pediam para amarrar por não enxergarem a lousa.

> Porque, o meu cabelo, ele é desse tamanho! Ele não é um cacheado super definido, ele é mais frisado, então tem esse tamanho mesmo. Eu percebi que isso começou a incomodar as pessoas, e isso me retraiu um pouco. Aí eu voltei a usar só coque, inclusive quando eu entrei no IF eu ia de coque todo dia, de vez em quando eu ia de rabo de cavalo. Depois no IF eu me encontrei mais ainda, a me encontrar com meu cabelo, e eu pensei “meu deus, porque eu não usava ele solto antes?” Hoje em dia eu sou apaixonada por meu cabelo do jeito que ele é. Se alguém fala alguma coisa, eu começo a falar junto com a pessoa, não me rebaixando: “é isso aí, cara, meu cabelo não tem controle, ele tem vida própria, por isso ele é desse jeito, maravilhoso”. Eu me aceitei do jeito que eu sou e eu comecei conseguir contornar essas situações sem ofender a pessoa e sem me ofender também, e a conseguir lidar melhor com isso.[33]

É possível perceber que Estela, ainda que entenda não ter sido forçada a ser, agir e sentir-se como é, age e se sente, passou por tensionamentos em relação à suas características físicas, aparência e comportamentos, fazendo-a sentir-se “errada” e coagida a controlar seu corpo. Importa notar como o controle de seu corpo envolve não só feminilidades, mas os traços de negritude de seu cabelo, tido como inadequado, mostrando que a opressão combinada de raça, gênero e outros potencializam modos de colonização específicos. Ressalto, então, para elas, a potência dos relatos, sugerindo a ideia de compartilhá-los no áudio dos vídeos enquanto se mostram ações e imagens relacionadas aos mesmos, como possibilidade para quem se interessar. É neste momento também que redefinimos o cronograma de aulas.

Fernanda é uma das primeiras a enviar o vídeo, que inicia sorrindo, e aparecem palavras em sua pele escritas com batom: “puta”, “casta”, “feia”, “gorda”, “tira isso”. Mostram-se notícias de violência contra a mulher e ela surge triste, com maquiagem borrada de choro. Mostram-se imagens reais de espancamento de uma mulher no elevador. Fernanda aparece com maquiagem neutra e surge o texto “pare de se odiar por aquilo que você não é e comece a se

[32] Maria (nome fictício), comunicação pessoal.

[33] Estela (nome fictício), comunicação pessoal.

amar por aquilo que você é". Ela aparece então sorrindo, cantando, dançando e posando para foto, e surge outro texto: "se ame em primeiro lugar e em segundo lugar... se ame também".

Este é um exemplo de muitos dos vídeos enviados pelas alunas, muitas das quais se identificam como feministas, em que trazem os vários modos como a sociedade misógina ocidental violenta as mulheres e meninas, controlando seus corpos por meio da coerção e da agressão física e psicológica, bem como da cobrança à adequação a padrões hegemônicos de beleza e a expectativas cisnormativas de uma feminilidade considerada apropriada. Muitas delas irão finalizar o vídeo com mensagens positivas de amor próprio e de libertação das amarras machistas e das comparações com outros corpos indicados como ideais, como um meio de construir uma solidariedade feminina, visto que a maioria delas autorizou a publicação e recebeu muitas "curtidas" na rede social, especialmente entre as colegas. O tema das expressões da misoginia, em geral, já lhes era familiar e mesmo uma espécie de zona de conforto, sendo recorrente nas aulas de artes e outras disciplinas, em eventos do IFSP, nas redes sociais e em suas próprias vivências em outras esferas da vida. Entretanto, sempre é possível destrinchá-lo e aprofundá-lo, percebendo novos aspectos e novos caminhos. Além disso, cada reflexão e produção nova soma-se no compartilhamento e multiplica-se nos espaços de encontro, progressivamente, como um rizoma-fractal de manifestações (re)existentes.

Quando percebemos a misoginia como fruto da cisnormatividade, ideia expressa por mim nas aulas, a conscientização social adquire um novo patamar, pois percebe-se não só a existência de violência exercida sobre os corpos lidos como femininos, como a artificialidade da própria produção das feminilidades por meio de violências, coerções, limitações e compulsoriedades Cistêmicas. Percebe-se então o caráter arbitrário das características, preferências e atitudes ditas femininas. Entendo que o processo pedagógico pode ter permitido, sim, um aprofundamento em relação a como a misoginia era apreendida até então.

Entretanto, percebo também que a quase totalidade destas meninas não desassociou a própria cis-feminilidade de seu corpo cisgenerificado como construção artificial também. A maioria não parece ter dúvidas em relação à produção de sua cisgeneridade, como se a mesma se tratasse de um dado natural, obtido através de seu corpo e da certeza de uma autoidentificação feminina aparentemente inata e essencial, e que a transgeneridade seria igualmente inata para os "outros" que a vivem, sem perceber que ambas se tratam de construções sociais e repetições performativas de si para si e para o mundo. Enfim, para elas, sua cisgeneridade está fora de questão, e os abusos da cisnormatividade em suas vidas começam apenas a partir do ponto de seu entendimento presumido enquanto meninas cis agredidas pela misoginia.

Outro exemplo da cisnormatividade misógina e racista transparece no vídeo de Estela, no qual aparece de cabelo solto e blusinha e vai mudando a aparência conforme fala.

> Quando eu entrei no ensino fundamental, eu comecei a escutar muitos comentários sobre a minha aparência. No começo foi só sobre o meu cabelo, que ele estava sempre bagunçado, que ele era muito volumoso. E, por causa disso, eu comecei a prender ele, [aparece de coque] eu comecei a usar coque todo santo dia e isso me dava uma dor de cabeça terrível, mas eu me acostumei. Eu me acostumei e assim continuou. Passando mais um tempo, começaram a falar sobre a minha aparência de novo, e dessa vez o foco era o meu corpo, [aparece de moletom] e por causa disso eu comecei a usar moletom e calça e tênis todo dia. Calor, frio, não importava, era sempre a mesma roupa, e eu comecei a me acostumar também. E eu pensava em lados bons disso: pelo menos eu não precisava ficar escolhendo roupa todo dia. Mas aconteceu isso comigo e eu sei que acontece com muito mais gente e a gente se acostuma, né? A gente se acostuma a receber comentários, a gente se acostuma a receber opiniões que a gente não quer escutar e a gente muda às vezes por causa disso. Eu mudei muito e hoje em dia eu sou quem eu sou porque eu quis ser, não porque ninguém disse "ah, você precisa ser como eu quero que você seja". E é esse o ponto, a gente tem que ser quem a gente quer ser. E se sentir bem com isso é o mais importante.[34]

Algumas estudantes tímidas buscam orientações práticas nos atendimentos, perguntando se precisam aparecer no vídeo e se podem fazer animação. Respondo que o ideal seria performar com o corpo, porém entendo e respeito caso não o queiram. Trago uma visão de performance para além do corpo físico, pensando no desenho, composição e narração como extensão performativa do corpo. Uma delas, Ticiane, opta por aparecer, mas não publicar, declamando uma poesia autoral sobre os temas discutidos, enquanto mostra interações suas com objetos como um celular, lençóis, bonecos e uma bolsa.

> Um dia, vi uma publicação dizendo:
> – Deixe um frango na pia;
> se, quando voltar, ele estiver do mesmo jeito,
> eu já fujo da guria.
> Fiquei irritada, mas logo relaxei.
> Quem sabe aquilo fosse um crime perante a lei?
>
> Quando eu era pequena,
> cheguei no meu pai e falei:
> – Quero aprender a jogar futebol!
> E ele, com um sorriso debochado,
> me olhou como quem fala:
> – Vai passer um pano na casa ou estender um lençol!
>
> Uma vez um amigo foi dançar balé.
> Eu ouvi e pensei "esse não gosta de mulher".
> Infelizmente, antes eu tinha esse julgamento.
> Mas agora percebi que é só questão de posicionamento.
> Eu gostar de futebol não me torna um menino.
> Meu amigo fazer balé só faz dele um bailarino.
>
> Outro assunto importante que quero tratar
> é a cor de pele para muitos ainda importar.

[34] Estela (nome fictício), vídeo cedido pessoalmente, indisponível para visualização.

> Quando um branco vê um preto na rua, logo pensa:
> – Vixe, preciso me atentar!
> Enquanto o preto está pensando:
> – Mais um branco pra me julgar![35]

Ticiane consegue reunir em sua poesia e performance vários dos aspectos trazidos na aula, a partir de suas recordações, desde estereótipos de gênero e sexualidade tidos como femininos ou masculinos, heterossexuais ou homossexuais, até situações de machismo e racismo. Ela e outras estudantes abordaram os efeitos da cisnormatividade em suas vidas, nas limitações de atividades associadas ao gênero tido como oposto, sendo esta percepção um dos objetivos da intervenção, bem como gerar ações de (re)existências trans-gressoras.

Quando sua voz declama a segunda estrofe, seu corpo estende um lençol sobre a cama, denunciando a eficácia da coerção de seu pai em uma rotina de afazeres domésticos imposta às feminilidades, em detrimento da diversão e esportes. É possível notar seu posicionamento em todas as situações, inclusive naquelas em que, no passado, teve julgamentos taxativos sobre a identidade alheia a partir de pré-conceitos, sendo que, de fato, não é possível determinar a orientação sexual de uma pessoa a partir de hábitos e gostos pessoais. Porém, não evidencia uma postura anti-homofóbica, deixando a entender que a possibilidade do amigo ser gay poderia ser um problema. Já na última estrofe, parece comparar de modo equitativo as posturas descritas de mútua apreensão, como se ambos partissem da mesma perspectiva de preconceito, quando entendemos racismo como fenômeno histórico que trata da exploração racial das pessoas não brancas por parte das branquitudes, sendo questionável a ideia de uma equiparação reversível.

Percebo que as ações performativas propostas contribuem para o desenvolvimento das reflexões a partir do corpo e das vivências des estudantes, promovendo processos criativos que os estimulem a buscar em suas memórias corporais e afetivas os atravessamentos coloniais, em suas próprias vidas ou de pessoas próximas. “De acordo com Gómez-Peña (2005) a arte da performance com seus programas, ações e materiais tem o potencial de deixar nus os processos de dominação social” (LEAL, 2018: 63), permitindo que se utilize de outros sentidos para tal.

No atendimento de Log, levei cinco minutos para reconhecer Natana, sendo ela uma das alunas mais participativas, pois havia feito uma transição capilar. Quando a reconheci, sugeri a assunção do *black* como tema da performance, ao que ela respondeu que estava pensando justamente em tratar da recente valorização de suas características negras e gordas. Seu vídeo

[35] Maria (nome fictício), vídeo cedido pessoalmente, indisponível para visualização.

começa com ela se escondendo e desgostando de si. Então, diante do espelho, começa a mexer nos cachos, sorrindo, com roupas "de sair" e "de ficar em casa".

> Muitos anos da minha vida, eu passei me odiando. Passei sem conseguir me olhar no espelho. Passei odiando cada centímetro do meu corpo: minhas gordurinhas, meu rosto e principalmente odiar a minha própria cor. E como na vida precisamos tomar decisões difíceis, eu tomei a minha: eu tomei a de me aceitar. Foi um processo doloroso, devagar e lento. Mas comecei a me aceitar. Comecei a amar cada centímetro do meu corpo, cada detalhe. Comecei a perceber que cada detalhe me fazia ser uma pessoa mais incrível, me faz ser uma pessoa muito importante. "Ame-se acima de tudo" é uma frase muito importante. Se ame toda produzida, se ame com roupa de casa, se ame em qualquer momento. Porque se você não se amar, como você poderá amar alguém? Veja o quão você é incrível, sem que as pessoas possam te apontar e te dizer algo. Seja você o seu próprio padrão.[36]

Este é um exemplo de vídeo que não menciona diretamente a cis-heteronormatividade, mas aborda com profundidade o processo pessoal de autoaceitação de uma menina negra e gorda, sendo esta uma manifestação decolonial de (re)existência e inspiração para outras colegas, com a pulsão de vida como mote de (re)existência das subalternidades. Constribuições como esta nos fazem relembrar o fato de que há muitas violências interseccionadas: gordofobia, misoginia, racismo, cis-heteronormatividade – e que nenhuma delas precede as outras, mas se sobrepõe, e que um trabalho decolonial sobre questões de gênero e sexualidade necessariamente será atravessado pelas relações étnico-raciais e de corporalidade implicadas.

> Pensar o efeito estético das transgeneridades deve se alinhar com uma séria reflexão sobre os parâmetros de colonialidade implicados nela. Em um Brasil que simultaneamente e/ou anteriormente de genocidar os corpos trans genocida os corpos negros e indígenas embranquecendo a população, a interseccionalidade em que a colonialidade do corpo trans se formou em nosso país também diz sobre a anticolonialidade de resistência aos padrões de dominação étnico-raciais associados (LEAL, 2018: 63).

Outras três alunas de Log enviam seus vídeos. Natália envia um compilado de notícias de violência contra a mulher, encenações em que ela tem que mudar de roupa para não ser assediada, fotos de procedimentos estéticos e seus altos preços, filmagens dela sendo maquiada, bem como imagens sobre conquistas de mulheres na ciência e na história, sendo este outro vídeo que traz as opressões femininas sem tocar diretamente na cisgeneridade.

> Ser mulher não é fácil. É resistência todos os dias. Sofrimento coletivo por cada uma de nós que se vai. É padrão, é estética, é cuidado. É se vestir corretamente para que não fiquem olhando. É segurança. É andar sempre acompanhada de alguém. É não ter o direito de ir e vir. É depilação, é dor, é dinheiro. É se enquadrar aonde você não se identifica. É cortar o cabelo, se maquiar, estar com o corpo ideal, ainda que a saúde esteja péssima. E qualquer uma que fuja do que é imposto pela sociedade, é diferente, é esquisita. O que pode levar a pessoas ao isolamento, ter baixa autoestima e até mesmo a depressão. Mas também ser mulher é luta. Mostrar que somos capazes, que estamos sempre inovando, que estamos sempre conseguindo. É resistir aos padrões e

[36] Natana (nome fictício), vídeo, disponível: instagram.com/performances.ifsp.rgt. Acesso: 12/07/2021.

> ser quem você queira, apesar do julgamento alheio. É a resistência à cisnormatividade. É, aos poucos, acabar com o pensamento machista e mostrar ao mundo quem somos.[37]

Este e outros vídeos podem fazer vislumbrar como o sistema de gênero limita os corpos não apenas no plano do controle individual, mas como uma estrutura de dominação coletiva atrelada aos interesses do capitalismo eurocentrado, masculino e cis-heteronormativo. "Concebir el alcance del sistema de género del capitalismo eurocentrado global, es entender hasta qué punto el proceso de reducción del concepto de género al control del sexo, sus recursos, y productos es constitutiva de la dominación de género" (LUGONES, 2008: 93).

Juliana se filma diante do espelho, se olhando, dançando, cuidando da pele e meditando: "não se importe se você é gorda ou magra, se usa maquiagem, se está com a rotina de skin care em dia, se tem uma roupa legal para sair, para qual gênero você sente atração, como você se identifica e muitas outras coisas. (...) Bora sair do padrão?"[38]. Importa dizer que ela é cis, branca, magra e se enquadra em ideais de beleza ocidentais, não sendo a única menina com estas características a incentivar o amor próprio e a irrelevância de se adaptar a padrões de beleza, o que, em si, é importante, mas se torna muito mais potente quando parte de alunas não brancas e não magras, como Natana, e como no movimento Corpo Livre, no qual pessoas com os mais diversos corpos postam fotos de si positivadas, visando fortalecer sua autoestima e a de quem as vê. Vale dizer que estes primeiros vídeos postados, enviados com antecedência, servem de modelo para os seguintes, sendo notável a repetição das temáticas entre as colegas.

Nicole, justapõe filmagens de roupas, maquiagens, livros e brinquedos junto do texto:

> Como devo me vestir e fazer o que gosto sendo menina e gostando de "coisas de menino" também? Devo usar saia ou calça? Colocar um salto? Ou um tênis? Sair sem passar batom? Ou passar batom? Que livro deveria escolher? Um romance? Ou um livro de Aventura? "Romance é coisa pra garotinhas". "Aventura é coisa de menino". "Meninas brincam de boneca!" "Bola é brincadeira de menino". Eu brinco, leio e me visto da maneira que eu quiser![39]

Esta é a primeira e uma das poucas manifestações que aborda o tema das performances de gênero binarizadas, sem isolar-se nas questões "femininas". Sua imagem aparece em cena de cara limpa, feliz, e passando batom, insatisfeita, usando o celular como espelho e cobrindo metade do rosto. Escolho este *frame* como avatar da página do Instagram, junto da legenda "batom?" – sendo relevante ter esta manifestação como capa da intervenção, especialmente tendo sido feita por uma aluna negra e gorda. Esta se coloca como "menina" que gosta de

[37] Natália (nome fictício), vídeo, disponível: instagram.com/performances.ifsp.rgt. Acesso: 12/07/2021.

[38] Juliana (nome fictício), vídeo, disponível: instagram.com/performances.ifsp.rgt. Acesso: 12/07/2021.

[39] Nicole (nome fictício), vídeo, disponível: instagram.com/performances.ifsp.rgt. Acesso: 12/07/2021.

"coisas de menino" também, questionando as imposições sobre os gêneros e reclamando liberdade, mesmo considerando-se cisgênera. Este caso mostra como a intervenção nas aulas enfatizou as limitações e coerções de gênero, mas não evidenciou como a atribuição da cisgeneridade em si é produzida arbitrariamente. Esta produção se dá justamente a partir da associação do dito dimorfismo biológico com as supostas preferências de gênero mencionadas.

Figura 2 – Cabeçalho da página Performances IFSP RGT no Instagram

Fonte: instagram.com/performances.ifsp.rgt

> Problematizar el dimorfismo biológico y considerar la relación entre el dimorfismo biológico y la construcción dicotómica de género es central para entender el alcance, la profundidad, y las características del sistema de género colonial/moderno. La reducción del género a lo privado, al control sobre el sexo y sus recursos y productos es una cuestión ideológica presentada ideológicamente como biológica, parte de la producción cognitiva de la modernidad que ha conceptualizado la raza como «engenerizada» y al género como racializado de maneras particularmente diferenciadas entre los europeos-as/blancos-as y las gentes colonizadas/no-blancas. La raza no es ni más mítica ni más ficticia que el género – ambos son ficciones poderosas (LUGONES, 2008: 93-94).

Com base nisto, busco demonstrar como o gênero ocidental é produzido artificialmente a partir deste chamado dimorfismo biológico, que, em si, a autora María Lugones (2008) aponta como ideológico e questionável. As ficções de gênero sobrepõem-se ainda às ficções raciais, a partir de raças generificadas e gêneros racializados, o que será mais amplamente abordado pela estudante Mariele. Esta filma imagens de seu rosto, enfatizando o fenótipo negro; em seguida, filma seu corpo na cama, na colheita de jabuticabas e na terra, em posição fetal, enquanto fala.

> Meus olhos e boca dizem *preta*, mas as pessoas olham minha pele e dizem *morena*. Meu nariz grita minha origem, mas meu cabelo engana dizendo *mulata*. Estou cansada de tentarem me embranquecerem. Sou preta da boca grande e do nariz largo. Meus olhos são pretos como jabuticabas. As mesmas jabuticabas que minha bisavó indígena colhia para dar ao meu bisavô italiano. Sou mestiça, sim. Mas isso não me faz menos preta. Isso não nega meu berço África.[40]

Mariele é uma das alunas mais militantes de sua mulheridade preta, sendo participativa nos encontros e aulas de modo geral. Ela (re)existe na pretitude como oposição à ideia de mestiçagem, coloca-se contra o uso de termos como "morena", "mulata" e "parda" e é

[40] Mariele (nome fictício), vídeo, disponível: instagram.com/performances.ifsp.rgt. Acesso: 12/07/2021.

consciente da opressão de homens pretos por mulheres brancas. É forte em seu discurso a interseccionalidade como instrumento teórico à "inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais" (AKOTIRENE, 2018: 19). É a aluna que traz de modo mais consciente o reconhecimento de sua ancestralidade preta, cruzada com questões de gênero.

> A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002: 177).

Jamile encena a preparação de uma massa de concreto, usando salto alto e enchimento nos braços dobrados para cima, simulando músculos e mostrando sua força, ao som da música *Respeita as mina,* de Kell Smith. Escreve que buscou deixar "em evidência a ação de uma atividade da mulher em um 'cenário para homens', de modo que quem assistisse pudesse refletir também sobre assuntos como repressões, opressões, imposições e os preconceitos que ainda milhões de mulheres sofrem através da cultura machista"[41]. Enfatiza "a divisão de atividades e obrigações das mulheres e homens no trabalho", e defende que ambos podem aprender várias atividades. No atendimento, revela que se inspirou em minha performance *Obrando*, em que faço alguns serviços de construção. Jamile diz que para construir sua performance pensou em "demonstrar como as atividades na sociedade para mulheres e homens foram impostas e divididas"[42], o que buscou expressar através de uma ação em que buscou conjugar símbolos associados aos dois gêneros. Segue trecho do texto.

> Essa é uma voz em formato de uma ação. Ação essa que enfatiza a força, simulando grandes músculos. O que deveria ser algo natural, pois a força não precisa ser enfatizada, assim como o uso do salto não deve ser imposto para mulheres para demonstrar sua feminilidade. O salto e os grandes músculos fazem chamar a atenção como uma provocação naquele cenário, pois os mesmos não ditam quem somos nem onde podemos chegar.[43]

É outra das exceções que aborda diretamente os binarismos de gênero e as fronteiras, produzindo a imagem de um corpo lido como feminino em uma atividade tida como masculina, portando signos enfáticos dos gêneros ditos opostos, como músculos e salto alto. Como Nicole,

---

[41] Jamile (nome fictício), comunicação pessoal.

[42] Jamile (nome fictício), comunicação pessoal.

[43] Jamile (nome fictício), comunicação pessoal.

também se coloca sob a certeza da cisgeneridade, mas transita entre as performatividades da binariedade, buscando rompê-las na direção de ampliar possibilidades de vida.

O segundo atendimento de Edif contou com a presença de ambas, Mariele e Jamile, bem como de Natasha, Janaína, Hellen e Zania, sendo que as últimas três foram ouvintes. Natasha não chegou a entregar o vídeo, mas escreveu um texto.

> A cisnormatividade é algo natural ou proveniente de uma ideologia? O racismo é algo comum ou ele faz parte da ideologia dos nossos colonizadores? Porque sempre tentamos embranquecer a história e pessoas? A sociedade sempre foi patriarcal naturalmente ou não? Entre outras questões que elx me levou a refletir se eram naturais ou somente fomos levados a considerar normal e se contentar. A sociedade nos impõe diversas formas de ser, agir e sentir, mas nem todos querem seguir isso e quando alguém quebra com esse ciclo ele abre os olhos para inúmeras possibilidades diferentes. A arte nos leva a olhar diversos temas e por variados tipos de expressões uma delas é a performance, ela apresenta algo novo pela visão e conceito de outras pessoas, assim como nos leva a temas inexplorados que precisam ser vistos e pensados, para que possamos caminhar pra uma sociedade onde o topo da "cadeia alimentar" não seja ser um homem branco cis e heterossexual.[44]

Natasha é uma das estudantes mais atuantes em sala de aula na discussão de temas de gênero, raça e sexualidade, dominando a elaboração oral e escrita, mas tendo bloqueios na expressão cênica, dizendo não fluir no processo de criação e não se sentir confortável em mostrar sua imagem – ainda que ela, ao contrário de muitas que não quiseram gravar, aparecer ou publicar, se aproxime dos padrões de beleza ocidentais. Seu processo passa mais pelo diálogo em si e por fruir obras das colegas e artistas, mostrando que o processo pedagógico em artes vai além da produção em si e que as próprias experiências no tempo-espaço da roda de conversa e da fruição podem ser performativas.

Mariele, por sua vez, falou bastante neste e nos encontros seguintes, vindo a compor o grupo da ação de extensão na Parte II da intervenção. A estudante, que havia entregue vídeo sobre sua negritude, comenta que havia pensado em fazer sobre o que as mulheres passam no dia-a-dia, mas decidiu elaborar as políticas de embranquecimento do povo preto.

> Quando a gente vê uma pessoa preta, mas que tem um tom mais claro, a gente chama essa pessoa de parda. Pardo nada mais é do que um branco sujo, tanto é que muitas pessoas não gostam de utilizar esse termo. Então, você não é suficiente para ser branco, mas você também não é preto, então você tem que ficar feliz por não ser denominado preto. E o medo que as pessoas têm de falar palavra preta. Preferem chamar a pessoa de negra do que preta. Só que, ultimamente, muitas pessoas vêm falando – pessoas que estudam sobre a linguagem – que negro também é um termo pejorativo, que o certo seria falar preto, como se fosse ruim. Mas se a gente chama uma pessoa branca de branco, da cor branca, porque a gente tem medo de chamar uma

[44] Natasha (nome fictício), comunicação pessoal.

> pessoa preta de preta? Não é uma coisa ruim. Eu particularmente prefiro que me chamem de preta.[45]

A estudante menciona um conflito ocorrido com um homem que a havia chamado de morena, ao que ela lhe diz que é preta, pois, para ela, "moreno é uma pessoa branca com cabelo preto", e o mesmo insistiu, deixando-a brava. Ela critica a supervalorização do olho claro e cabelo liso e diz que hoje se vê que todos os cabelos são bonitos, mas os traços europeus ainda são mais valorizados, através de práticas de embranquecimento.

Comenta sobre as formas diferentes que os gêneros sofrem racismo: "as pessoas tem a mulher preta como um corpo só sexual e o homem sofre mais com essa parte de achar que é um ladrão. O homem também sofre com essa parte de achar que o corpo negro tem um teor mais sexual. Mas (...) geralmente está mais ligado ao caráter"[46]. Sobre a divisão de tarefas entre os gêneros, ela diz que o homem não pode, mas deve lavar louça, e acha engraçado como o feminismo "ajuda nas causas masculinas", pois este ressalta que o homem pode chorar e demonstrar sentimentos. Concorda com a performance de Jamile, dizendo que "músculo não é sinônimo de força", e termina com um relato sobre a cisnormatividade em sua vida.

> Eu adorava brincar de carrinho, mas eu tinha vergonha de falar para a minha mãe, para ela comprar para mim, que eu achava muito divertido. Falei quando eu era bem maior, tinha uns doze anos, e aí ela falou que eu deveria ter falado, que ela comprava, não havia nada demais. Meus pais nunca falaram: "olha, você não pode fazer isso", nem nada. Mas, por algum motivo, eu sentia que eu não deveria pedir, eu não deveria falar. Eu não sei de onde eu tirei isso, provavelmente dessa construção social.[47]

Dos 120 estudantes (40 por turma), 37 entregam vídeos: 5 meninas e 2 meninos de Mec; 12 meninas de Edif; 17 meninas e um menino de Log. Esta atividade não compôs a média bimestral da disciplina de Artes, mas apenas contou como participação, pois a professora Marta possuía atividades de outras etapas que seriam utilizadas para nota. Portanto, é notável uma participação expressiva, considerando a sobrecarga de disciplinas remotas em esquema de alternância na pandemia e a não obrigatoriedade da atividade. Assim, ainda com baixa participação dos meninos, especialmente cis-heterossexuais, e particularmente da turma de Mec, já comumente avessa aos temas, é possível notar que a ação despertou interesse e um nível considerável de elaboração. Acredito que a exposição no Instagram animou a participação, pois muitos alunos seguiam as postagens e visualizavam os *stories* anti-CIStêmicos postados, mantendo seus processos de elaboração ativos.

---

[45] Mariele (nome fictício), comunicação pessoal.

[46] Mariele (nome fictício), comunicação pessoal.

[47] Mariele (nome fictício), comunicação pessoal.

Passo agora a descrever os vídeos enviados após os atendimentos, começando com Edif. Jimena e Leonardo, o único aluno desertor de expectativas cis-heteronormativas masculinas a entregar a atividade, fizeram um vídeo em que ela, inicialmente com batom vermelho, começa a retirá-lo com papel, e ele começa a passar batom, enquanto uma voz fala, indignada: "o que eles estão fazendo? Ele está passando batom? Ela está tirando o batom?" Infelizmente ambos decidem por não publicar o vídeo, curto e potente. A ação é simples, condensada, mas afiada na (re)existência às expectativas cisnormativas, ainda que ambos também não tenham declarado dúvida em relação à cisgeneridade em si. Seria muito potente tê-la visível para os colegas, mas o enfrentamento à cisnormatividade abala pilares tão estruturais que seus agentes são coagidos pelo Cistema a se esconder. Ainda que a soma das manifestações contra-hegemônicas possa ser um meio de sobrevivência, a não exposição é, por vezes, imperativa às vulnerabilidades.

Janaína filma seu busto, do pescoço para baixo, começando com camisa e gravata e trocando de roupas consideradas femininas e masculinas, alternadamente. "Quem são eles para definir quem somos? Quem são eles que… [surgem notícias de violências contra pessoas trans]. Você não vivenciar algo não significa que isso não existe, respeite pessoas trans binárias e não binárias"[48]. Este vídeo alcançou níveis sutis de expressão e autoproteção, bem como de fluidez de gênero. A estudante autoriza a publicação sem mostrar seu rosto e nome, encontrando um meio de disseminar a mensagem sem se expor. Ainda que o artifício do armário possa não ser tão desejável, deve-se salientar que estamos lidando com adolescentes, em cuja socialização é comum a prática de estigmatização. De todo modo, estes processos semeiam reflexões que podem crescer no futuro, além de gerar transformações no presente. Este vídeo, cuja autora não diz identificar-se como cisgênera, apresentou um devir de performatividades e alternâncias como pirataria de gênero, alcançando uma sutileza em seu caráter fronteiriço e contribuindo para uma não domesticação e ininteligibilidade pelas normas binaristas do Cistema.

Já Nair aparece no vídeo cozinhando, feliz, e surge o texto "já dá pra casar", deixando-a visivelmente irritada. Depois, está provando roupas curtas e surge o texto "sai com uma roupa dessa e depois reclama de ser assediada" e ela se irrita novamente, entrando para o rol de manifestações cis-feministas desta intervenção, relevantes apenas até certo ponto. Telma exibe desenhos de mulheres com cabelo comprido, curto, engenheira, caminhoneira, lendo no sofá, saindo do mar, passando e lavando roupa, lavando roupa, cozinhando e usando short curto.

> A mulher não deve deixar seu cabelo grande porque dizem que cabelo curto é para homem. A mulher não tem que deixar sua carreira dos sonhos porque dizem que é

[48] Janaína (nome fictício), vídeo cedido pessoalmente, indisponível para visualização.

> para homem também. A mulher tem que ter seu momento de paz e viver seu momento para se cuidar. A mulher não tem que ficar lá só passando, lavando roupa, lavando louça e cozinhando porque dizem que esse é o lugar da mulher. A mulher não deve deixar de usar a roupa que ela quer porque os outros vão pensar mal dela.[49]

Milena exibe desenho de uma mulher com vestido, surgindo os textos "gorda", "feia", "tão nova e não se cuida", "você tá gorda. Seu corpo era lindo, agora...". Surge o desenho de uma mulher negra com black, enquanto sua voz fala "não deixe comentários ruins te afetarem, você é mais forte do que pensa. Você é linda do jeito que é!" Surgem desenhos de meninas com skate, bola e cabelo curto, sob os textos "isso é brincadeira de menino, você deveria estar brincando de boneca" e "nossa, esse cabelo tá parecendo de menino". Termina com o texto: "as meninas podem fazer tudo que os meninos fazem e mais. A senhora por acaso se acha indefesa ou incapaz", dando créditos para a série audiovisual *Anne with an E*. Este vídeo ao mesmo tempo questiona a binariedade de gênero e as pressões sociais específicas da femininilidade.

Nanda e Íris fazem um vídeo que inicia com um trecho da Cartilha do Estudante: "tudo o que é considerado como feminino ou masculino não são coisas naturais que brotam da diferença dos corpos-mentes femininos/masculinos. Ao contrário do que se diz no Cistema, são cuidadosamente escolhidos e tratados como naturais e fora de questionamentos!". Elas começam então a se maquiar e posar com roupas ditas femininas. Depois, aparecem alegres sem maquiagem e com camiseta e shorts, vivenciando prazeres além da binariedade de gênero.

Samanta cria o vídeo *Agradar a quem?* – começando desconfortável, com blusinha justa que mostra o corpo, e terminando feliz, com camiseta larga, ao contrário das cis-expectativas.

> Olhei os vídeos de prof. Rê e comecei a pensar em algo que me incomoda um pouco, eu sempre tive atitudes denominadas atitudes de menino, mas acho que foi pela maneira que fui criada com meus primos e coisas do tipo, só que agora com o passar do tempo comecei a receber críticas simplesmente por usar camisas mais largas, pessoas dizendo que eu fico feia e que é coisa de homem, eu não vejo nada de mais e me sinto muito mais confortável e feliz usando roupas do tipo, isso não define minha opção sexual nem nada, mas para as pessoas simplesmente por me vestir diferente elas tem uma concepção equivocada, sendo assim eu me sinto como se fosse obrigada a usar roupas mais decotadas e curtas pra que não fiquem fazendo piadinhas comigo.[50]

Estes são os últimos vídeos de Edif enviados, sendo apenas os de Telma e Milena publicados, ambas negras, que trazem em seus desenhos representações de mulheres diversas e interseccionalidades de gênero, raça e corporalidade (a segunda de modo mais explícito), além de questionamentos sobre performances e preferências presumidas pela cisnormatividade. Elas fazem confrontamentos sobre as expectativas binaristas, ainda que mencionando

[49] Telma (nome fictício), vídeo, disponível: instagram.com/performances.ifsp.rgt. Acesso: 12/07/2021.

[50] Samanta (nome fictício), comunicação pessoal.

demasiadamente a identidade "mulher". Já Nanda, Íris e Samanta, lidas por mim como brancas, abordam as cis-compulsoriedades em sua aparência, trazendo questões pessoais que não querem ver publicadas sobre a recusa à limitação às vestes ditas femininas, sendo que as primeiras escolhem a alternância performativa não binária e a última prefere o conforto das roupas ditas masculinas. Todas manifestam uma ode à liberdade e à pluralidade performativa.

Finalizando os vídeos de Log, Helena compõe o grupo que critica as cobranças de adequação e as violências contra mulheres: "somos ensinadas como agradar outras pessoas com nossa aparência. Sempre esteja sorrindo, (...) nos padrões. Se você não for atraente o suficiente ninguém vai gostar de você. Sempre esteja arrumada. Até quando o seu padrão vai servir para agradar outra pessoa?"[51]. A aluna aparece feliz sem maquiagem, e um dedo surge dizendo não, maquiando-a à força; surge com nariz quebrado, acorda e põe a mão no rosto, com dor; por fim, se olha no espelho, posando, chorando, soltando o cabelo e tirando a maquiagem, feliz. Sara cria uma personagem que surge cada vez com mais hematomas e marcas no rosto, justificando cada uma delas como eventos de agressão física pontuais por seu parceiro e até assumindo responsabilidade por algumas. Norma, loira, se maquia, se olha, desgosta e tira a maquiagem, solta o cabelo e sorri. Daniele justapõe filmagens posando, feliz, triste, com e sem maquiagem. Keity faz o mesmo, feliz, maquiada, e depois surge com marcas de violência. Laura aparece com vestido, sentada, se olha no espelho desconfortável e sai, voltando feliz de calça e camiseta.

Todas estas (Log) trazem situações que atacam a autoestima e a integridade física e mental das mulheres, desde as pressões para se adaptar a padrões de beleza e aparência até agressões físicas, confirmando o fato de estas questões estarem muito vivas entre as estudantes, inclusive entre aquelas mais próximas de padrões hegemônicos. A única que toca no tema da cisnormatividade é Laura, que como Nanda, Íris e Samanta (Log), mostra maior conforto em vestes menos femininas, mas não autoriza a publicação, por motivos de vergonha na exposição.

É notável como os estudantes que mais desafiaram a cisnormatividade não autorizaram a postagem, por medo da exposição, visto que o tema é tão desafiador às estruturas Cistêmicas. Porém, não se pode forçar uma cesárea em seus processos de desenvolvimento, respeitando seu direito à privacidade, especialmente em se tratando de estudantes menores de idade.

Neste sentido, Olívia colabora com este conjunto expositivo por meio da metáfora da metamorfose, que respeita os tempos de maturação e anseios dos seres viventes, justapondo

[51] Helena (nome fictício), vídeo, disponível: instagram.com/performances.ifsp.rgt. Acesso: 12/07/2021.

imagens de um casulo de borboleta se transformando, plantas, chuva, janela e livro, enquanto fala sobre fases, transformações e ansiedades da vida. Assim, é possível também se fortalecer e expressar publicamente performatividades gestadas em períodos de recolhimento, como a própria pandemia, ainda que abertas a novas mudanças.

Laís faz um vídeo do tipo *challenge*, formato em que várias cenas curtas são justapostas, geralmente exibindo uma mesma pessoa que vai mudando de aparência ou de ação. Neste, imagens da estudante se cortam e se justapõem com leves alterações: ela coloca um laço na cabeça e surge toda vermelha, como se tivesse sido agredida; surge com capuz e mãos à frente, escrito "não atire"; surge com maria-chiquinha, ursinho e com um X vermelho na boca fechada; surge com arco-íris pintado no rosto; surge com faixa na cabeça e depois mãos presas com esta; surge com turbante branco; sobe uma mão cor arco-íris e faz gesto do movimento *Black Power*.

A capacidade de sintetizar estética e simbolicamente diversas lutas em um vídeo em formato *Reels* – vídeo de quinze segundos próprio para redes sociais – é o que mais impressiona em sua produção, gerando elogios entre colegas e tendo uma transmissão potente da mensagem. Tais redes podem estar cumprindo um papel positivo na educação social e estética, visto que há hoje aplicativos que democratizam a produção e disseminação de conteúdos, ainda que seja crucial o discernimento crítico acerca das fontes e conteúdos selecionados.

Karoline inicia com o texto "um mundo onde fecham as portas dos teus sonhos pela cor da sua pele, é um mundo que não está disposto a aguentar a raça e garra de um preto". Faz vídeo do tipo *challenge*, no qual surge em diversas gravações justapostas com roupa do IFSP, de médica, de executiva e de policial. Termina com o texto "nenhum direito a menos". Novamente, por meio da interseccionalidade gênero-racial, agencia o rompimento de limites impostos pela CISciedade racista na direção de uma (re)existência múltipla de possibilidades, não aceitando o cerceamento de suas escolhas pelo racismo estrutural.

Jasmine, lida por mim como branca e loira, aparece com as duas mãos voltadas para a frente com os dedos estendidos, enquanto fala: "descubra seus privilégios: abaixe um dedo se já escutou dos seus pais que precisaria se esforçar dez vezes mais para ser alguém em razão da tua cor", seguido a outros nove exemplos de constrangimentos que pessoas negras passam, enquanto ela não abaixa nenhum dedo. Depois, mostra o desenho de um homem negro e um homem branco, com chapéu de formatura acima de suas cabeças, mas o primeiro está muito abaixo e não o alcança, e questiona ao espectador se ele sabe o que é privilégio branco. "Se não, provavelmente é branco. Admitir um privilégio é difícil, porque faz você se reconhecer no papel de um opressor ou agressor. Reconhecer o privilégio é o primeiro passo. Use seu privilégio

branco para acabar com o seu privilégio branco"[52]. É a única aluna a analisar os privilégios de sua racialidade branca, saindo do lugar de sujeito universal a dissecar alteridades subalternas para apontar os problemas de sua própria especificidade racial e um caminho possível, utilizando seu lugar de visibilidade na hegemonia para buscar conscientizar os colegas.

Isabel faz vídeo discursando sobre limitações impostas às meninas. A partir de reflexões sobre reconexão com a terra geradas pela minha performance *Pisando no barro*, diz que "dá muita vontade de querer mudar tudo isso, por mais que seja [apenas] *uma* pessoa"[53].

> Aquela menininha que vai para a igreja, com roupa de domingo, como tem todo aquele rigor dos pais, "não pode sujar a roupa de domingo". A menina desde pequena já cresce sendo imposta a isso, tem que ser desse jeito, tem que ser assim. Claro que não tem tudo isso para os meninos, não tanto quanto para as meninas, que eles brincam de bola e tudo e se sujam no barro mesmo. Tanto que muitos tiveram a infância bem mais vivida em relação a outras, muitos meninos em relação às meninas, e é uma coisa que faz muita diferença. Eu vejo que eu sou um exemplo disso, hoje depois de crescida eu vejo que não tive muito esse contato que eu queria ter tido, não tanto quanto o meu irmão.[54]

Neste discurso, transparecem as diferenças de tratamento que a cisnormatividade impõe às pessoas as quais se atribuem gêneros considerados "opostos" desde a infância, no seio familiar, motivo pelo qual determinados hábitos vão se consolidando ou degenerando até se acreditar que suas práticas partem de tendências inatas, e não de construções sociais.

Bruna cria o vídeo *Em busca de mim*, com imagens predominantemente em preto e branco que se justapõem, em clima de suspense: mãos no rosto; maquiagens, sutiã, sapatos; pés com salto alto; pés descalços; pés com tênis; filmagem de janela sendo aberta em direção à noite; ela tira a mão do rosto e luz apaga, acende, apaga; sua sombra surge se movendo no canto da tela; ela mostra o rosto pintado de vermelho. Segundo ela, a obra representa como se "tivesse morrido e estivesse renascendo", em uma linguagem poética que concebe este processo simbolicamente de modo intuitivo. "Estava em busca do meu eu, então pintar meu rosto foi para mostrar que eu estava me reconstruindo, que eu estava buscando o meu verdadeiro eu e abandonando aos poucos o meu eu antigo, que era muito influenciado por outros"[55]. Segundo ela, o vermelho representa esta passagem, enquanto cor de sangue, que podemos associar aos ciclos de vida-morte-vida. A partir desta interpretação, podemos associar as roupas, calçados e maquiagens a signos de uma vida passada, binarizada em gêneros, enquanto o renascimento se

---

[52] Jasmine (nome fictício), vídeo, disponível: instagram.com/performances.ifsp.rgt. Acesso: 12/07/2021.

[53] Isabel (nome fictício), comunicação pessoal.

[54] Isabel (nome fictício), vídeo cedido pessoalmente, indisponível para visualização.

[55] Bruna (nome fictício), comunicação pessoal.

resume ao mistério. Foi a única aluna que traduziu os próprios processos pessoais em uma linguagem simbólica, e não a descrição literal de um conteúdo bem definido a ser transmitido.

Maria (Mec) encena um encontro entre três pessoas, duas das quais questionam às outras: "o que você acha que eu sou?" – e aparecem escritas as palavras: "menino? Menina? Ateu? Cristão? Muçulmano? Branco? Preto?" Ao final, todos se dão as mãos e dizem "somos todos seres humanos". Ainda que haja a intenção de reconhecer a legitimidade de todas as vidas, o discurso do "humanismo" muitas vezes tem sido usado para deslegitimar as pautas específicas de grupos marginalizados, como se escutar as diferenças coloniais fosse uma espécie de injustiça antidemocrática às hegemonias, que teriam, de maneira inédita, suas vozes e interesses menos escutados, sobre o que trataremos no encontro final.

Após os envios e exibições de boa parte dos vídeos, anuncio novamente o encontro final de 31 de outubro, sábado à tarde, com todas as turmas, para conversar sobre as reflexões geradas no processo de criar e assistir os vídeos, bem como na intervenção como um todo. Quando vou convidá-las para a ação de extensão e aprofundamento das discussões, convido mais enfaticamente os estudantes que participaram mais durante o processo, comparecendo Maria (Mec); Mariele (Edif); Laís, Bruna, Isabel e Natália (Log).

Começo agradecendo sua participação e fazendo um apanhado sobre os vídeos entregues: o fato de que apenas um menino abordou a cis-heteronormatividade; que a maioria dos vídeos tocaram em questões ligadas ao feminismo e ao fato de as mulheres terem o direito de fazer o que quiserem sem serem violentadas; que alguns tocaram em questões raciais; que branquitude também é raça; que alguns tocaram mais diretamente em questões de gênero, sobre aquilo que é considerado feminino ou masculino – ainda que os impedimentos às mulheres, citados por muitas alunas, também sejam decorrentes da cisnormatividade.

Peço então que falem sobre as reflexões geradas pela intervenção e pelos seus vídeos. Maria decidiu fazer sua performance porque uma pessoa trans perguntou a seu pai: "o que você acha que eu sou?" Ao que ele respondeu "um ser humano".

> Mostrando que nós somos humanos, independente das diferenças, nós temos direitos, direito a uma vida digna, direito à liberdade de expressão, direito ao respeito. E ela ficou emocionada, porque ela disse que nunca tinha tido uma resposta como essa, que muitas pessoas, quando ela anda nas ruas, até mesmo na casa dela, julgam ela, discriminam ela, muita das vezes ela sofreu violência também, tanto nas ruas, como dentro de casa. Aí a gente achou um assunto muito chocante. Eu e minha família conversamos sobre isso e nós em conjunto tivemos a ideia de fazer essa performance

> e foi muito legal e interessante. Ela disse também que muitas vezes não conseguia nem trabalho por conta do jeito que se vestia;[56]

A estudante diz que isso se dá "desde o conceito da colonialidade, [que] foi o que aconteceu durante a colonização, [mas] ainda está presente aqui na nossa sociedade e a gente não precisa ver isso longe"[57]. Exemplifica com o desinteresse dos meninos sobre o tema da violência contra a mulher e questiona, crítica, sobre quem é a causa da mesma. Eu comento sobre a importância de tomar cuidado com certos discursos "humanistas", que muitas vezes são usados de forma a deslegitimar e invisibilizar movimentos raciais, feministas, trans e não heterossexuais como se as lutas de grupos específicos não importassem.

Natália fez seu vídeo sobre questões que a afetavam, dizendo que antes não pensamos sobre elas por estarmos submetidas a determinadas condições, como não poder usar certas roupas. Ela achou "bem legal isso da [Maria] e do pai dela", pois muitas vezes há pessoas próximas que pensam de forma não "muito legal" e ela pensa que "não pode interferir".

Mariele concorda e relata uma conversa que teve com tias e primas sobre questões de gênero e sexualidade. Diz que não fala muito de gênero, segundo ela por não saber muito sobre, ao contrário de raça e feminismo, mas nesse dia conseguiu explicar o que sabia sobre o que é ser hetero, gênero fluide, não binário, bissexual e lésbica. Entretanto, tem dificuldade de identificar a hora de interferir. Exemplifica com o movimento *Black Lives Matter* (ainda que lhe incomode precisar um norte-americano morrer para o Brasil se mobilizar contra o racismo), sobre o qual seu tio disse que "não é só as vidas negras que importam, mas sim todas as vidas".

> Quando a gente fala sobre "vidas negras importam", não quer dizer que elas importam mais. Quando a gente fala sobre a questão do índio e tudo que eles estão passando agora, principalmente durante esses momentos, não quer dizer que pessoas brancas importam menos. É só que neste momento a gente tem que olhar para essa questão de etnia, porque tem gente morrendo por existir: mulheres morrem por serem mulheres, pessoas LGBTQIA+ morrem por serem quem são. Foi isso que me fez falar sobre a questão racial, porque é uma coisa que eu estou mais inteirada e é uma coisa que me incomodou. Esses dias, muitas falas vieram me incomodando e essa tentativa de sempre tentar embranquecer. Criar termos, por exemplos, "morena", "parda", que é tudo uma tentativa de tentar embranquecer uma pessoa preta.[58]

Convido as alunas a participarem da ação de extensão da intervenção, por haver sentido que algumas questões básicas sobre gênero, cis-heteronormatividade e diferenças não foram percebidas pela turma nas aulas regulares e que seria interessante aprofundar um pouco a

[56] Maria (nome fictício), comunicação pessoal.

[57] Maria (nome fictício), comunicação pessoal.

[58] Mariele (nome fictício), comunicação pessoal.

discussão sobre estas e sobre o fato de que todos somos diferentes e termos diferentes corpos, generificados ao nascer. Pergunto então como é a recepção de seus pais a esses temas.

Maria diz que "tudo isso faz parte do ideário criado (o que é menina, o que é menino), que foi criado desde antigamente, neste contexto de outrora. Mas que, aos poucos, a sociedade vai trabalhando para poder desfazer essas percepções"[59]. Seus pais são bem abertos e que sua família conversa bastante sobre os assuntos. Os pais de Bruna, Laís e Mariele são tranquilos e a última comenta que sempre falam sobre isso. Para Laís, eles não concordam "muito cem por cento", mas sempre conversam sobre. "Ao mesmo tempo que não concordam, eles falam 'mas não tem nada a ver com a vida da pessoa'. Eles falam assim que eles não querem ninguém entrando na vida da gente, também a gente não tem nada a ver com a vida deles. Se eles quiserem fazer isso, aí já é uma escolha"[60]. Isabel é a única a dizer que os pais são abertamente preconceituosos, mas conversa bastante com a avó, que é bem aberta.

Todas aceitam o convite para a ação de extensão e se animam para o desenvolvimento da segunda parte da intervenção, pois querem se aprofundar em questões fundamentais que foram tocadas apenas superficialmente nesta etapa da disciplina de Artes, como a construção histórica e social do gênero, cisnormatividade, não binariedade e identidades étnico-raciais.

3.3. Ação de extensão das reflexões com estudantes interessades

Para a Parte II da intervenção, nos moldes de uma ação de extensão com estudantes de ensino médio interessades em aprofundar as discussões, pensamos em um formato de três encontros, que também se desdobraram em quatro, para conversar sobre temas que foram abordados de modo superficial nas aulas regulares, como identidades étnico-raciais e de gênero, a construção histórica e arbitrária dos conceitos ocidentais de sexo e gênero, não binariedade e performatividade de gênero como construção e impermanência. Preparei um questionário (Anexo VI) a ser respondido sobre as temáticas e reflexões geradas na Parte I, o qual lhes gerou questionamentos e foi assunto de nossas conversas posteriores, e lhes pedi outro vídeo que tratasse do aprofundamento destas questões em suas vidas.

[59] Maria (nome fictício), comunicação pessoal.

[60] Laís (nome fictício), comunicação pessoal.

A ação de extensão surge como um meio de dar conta de questões que eram basilares para a intervenção pedagógica, mas que no contexto das aulas regulares não chegaram a resultados plenamente satisfatórios, visto que muitos estudantes concentraram suas produções em temáticas relacionadas, mas não imersas em gênero e cisnormatividade. Por exemplo, muitas alunas desenvolveram reflexões acerca de como as exigências da cisnormatividade limitam as existências de meninas e mulheres cis, através da misoginia, porém em nenhum momento se questionaram acerca da construção social, histórica e arbitrária da cisgeneridade.

Temos algumas hipóteses para justificá-lo, quais sejam: no título da Etapa no *Moodle* não constar a palavra cisnormatividade, mas apenas *Decolonialidade e performance arte*, e o título da Cartilha, *Decolonialidade, racismo, cisnormatividade e performance arte*, não enfatizar a mesma; estas questões haverem sido levantadas, mas talvez não evidenciadas, em meio a toda a contextualização teórica e histórica feita e tida como necessária; dificuldades na condução das discussões, devido a incertezas pessoais, ainda que estas sejam fundamentais; insuficiência de tempo e espaço virtual na realização, condensada em uma aula com a turma e dois atendimentos com poucos ou nenhum estudante; uma Cartilha e vídeos de referência que não foram observados por muitos deles; a sobrecarga de até 18 disciplinas, sendo a de artes comumente desvalorizada, exceto entre estudantes interessades; o tema da cisnormatividade deslocar crenças arraigadas entre meninas cis feministas e meninos que, na minha leitura, performam uma masculinidade próxima de um padrão cisnormativo, bem como a inflação de discursos conservadores contrários às discussões de gênero no atual momento político.

De todo modo, é preciso considerar que, ainda que as primeiras hipóteses tratem de situações que poderiam ser melhoradas em uma nova intervenção, as últimas tratam de condições contextuais sociopolíticas, portanto, é preciso celebrar as conquistas obtidas neste cenário e perseverar na geração de *grietas* no Cistema.

Uma das maneiras que este trabalho encontra para (re)existir é encontrar companheires entre os próprios estudantes e cocriar um fortalecimento coletivo, através de diálogos sobre o tema, cujo aprofundamento é mais fecundo em terrenos/corpos mais propriamente férteis e afins a esta linha de pensamento, inclusive para com seu apoio retornar ações voltadas à comunidade escolar e à região em que a mesma se insere. Em momentos anteriores, outros temas foram apresentados nas aulas regulares e aprofundados em grupos menores interessados, como por exemplo, a dança Contato Improvisação, através de projetos de ensino, pesquisa e extensão posteriormente apresentados na Feira de Ciências do Vale do Ribeira do câmpus Registro.

Logo, a Parte II desta intervenção também se insere em moldes institucionais do IFSP, como projetos de extensão, para aprofundar práticas com aqueles que o desejarem, bem como compartilhá-las com a comunidade interna e externa do câmpus – no caso desta ação-, através de uma exposição na página Performances IFSP RGT[61] do Instagram e outras ações possíveis.

Deste modo, as seis estudantes que compareceram ao último encontro da Parte I desta intervenção aceitaram o convite para realizar a Parte II, bem como outres que participaram expressivamente das aulas, atendimentos, conversas privadas e entrega dos vídeos. Também foi postado na página do Instagram um vídeo-convite a todes do segundo ano do ensino médio e a algumas estudantes do terceiro ano que se mostraram interessadas em anos anteriores.

Afinal, 14 estudantes aceitaram o convite: as seis alunas já mencionadas (Maria, Mariele, Natália, Laís, Isabel, Bruna), cinco estudantes bem participativos nas aulas, atendimentos, conversas e vídeos (Leonardo, Kevin, Julia, Estela, Juliana e Letícia) e duas alunas do terceiro ano (Dalia e Nadia). Entretanto, Isabel, Bruna e as cinco últimas alunas não compareceram aos encontros da Parte II.

Durante todo o período, segui compartilhando perfis, *stories*, postagens de Instagram e textos curtos sobre (de)colonialidade de gênero e afetiva, etnocídio, não binariedade, questões étnico-raciais e branquitude, da Pandemia Crítica e outros da N-1 Edições e de pessoas artistas e pensadoras, como: Geni Núñez, Tatiana Nascimento, abigail campos leal, Jota Mombaça, Tukumã Pataxó, Carú de Paula, Katu Mirim, Rosa Luz, Vulcanica Pokaropa, Ventura Profana, Gi Morales, Erika Hilton, Carolina Iara, Castiel Vitorino Brasileiro etc.

Importa notar que as plataformas e linguagens de redes sociais, *blogs* e *sites* como Instagram, YouTube e TikTok, ainda que desvalorizadas em meios artísticos e acadêmicos hegemônicos, mostraram-se importantes meios de comunicação e acesso às subjetividades adolescentes, que muitas vezes consideram mais interessante passar-tempo rolando telas nestes espaços virtuais do que em textos e vídeos didáticos. Ademais, o rizoma cibernético proporcionado por estas redes permite que se flua de uma informação para outra de forma muito mais condizente com modos contemporâneos de pensamento da juventude adolescente e adulta, motivo pelo qual estas plataformas foram também fontes desta pesquisa. Do mesmo modo, muitos dos vídeos enviados pelos estudantes e por mim continham influências da linguagem destas redes, importando recordar a noção já mencionada de inseparabilidade entre arte e vida.

[61] Disponível em: instagram.com/performances.ifsp.rgt

Foi enviado antes do primeiro encontro um questionário elaborado com o objetivo de gerar reflexões sobre: identidade de gênero e étnico-racial; colonialidade; racismo; cisnormatividade; performance arte; reverberações da Parte I da intervenção. No primeiro encontro, uma semana após a finalização da Etapa I, compareceram duas alunas que estiveram presentes nesta última, Maria e Natália, e dois alunos que foram pouco participativos durante a mesma, Leonardo e Kevin – o primeiro, porém, fez o vídeo passando batom com sua amiga, e o segundo havia feito um vídeo sobre racismo na caça ao tesouro em maio de 2020.

Começo perguntando se leram ou assistiram os vídeos da leitura da Cartilha, para saber se foi este um método eficaz. Maria e Leonardo leram. Natália leu até o trecho em que eu fazia um relato pessoal sobre minha família e identidade étnico-racial, ou seja, até o subcapítulo Racismo e antes de chegar à Cisnormatividade. Kevin não o fez, pois estava combinando de fazer a performance com colegas que terminaram fazendo sozinhas e se desanimou. Começamos por suas dúvidas decorrentes da tentativa de responder ao questionário e falamos depois sobre a Parte I e os próximos encontros da Parte II.

Natália teve dúvidas na identificação de raça/etnia, pois não sabe definir a sua e disse que seria complicado pesquisar (pois sua mãe, adotada, é sensível ao assunto), mas pensa em pesquisar sua família de criação. Acerca da questão sobre mudanças na identidade e expressão de gênero, ela pergunta: "podem ser ocasionadas pelo quê? Porque eu fiquei na dúvida. Seria algo do interior da pessoa ou questões de fora? O que pode influenciar ou não?"[62]. Digo não haver um consenso sobre o que é e como se forma a chamada identidade, podendo ser esta uma atuação que o sujeito performa para si (GOFFMAN, 2007), como a performatividade de gênero:

> Essas transformações falam sobre construção, sobre como a pessoa que a gente é hoje foi sendo feita a partir dos acontecimentos do passado antigo e recente e situações que foram se repetindo na nossa vida ou mudando e nos transformando em pessoas diferentes, vontades que passamos, ações que passamos a fazer.[63]

Trago Stuart Hall (1992), que em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade* traz três distintas concepções de identidade: a do sujeito do Iluminismo, do sociológico e do pós-moderno. O sujeito da última torna-se fragmentado em relação aos anteriores e composto por diversas identidades em colapso, por vezes contraditórias ou não-resolvidas. Mesmo o processo de identificação em si tornou-se mais problemático e variável:

> Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração

[62] Natália (nome fictício), comunicação pessoal.

[63]Rene Will Gonçalves Bernardes. Encontro virtual no IFSP câmpus Registro em 07/11/2021.

> móvel": formada transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente (HALL, 1992: 12-13).

Tal definição líquida, não refutada por Brah (2006) no artigo "Diferença, diversidade, diferenciação", adquire mais estabilidade ao se notar a repetição contextual de padrões. Para ela, identidades são inscritas culturalmente através de experiências construídas nas relações sociais. "As identidades são marcadas pela multiplicidade de posições de sujeito que constituem o sujeito. Portanto, a identidade não é fixa nem singular; ela é uma multiplicidade relacional em constante mudança" (BRAH, 2006: 371). Logo, assumo a noção de identidade em seu caráter múltipla, incoerente, construída a partir de referências forjadas socialmente, padrões, atitudes e crenças que se repetem e composta de mutações e permanências.

Butler (2003) questiona a noção de uma identidade de gênero inata e essencial, o que podemos ampliar para um entendimento geral da noção de identidade. Para ela, se gênero é performativo, "não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora" (BUTLER, 2003: 244).

Assim, atuamos a partir de normas sociais que agem sobre nós, não sendo a agência de desejos meramente individuais. O Cistema concebe o gênero como uma essência transcendental e eterna do sujeito, descolada de origens sócio-históricas e, consequentemente, de possibilidade de transformação. É possível, porém, desnaturalizá-los e investigar suas ontologias, expressões performativas e possibilidades de construção de caminhos outros.

Termino, porém, proferindo uma fala controversa ao defender observar-se internamente, gerando uma ideia questionável sobre a existência de uma identidade essencial. Maria e Natália, então, no terceiro encontro, disseram identificar-se como meninas, após uma "autoobservação", e concluíram que "se adequam" ao gênero atribuído, ainda que possam mudar depois.

Sobre identidades étnico-raciais, compartilho distintas perspectivas para reflexão, como: plurietnicidades; o posicionamento político de uma autodeclaração racial específica (ou mais); *la consciência mestiza*, de Anzaldúa (2000), já trazida aqui; debates em torno do termo "pardo", da branquitude e do colorismo trazidas por Izabel Accioly[64]; a Filosofia Ubuntu, por

[64] Curso *Relações raciais e branquitude no Brasil*, de 23/03/2021 a 31/03/2021. Mais informações: instagram.com/afroantropologa. Acesso: 20/03/2021.

Carlos Melo[65]; a crítica do termo "afro-indígena", do etnocídio indígena, da catequização e das colonialidades racial, de gênero, da sexualidade e dos afetos, por Geni Nuñez[66]; a "proposta do experimentalismo subjetivo para elaborar novas racializações", por Tatiana Nascimento[67].

> o suposto medo de errar com relação à própria branquitude é crônico pq se liga ao desejo de perfeição colonial, alimento do que @musamattiuzzi chama com tanta lucidez de "autoestima delirante da branquitude", uma sede de sempre poder, sempre fazer, sempre acertar, base do ímpeto de colonização y domínio de outros povos (com suas justificativas civilizacionais, religiosas, econômicas…).
>
> y o medo de errar (nesse pensar ação antirracista desde a branquitude) é, por sua vez, uma das bases da culpa branca. por medo de pensar a própria branquitude sem garantia de aplauso/biscoito eterno, muitos brancos tentam terceirizar a responsabilidade por sua própria subjetividade alegando sentir culpa branca.
>
> terceirizam porque, ao dizer que se sentem culpados por sua branquitude, pedem redenção/perdão às pessoas negras, que somos, assim, responsabilizadas por lidar com a racialização delas y "tirar o peso" que dizem sentir por serem as grandes beneficiárias do sistema racista colonial do privilégio branco (NASCIMENTO, 2020).

Sobre a construção histórica das noções ocidentais de sexo/gênero, faço um resumo sobre a história da divisão sexual dos corpos, trazida por Jeffrey Weeks no texto "O corpo e a sexualidade", publicado no livro *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*, de Guacira Lopes Louro. Segundo Weeks (2000), Laqueur diz que o discurso dominante, até o século XVIII, "construiu os corpos masculino e feminino como versões hierárquica e verticalmente ordenadas de um único sexo" (LAQUEUR apud WEEKS, 2000: 49). Geni Núñez traz a divisão de gêneros a partir de um suposto sexo biológico como construção de uma cultura específica.

> No folclore do gênero, falar em algo biológico/natural, é se referir indiretamente à ordem divina cristã. Então quando dizem que sexualidades dissidentes não são naturais é um sinônimo de afirmar que elas não são de Deus. Deus e natureza ocupam um lugar emblemático nessas narrativas: quando dizem "não vamos naturalizar", querem dizer: "não vamos engessar, manter imóvel". Bem, essa visão de natureza é inspirada na referência de Deus como palavra única, imutável e eternamente estável. Em verdade, a natureza é algo vivo, múltiplo, que se transforma o tempo todo. Naturalizar é lindo, saudável, fundamental.
>
> Essas narrativas associam seus mitos a órgãos, dizendo que útero seria feminino, pênis masculino. (..) Há quem se diga fêmea humana, macho humano, mas sabemos que essas noções vem recheadas de cis supremacia, que há aí uma referência gigante às mitologias cristãs do gênero, autorreferenciadas como verdadeiras e superiores, a despeito de sua roupagem de descrição neutra da realidade (NUÑEZ, 2021).

Comento que o chamado sexo feminino surgiu como uma versão "defeituosa" do sexo masculino, e posteriormente foi considerado um "segundo sexo". A estes chamados "dois sexos

---

[65] Curso *Filosofia Ubuntu: a urgência de filosofias para descolonizar pensamentos*, de 23/03/2021 a 24/04/2021. Mais informações: instagram.com/carlos_m_melo. Acesso: 20/03/2021.

[66] Cursos: *Colonialidades do* gênero; *Descolonizando os* afetos; *Branquitude e* etnocídio; *Pensamento de Fanon: uma leitura indígena*. Mais informações: instagram.com/genipapos. Acesso: 02/04/2021.

[67] Lab *Privilégio branco É racismo*, em 30/11/2020. Mais informações: instagram.com/branquietude. Acesso: 10/11/2020.

biológicos" seria associada a noção de gênero, que os vincula a determinados papéis sociais. Comento que, por ser esta uma construção arbitrária, histórica e ocidental e porque em outras sociedades os corpos se organizam de outras formas, é possível reconstruir outras possibilidades de produção de gênero. A partir desta introdução, defino a não binariedade de gênero como uma dissolução ou dança/jogo com as noções binárias, exclusivas genitalizantes e fixas de gênero e a exemplifico com identidades como gênero fluido, neutro, agênero e bigênero.

Apesar de abrir a palavra aos estudantes, este primeiro encontro se torna uma espécie de palestra sobre alguns temas pouco desenvolvidos na Parte I da intervenção, especialmente aqueles trazidos como dúvidas pelos estudantes, a saber: questões de identidade étnico-racial no Brasil, construção das noções ocidentais de sexo/gênero e não binariedade.

Por fim, peço aos estudantes trazerem suas considerações finais. Leonardo esclareceu dúvidas que tinha a respeito de raça e não binariedade. Maria não sabia da existência de trans não binários e ficou pensando sobre questões étnico-raciais. Kevin disse que conhecia essas "classificações" e achou interessantes as identidades não binárias, apesar de achar um pouco difícil. Tem dúvidas sobre sua etnia, mas espera entender melhor. Ao final, Maria permanece na linha da videochamada e conversamos por mais uma hora sobre identidade étnico-racial, questões sobre o uso do termo "pardo", cotas e a falácia do racismo reverso.

Maria declarou-se parda no vestibular, porém no último encontro Mariele havia dito que esse termo era considerado sinônimo de "sujo", então quer entender como pode se identificar, pois sua mãe tem origem alemã e o pai negra. Sobre as cotas, para ela, são "uma justiça", pois "não tem como comprar o sofrimento que eles tiveram" com quaisquer prejuízos aos brancos devido à política de cotas. Maria as vê como uma forma de haver "uma pequena democracia na sociedade" e discorda quando se diz que quem "passou com cota sabe menos", pois "na história se aprende que eles não tiveram acesso, foram massacrados e vistos como mercadoria".

Ela cita uma performance que viu, com várias pessoas negras vivas ao redor de uma blusa com sangue, fazendo referência às mortes por bala "perdida", e menciona uma notícia em que um homem negro inocente foi preso por posse de drogas. Pergunta minha opinião sobre a existência de racismo reverso, que para ela não tem sentido: "quando a gente começa a aparecer, começa a incomodar". Maria por vezes prefere ficar quieta, por receio de falar coisas "erradas", mas considera importante essa conversa em sala de aula, pois não sabia o que é cisnormatividade e decolonialidade e agora entende melhor. Diz que esses temas são vistos como tabu e que muitas pessoas, por não conseguirem se autoconhecer, acabam não se expressando, e que temos "que ter empatia pelo outro, pensar no outro, se colocar no lugar".

Para cada uma destas falas, vou tecendo comentários: sobre as críticas de alguns setores de movimentos negros contra os termos “pardo”, “moreno” e “mestiço”, vistos como cúmplices das empreitadas de embranquecimento da população; sobre o fato de pardos, pretos e indígenas terem direito a cotas, pois tais racialidades compartilham semelhantes carências de acesso à educação formal; sobre privilégio branco, citando o vídeo de Jasmine (Log); e sobre a máxima: “não confunda a reação do oprimido com a violência do opressor”, atribuída a Malcom X[68].

Comento sobre cisnormatividade e decolonialidade serem termos recém popularizados e sobre havê-los utilizado com o objetivo de evitar as perseguições que a discussão sobre gênero tem sofrido na escola. Digo ser compreensível e desejável não entender tudo sobre estes, pois são abertos, em constante reconstrução, para não se submeterem a novas normatividades.

No segundo encontro, comparecem Maria, Natália, Kevin, Julia e Laís. Resumo brevemente o primeiro encontro, em que se tratou de identidade étnico-racial no Brasil e não-binariedade de gênero, e passo a palavra para os estudantes falarem sobre dúvidas e pensamentos gerados a partir do questionário e dos encontros anteriores.

Natália fala sobre uma conversa privada que tivemos em que relata saber que sua família possui origens brancas (mediterrânea), negras e indígenas, embora sua mãe seja adotada e prefira não falar muito sobre o tema. Entretanto, por ter pele clara e não se perceber com traços negros ou indígenas, não se vê no direito de se identificar como negra ou indígena, muito menos de disputar vagas em universidades através de cotas raciais.

Julia diz que toda a sua família é portuguesa e espanhola, mas sente-se confusa por ter pele bem branca, olho castanho e cabelo cacheado, pois diz-se que todo brasileiro tem origem negra e indígena. Comenta não ter proximidade com seus familiares paternos, brancos, e não sabe se tem outras origens. Acredita que não existe racismo reverso, mas diz sofrer sendo chamada de racista por se considerar branca tendo cabelo cacheado. Considera absurda toda forma de discriminação contra pessoas negras, gays, assexuais etc. e o fato de tratarem assexuais como "mal comidas" e pansexuais como confusas.

Kevin tem origem negra e branca, mas optou por se identificar negro, por ter mais proximidade com a família materna. Quer entender a pergunta do questionário sobre o cruzamento de gênero com a identidade étnico-racial. Como gay, já foi constrangido e chamado de "desperdício", suando e tremendo sem poder revelar o motivo a sua mãe, e teme ser agredido

[68] Não tenho segurança sobre a referência, popularmente atribuída a Macolm X.

com o namorado na rua. Laís descobriu origens indígena, negra e branca: sua mãe é do Vale do Ribeira e seu pai maranhense. Maria tem origem branca e negra, mas se considera negra de cor parda, para enfatizar parte de sua origem que é desvalorizada socialmente.

Comentando suas falas, reitero que a identificação étnico-racial é um tema complexo, havendo pessoas que não consideram relevante defini-la, enquanto outras consideram importante assumir toda a complexidade de suas origens e outras ainda, politicamente, definem uma identidade racial única. Ressalto que, ainda se tratando de autodeclaração, é importante manter diálogo com coletividades que pensam racialidades, bem como perceber a leitura e o tratamento social recebidos, especialmente pensando no caso de Natália e Julia, que possuem um fenótipo branco, enquanto os demais estudantes são lidos por mim como não brancos.

Sugiro para Laís a busca por suas etnias, pensando na possibilidade da família materna, do Vale do Ribeira, ser guarani, e a paterna, maranhense, demandar pesquisas mais detidas. Cito pessoas da região de Ilhéus que estão se aproximando de suas ancestralidades negra e indígena. Exemplifico comigo que, neste momento, me via como branque, pensando que meu fenótipo, pertencimento, tratamento e condições sociais me aproximavam de um tipo de branquitude.

Enfatizo para Julia a importância de se atentar a atitudes racistas, visto que branques têm lugar e responsabilidade neste Cistema colonial racista, e indico a página Branquietude, de Tatiana Nascimento, que aponta "delírios da branquitude antirracista"[69]. Segundo a poeta e pensadora, na página Branquietude, no *Instagram*, nossa sociedade é interracial porque a miscigenação foi um dos primeiros projetos políticos de extermínio do povo preto, e a violência e a hierarquização inauguradas pelo projeto "civilizatório" colonial são fundamentais na construção do racismo e seus acessos, para ela, sinônimos de privilégio branco.

> o que coloca pras pessoas brancas o desafio ético de se repensar, se transformar y lutarem contra o racismo com paradigmas que não sejam nem violentos pra nós pessoas negras nem reproduzam a hierarquização colonial pela qual brancos são protagonistas de tudo que é tido como socialmente positivo, como a ideia heróica de salvar pessoas negras do racismo (que é de feitura branca!).
>
> essa ideia dá ruim pq quer nos submeter à tutela da branquitude, desconsiderando nossa agência em nossa própria libertação das amarras do racismo e tb a conexão profunda de pessoas brancas com o racismo.
>
> ela é um mecanismo de reconhecimento parcial do racismo estrutural, pois faz parecer que racismo é apenas efeitos sobre pessoas negras y não a base que cria/mantém a branquitude.

67 Tatiana Nascimento. Disponível em: instagram.com/branquietude. Acesso: 12/07/2021.

> e, no limite, amplia esses efeitos e garante a manutenção do racismo, ao propor que caberia às pessoas brancas nos salvar y libertar; sendo nossas heroínas, seríamos as vítimas desse par profundamente hierarquizado, dependeríamos delas (NASCIMENTO, 2020).

Sobre cruzamento de gênero e identidade étnico-racial, comento como pessoas brancas ou não sofrem diferentes formas de discriminação de gênero e sexual, com colaborações des alunes. Sugiro que no terceiro encontro falemos sobre gênero, visto que neste não demos conta.

No terceiro encontro, comparecem as estudantes Maria e Natália. Peço que tragam suas reflexões sobre identidade de gênero, transgeneridades, não binariedade e como vêem que foi e está sendo construído seu gênero, sendo este um processo constante. Maria entende melhor a transgeneridade agora, mas se identifica ainda como menina cis.

> Fui percebendo se eu me adequo ao gênero que foi dado a mim, no dia do meu nascimento. E como que eu me vejo, minha autoimagem, como eu me vejo no convívio social. Agora me identifico dessa forma, porque eu fui perceber se eu me adequava, como eu me enxergava no convívio social, aí tirei essa conclusão, mas acredito que pode mudar daqui alguns anos, porque estamos em constante metamorfose.[70]

Natália concorda e pensa que é "muito do momento".

> A gente muda constantemente, o que eu era um ano atrás e não sou mais agora. Ou um mês atrás, tanta coisa acontece. Você fez o questionamento para mim e eu fiquei "será? Ou será porque eu fui criada assim?" Então me questionei bastante, mas eu acho que eu me sinto bem assim, me identifico assim, nesse momento. Eu não sei, daqui a um tempo, como vai ser. Mas se for diferente, tudo bem também, acontece. Não tem problema ser diferente.[71]

Reitero, porém, a construção social e a mutabilidade do gênero, rememorando autoras como Butler (2003), para quem gênero é performatividade, ou uma espécie de atuação repetida de si que criamos para nós e para o mundo. Natália pergunta, então, se *drag queens* são personagens. Por coincidência, estou em companhia de uma pessoa trans não binárie que faz *drag queen* (feminino) e *drag king* (masculino), Bê Zilberman, que as entende como personas, por não serem quaisquer personagens, mas sim terem relação com a pessoa que a cria, e tocar necessariamente em questões de gênero. Diz ainda haver *drag queer*, *drag* monstras etc. e mesmo pessoas com identidade de gênero *drag*, quando esta toma muito espaço em suas vidas.

> Geralmente a drag é uma persona, e a luta do movimento é justamente dizer: "ser trans é uma coisa, ser drag é outra". Não é porque uma pessoa se monta que ela é uma pessoa trans. Mas ao mesmo tempo, tem muitas pessoas trans que fazem drag. Tem homens trans que fazem drag queen: são caras trans, mas se montam de mulher, às vezes usam até as coisas que eles usavam antes da transição para a drag. E tem caras trans fazendo drag king. Todo tipo de coisa. A luta do movimento é dizer que são

[70] Maria (nome fictício), comunicação pessoal.

[71] Natália (nome fictício), comunicação pessoal.

> coisas separadas, que drag é uma performance e gênero é gênero. Mas existem pessoas que se identificam com o gênero drag.[72]

Natália pergunta sobre o papel familiar no reconhecimento da identidade de gênero e se já passei por algum processo de conflito ou se minha família é tranquila. Faço um relato pessoal sobre a recepção de minha família e amigos: embora nem todes compreendam bem, como meus pais e irmão, recebi acolhimento, sendo que minhas irmãs e amigues buscam me chamar no neutro e por Rene. Neste momento, lhes revelo meu nome social – apenas a elas, por receio de não haver respeito por parte de outros colegas comumente menos abertos a este diálogo.

Comento ainda que um primo próximo foi agressivo na recepção de meu nome, com quem bloqueei o contato. Comento ainda sobre o cuidado que se deve ter ao decidir se, como e quando comunicar a família, considerando uma possível reação negativa da mesma, ao passo que outras podem surpreender positivamente. Maria considera essencial o apoio familiar, mas diz que nem sempre é o que acontece, e diz possuir familiares preconceituosos.

Natália se questiona como seria criar uma criança com outras possibilidades, de modo neutro, não cisnormativo. Comento haver tido conhecimento de uma comunidade e de uma mãe que criavam crianças sem restrições de gênero, porém não tinha proximidade com ambas. Relato haver almejado o mesmo para minha criança, sem sucesso, pois compartilho sua criação com pessoas que discordam e não tive forças para sustentá-lo. Porém sempre recusei limitações, ofereci roupas e incentivei atitudes ditas neutras ou do gênero "oposto" como compensação, pois ela certamente teria acesso à cisgeneridade.

Afinal, peço para as estudantes expressarem suas últimas considerações. Para Natália, "é muita reflexão interna: não adianta nada falar 'eu penso desse jeito', aí chega na prática você vai para uma pessoa rotulando. Quando eu olho para alguém, não sei se é cis ou não, ainda que não aconteça com frequência"[73]. Maria considera importante o cuidado: "é difícil o preconceito das pessoas, mas acho que tem que começar a desconstruir a nossa e pelo menos a gente vai estar fazendo a nossa parte"[74]. Considero este um momento satisfatório da intervenção, em que chegamos a uma desnaturalização da cisgeneridade, somado às reflexões dos encontros anteriores sobre a complexidade das relações étnico-raciais e considerando ainda a atenção sobre o eterno inacabamento das reflexões em gênero e racialidade.

---

[72] Be Zilberman, comunicação pessoal.

[73] Natália (nome fictício), comunicação pessoal.

[74] Maria (nome fictício), comunicação pessoal.

No quarto e último encontro, comparece apenas Maria, a única estudante a fazer a atividade, enviando dois vídeos: um sobre identidade étnico-racial e outro sobre gênero. Ambos trazem desenhos de personagens fictícios, que falam sobre questões étnico-raciais e de gênero a partir do entendimento da autora, além de contarem sua história ficcional[75]

Sobre o primeiro vídeo, Maria diz que nunca lhe aconteceu ficar insegura devido à cor de sua pele, mas com seus familiares sim, portanto acredita que esse sentimento também lhe pertence. Já sobre o segundo, comenta trazer o que ela realmente pensa. Para ela, foi possível através dos vídeos colocar em prática o que compartilhamos nos encontros. Pergunto se a Parte II da intervenção foi importante para ela chegar neste resultado e a um aprofundamento maior das questões trazidas na Parte I, ao que ela responde que sim, pois antes não havia parado para pensar sobre raça e gênero mais detidamente, ficava confusa sobre sua etnia e não conversava muito com sua irmã sobre, concluindo que a intervenção influenciou sua vida, dizendo que hoje se vê de uma forma, mas que no futuro pode se ver de outra. Ela autoriza a publicação com seu nome, após certa dúvida, por timidez: "não tanto por falar o que penso, porque eu acredito que eles têm que saber o que penso, porque é o que eu sou, o que aprendi e o que eu acho"[76].

Acredita que a Parte II poderia ser realizada com a turma toda, pois ela e Natália poderiam ajudar na conversa, confirmando a hipótese de que uma formação com um grupo menor de estudantes poderia contribuir para a (re)existência das diferenças na comunidade escolar e, consequentemente, na sociedade. Considera nosso diálogo muito importante e agradece, enfatizando que esteve presente e realizou as atividades por interesse próprio.

Diz que há alguns meses não conseguiria responder o questionário, tendo dúvidas quanto à sua identidade étnico-racial e conversando com os pais pela primeira vez de um modo mais consciente. Acredita que não pode dizer que sabe tudo sobre si, mas está se conhecendo,

---

[75] Oi, meu nome é Karen. (...) Minha cor de pele, a qual para mim era uma linda característica, me criou insegurança, medo e outros. Ouvi que não conseguiria alcançar minhas metas porque eu era negra. Foi um momento bem difícil para mim. Porém, em uma certa noite me coloquei a pensar. Lembrei dos meus sonhos de quando criança e pude relembrar quem realmente sou. (...) Notei que viver a vida é como um jogo, que me permite aprender cada vez mais e que tenho que me manter firme, sem nunca esquecer quem eu sou.[75]

Oi, meu nome é Aurora. (...) Desde quando somos pequenos nos dizem o que devemos fazer, como devemos nos vestir e nos comportar, simplesmente por determinarem a qual gênero fazemos parte, sendo estes apenas mulher cis ou homem cis. E mesmo depois que crescemos, simplesmente esquecem da nossa autoimagem, como verdadeiramente nos identificamos em meio ao convívio social, e ignoram totalmente nossa essência. Se eu sou mulher cis, trans, bissexual, homem cis, dentre outras, isso cabe a eu decidir e aos outros respeitarem. Acredito que os principais e essenciais valores humanos que devem ser disseminados a todo momento são o amor e a solidariedade (Maria (nome fictício), vídeo, disponível: instagram.com/performances.ifsp.rgt. Acesso: 12/07/2021).

[76] Maria (nome fictício), comunicação pessoal.

e que agora vai se conhecer melhor, se entender e prestar mais atenção nestes temas. Sobre ter feito dois vídeos, pergunto se ela pensa as categorias de raça e gênero como separadas.

> Acho que não, porque tem diversidade étnica e tem diversidade de gênero, então não são coisas separadas. Porque tem etnias/raças que sofrem preconceito e também tem uma parcela da população que tem gêneros considerados diferentes que também sofrem preconceito. Então o preconceito está nos dois lugares e a diversidade está nos dois lugares. E isso também compõe uma própria pessoa, por isso eu acho que eles estão relacionados. (...) Os mesmos povos colonizadores que implantaram isso na nossa sociedade.[77]

Seu cabelo é alisado, mas não porque não goste dele ou porque sofresse preconceito; pois o amava e considerava bonito. Alisou porque quis, por ser mais prático de cuidar e gostar dele assim. Não crê que o fez por colonização, pois considera os dois cabelos bonitos, e não vê problema em entrar em transição capilar, dizendo que não terá baixa autoestima.

> Muitas vezes, se a pessoa branca faz trança características de origem afrodescendente elas não sofrem tantos preconceitos, por exemplo, como quando uma pessoa negra que alisa o cabelo. Eu acredito que elas não sofrem preconceito tanto quanto as pessoas que alisam o cabelo. Porque você olha para um negro que alisou o cabelo e fala "ela não se aceitou", por isso que ela alisou o cabelo, mas às vezes não é isso.[78]

Metade des estudantes interessades na Parte II não compareceram aos encontros e apenas Maria entregou o vídeo na ação de extensão, sendo, porém, relevante a participação expressiva de alguns destes na Parte I. Considerando que estes possuem até 18 disciplinas e que se aproxima o recesso escolar, ainda vejo como bastante expressiva sua participação.

A relevância da ação se mostra no engajamento destes, contribuindo para a construção de outros possíveis por meio de descolonizações coletivas em gênero, sexualidade, relações étnico-raciais e outros campos, como um rizoma em crescimento entrópico a decompor e desestabilizar as estruturas coloniais na geração de vida, morte e movimento.

[77] Maria (nome fictício), comunicação pessoal.

[78] Maria (nome fictício), comunicação pessoal.

4. Considerações finais

Desenvolvi aqui um enfrentamento decolonial à cisnormatividade branca por meio da performance arte no ensino médio do IFSP campus Registro, através de uma intervenção pedagógica na disciplina de artes e em uma ação de extensão, por meio de diálogos, mediações e produções em performance arte e de gênero e relações étnico-raciais. Compartilhei este percurso através desta dissertação e do site *Quem são eles para definir quem somos?*[79] – cujo título tem autoria de Janaína, estudante participante desta pesquisa. Almejo contribuir para as *vidobras* (BRAGA; GUIMARÃES, 2017) de estudantes, educadores, pesquisadores, artistas e outros agentes sociais provocados por esta pesquisa, cocriando uma arte-vida-ciência-educação redistributiva dos lugares dos saberes e descolonizações de gênero, raciais e sexuais.

Intentei romper com a suposta neutralidade do método cartesiano, assumindo o lugar de fala e as subjetividades da pessoa escritora e des estudantes e interactuantes, bem como o caráter processual da mesma e a indissociabilidade dos vários aspectos da *vidobra* aqui descrita. Para tanto, apoiei-me na Escrevivência de Evaristo (2012), na Cartografia de Deleuze e Guattari (1995) e na Pesquisa-Intervenção descrita por Rocha e Aguiar (2003), encontrando o caminho durante a trajetória e cartografando processos de experimentação performativa em uma intervenção pedagógica no IFSP, por meio de escrevivências na primeira pessoa do singular e do plural, as quais inscrevem-se nesta dissertação como tecnologia de (re)existência das corpas em dissidência, gerando *grietas* no Cistema ocidentalizante.

Dessa forma, busquei vislumbrar com estas escrevivências como pode uma arte-educação subverter sistemas de colonização dos corpos e criar alternativas à cis-heteronormatividade racista. Para investigar caminhos para minhas questões, retornei à minha própria história em gênero, sexualidade, classe, racialidade, arte e educação, ainda na introdução, buscando resgatar trilhas esquecidas no meio do caminho que pudessem me auxiliar a costurar novas tramas. Escrevivi histórias e cartografei caminhos que construíram e orientaram esta pesquisa. As escrevivências deste percurso buscaram contar histórias de (re)existência que este corpo e aqueles com quem cruzei inscreveram aqui. “Essas escritoras buscam na história mal-contada pelas linhas oficiais, na literatura mutiladora da cultura e de dos corpos negros, assim como em outros discursos sociais elementos para comporem as suas

[79] Disponível: quemsaoelesparadefinirquemsomos.wordpress.com. Acesso: 12/07/2021.

escritas" (EVARISTO, 2012). Nesta pesquisa, são corpos não apenas negros que buscam *re-contar* e *re-criar* trajetórias possíveis.

Re-contei os primeiros três anos como docente no IFSP campus Registro nas aulas de artes por meio da performance arte e do Teatro do Oprimido (BOAL, 1998) e nas ações da Comissão da Diversidade. Como primeira experiência marcante do início desta pesquisa, narro a Residência PósPornôPyrata, residência artística nas encruzilhadas da póspornografia, arte contemporânea e decolonialidade, produzida por e para pessoas em dissidência. Narrei experimentações na descolonização de performatividades e estudos pessoais de gênero e artísticos desdobrados desta residência, em travessias cotidianas, relações e viagens, mantendo um devir de rompimentos com expectativas cisnormativas. Os estudos culminam na descrição de uma caminhada em Itacaré, Bahia, em fevereiro de 2020, em práticas que levam a reflexões sobre a potência e a simultaneidade entre performances de gênero e artísticas, educação e vida *comum*. Estas começam a compor a pedagogia artística e decolonial da intervenção no IFSP, bem como confirmam o caráter cartográfico, escrevivente e interventivo deste trabalho, que se constrói e transforma no trans-curso das vivências e dos encontros.

Em março, com a pandemia da Covid-19 no mundo e especialmente no Brasil, cujo governo federal genocida e negacionista da ciência contribuiu muito na disseminação do vírus, o plano inicial desta pesquisa, que era uma intervenção presencial nas aulas de artes do IFBA campus Ilhéus, suspende-se por tempo indeterminado, enquanto as pesquisas performativas pessoais de gênero e artísticas seguem sendo experimentadas e cartografadas, em Cananéia/SP. Em abril, as atividades do Grupo de Pesquisa Grieta da UFSB são retomadas *online* e, em maio, as do IFSP campus Registro. O grupo é importante para as reflexões cartográficas sobre mudanças pandêmicas de trajetória da pesquisa. Para retomar contato com es estudantes, participo de uma caça ao tesouro virtual promovida pela professora de artes substituta, Marta Estela, em que peço para eles criarem performances que abordem discriminações e desafios pelos quais passam e/ou traços de suas subjetividades que estejam em transformação.

Em junho, começo a preparar a *Cartilha do estudante: decolonialidade, racismo, cisnormatividade e performance arte*, que apoiará a intervenção pedagógica, introduzindo os temas citados em seu subtítulo, apresentando autorretratos, performances e escrevivências minhas, de amigues e artistas e propondo reflexões para os processos criativos des estudantes. Em julho, planejo a proposta da intervenção pedagógica no IFSP e realizo uma versão piloto da mesma para moradores do sítio onde vivo, com crianças e uma adulta. A experiência gera a retomada do olhar para o encontro educativo como acontecimento e re-cartografa a intervenção.

Em agosto, são feitos planejamentos, e de setembro a dezembro é feita a intervenção pedagógica, prevista para realizar-se nas aulas regulares de artes durante três semanas com três turmas de segundo ano do ensino médio. A Parte I consistiu, em cada turma, em uma aula síncrona, dois encontros para diálogo, o envio de vídeos de referência e da Cartilha do Estudante, a criação das vídeo-performances e um encontro final. Criei a Parte II, opcional, em novembro, para aprofundar discussões em uma ação de extensão com estudantes interessades.

Notou-se um conhecimento genérico acerca dos temas por alguns estudantes, mas pouca profundidade e algumas confusões conceituais, o que os encontros para diálogo e a produção dos vídeos visavam desenvolver. Algumas colocam a feminização como uma vivência tardia, mas que invariavelmente lhes chega. Talvez possa parecer uma decisão deliberada a assunção de estereótipos de gênero na adolescência, em menines que tenham se mantido distantes destes até então; porém, percebe-se que, à medida em que os corpos se aproximam das chamadas diferenças biológicas dos sexos, os binarismos são mais intensa e socialmente impressos.

Muitas estudantes trazem modos como a sociedade misógina violenta as mulheres e meninas, controlando seus corpos por meio da coerção e da agressão física e psicológica, bem como da cobrança à adequação a padrões hegemônicos de beleza e a expectativas cisgêneras. Porém, aparentemente a maioria das meninas não observou a própria cisgenerificação como construção social e performativa. A misoginia como fruto da cisnormatividade revela não só a violência sobre as feminilidades, como a arbitrariedade da produção destas através de limitações e coerções cisgêneras, esta já lhes era familiar, porém, foi possível perceber novos aspectos e caminhos, enquanto cada produção e reflexão multiplica um fractal de (re)existências possíveis.

Os relatos denotam como a intersecção da cisnormatividade com outras violências, como gordofobia e o racismo, intensifica a negativação e o controle sobre as subalternidades, que serão mais coagidas a corrigir traços e performances de corpos gordos, negros, indígenas, com deficiência etc. Algumas manifestações criticam a binarização de gênero, sem isolar-se em questões ditas femininas ou masculinas, defendendo o direito a ações e expressões consideradas do gênero oposto e ao trânsito fluido entre performatividades não binaristas.

É notável, porém, como os que mais desafiaram a cisnormatividade não autorizaram a postagem, por medo da exposição, visto que o tema é tão desafiador às estruturas Cistêmicas. Ainda que o artifício do armário possa não ser o mais desejável, deve-se salientar que se tratam de menores de idade, cujas identidades devem ser protegidas, e que é comum a prática de estigmatização na adolescência. De todo modo, são aí semeadas reflexões presentes e futuras.

Os resultados superaram as expectativas, sendo inferiores, porém, ao desejado. Houve participação expressiva de um terço dos estudantes, o que é considerável, especialmente nesta pandemia, pois não era atividade para nota, e os conteúdos de artes e de gênero são bastante desvalorizados, devido à sobrecarga de disciplinas e o preconceito às dissidências na região. As temáticas são consideradas polêmicas na atual conjuntura política, e, diferente das experiências precedentes no IFSP, sua discussão de modo satisfatório pode se dever ao encadeamento argumentativo dos discursos, à abertura para o diálogo, ao caráter virtual e intimista e à obrigatoriedade apenas do primeiro encontro, permitindo que a participação fosse movida pelo interesse, descrevendo um caminho possível para discussões de gênero e raça como política pública na educação e evocando multiplicidades de outras *grietas* possíveis de se abrir. Importa destacar a potência e a relevância em se abordar questões sociais em aulas de artes, que oferece uma gama de linguagens e recursos poéticos que permitem repensar e recriar fluxos subjetivos.

Na intervenção, meninas brancas posicionaram-se sobre privilégio branco e estudantes expressaram maior conscientização acerca de misoginia, binarismos de gênero, relações étnico-raciais, suas racialidades e violências contra corpos gordos. Algumas meninas passaram a observar sua cisgeneridade como um processo não dado, mas mutável e construído socialmente. Porém, nenhum menino lido por mim como cis-heterossexual questionou o próprio gênero, e percebe-se, em geral, uma naturalização da cisgenerificação como um processo natural. A cisgeneridade, especialmente masculina, se recusa a nomear a norma e testemunhar em favor de seu próprio reconhecimento como específica, não universal, pois ainda que esta ficção seja limitadora, lhe confere um poder soberano sobre as demais existências. Mesmo certas cis-feminilidades crêem *radicalmente* que o gênero advém do sistema reprodutor. Importa, porém, que se inicie a desnaturalização dos gêneros, para que outras reflexões sigam no trans-curso da vida.

Estes são alguns motivos pelos quais foi realizada a Parte II, para reparar insuficiências e aprofundar discussões tocadas superficialmente na Parte I, como a construção histórica e social das noções ocidentais e binárias de sexo e gênero, identidades e relações raciais. A ação de extensão, em moldes institucionais do IFSP, abordou questões basilares para a intervenção pedagógica, que nas aulas regulares não tiveram resultados satisfatórios, pois muitos alunos produziram sobre temáticas relacionadas, mas não imersas na cis-heteronormatividade.

Temos algumas justificativas possíveis para tanto: no título da ação no *Moodle* não constar a palavra "cisnormatividade", mas apenas *Decolonialidade e performance arte*, e o título da Cartilha, *Decolonialidade, racismo, cisnormatividade e performance arte*, não

enfatizá-la; estas questões terem sido levantadas, mas não evidenciadas, em meio à contextualização teórica e histórica; dificuldades pessoais na condução das discussões; insuficiência de tempo e espaço; a não observância da Cartilha e dos vídeos de referência por muitos deles; a sobrecarga de até 18 disciplinas, sendo a de artes comumente desvalorizada na educação hegemônica; o tema da cisnormatividade deslocar crenças arraigadas de gênero entre meninas feministas e meninos que, na minha leitura, performam uma masculinidade próxima de um padrão cisnormativo; a inflação de discursos conservadores no atual momento político.

No primeiro encontro, envio um questionário sobre a Parte I, gerando questões gestantes dos diálogos, a começar por questões de gênero. Butler (2003) questiona a ideia de gênero como identidade fixa e essencial, o que estendemos para a noção de identidade de modo geral. No segundo encontro, focado em relações étnico-raciais, compartilho distintas perspectivas para reflexão e boa parte dos estudantes se envolve na reflexão sobre racialidades e relações raciais interseccionadas à cisnormatividade. No terceiro encontro, sobre a construção histórica das noções ocidentais de sexo/gênero, não binariedade, performances drag e questões familiares sobre transição de gênero, desnaturalizamos a cisgeneridade, complexificamos relações étnico-raciais e pontuamos o eterno inacabamento das reflexões e performatividades de gênero. No último encontro, avaliamos as ações, concluindo que a contribuição des envolvides na ação de extensão facilita a expansão das reflexões na turma, cocriando uma (re)existência das diferenças na comunidade escolar e na sociedade, e confirmando seu caráter de Pesquisa-Intervenção.

> Não se trata de exaltação de um hedonismo de momento, mas da produção de utopias ativas, onde a constituição da autonomia se dá pela sempre limitada mas infinita questão relativa à potencialidade da vida. Se as crenças e valores socioculturais estabelecem o que pode ser, o pensar favorece o exercício ético do que deve ser e fazer frente às circunstâncias. Isso exige mudanças na ordem da existência nos seus múltiplos devires que estão além dos condicionantes culturais. Se acolhemos a máxima de que é nas condições políticas que se produzem sujeitos, domínios de saber e relações com a verdade, pensar o poder como produção de subjetividade é descentrar o poder de um sujeito verdadeiro para colocar em análise os processos de sua constituição enquanto tal. A quebra da equivalência sujeito-indivíduo, pela introdução do tempo, implica novos referenciais de análise que podem ser vistos como outra forma de pensar o poder da ação humana (ROCHA; AGUIAR, 2003: 69).

A relevância da ação se mostra no engajamento e na transformação coletiva, na construção de outros possíveis por meio de descolonizações plurais em gênero, sexualidade, relações étnico-raciais e outros campos, como um rizoma em crescimento entrópico a decompor e desestabilizar as estruturas coloniais na geração de vida e movimento. A Pesquisa-Intervenção aliada à Cartografia nesta pesquisa confirmam-se como métodos de transformação da realidade.

> Defender que toda pesquisa é intervenção exige do cartógrafo um mergulho no plano da experiência, lá onde conhecer e fazer se tornam inseparáveis, impedindo qualquer pretensão à neutralidade ou mesmo suposição de um sujeito e de um objeto

> cognoscentes prévios à relação que os liga. Lançados num plano implicacional, os termos da relação de produção de conhecimento, mais do que articulados, aí se constituem. Conhecer é, portanto, fazer, criar uma realidade de si e do mundo, o que tem consequências políticas. Quando já não nos contentamos com a mera representação do objeto, quando apostamos que todo conhecimento é uma transformação da realidade, o processo de pesquisar ganha uma complexidade que nos obriga a forçar os limites de nossos procedimentos metodológicos. O método, assim, reverte seu sentido, dando primado ao caminho que vai sendo traçado sem determinações ou prescrições de antemão dadas. Restam sempre pistas metodológicas e a direção ético-política que avalia os efeitos da experiência (do conhecer, do pesquisar, do clinicar etc.) para daí extrair os desvios necessários ao processo de criação (PASSOS; BARROS, 2009: 30).

Os diálogos acerca das performances de gênero e artísticas mostram-se um caminho potente para o enfrentamento à cisnormatividade branca na educação. Neste percurso, que se desenrola por toda a vida des estudantes, estes podem se confrontar com o que têm desenvolvido em suas performatividades e observá-las como abertas permanentemente a reencenações em uma potente mutabilidade expressiva, podendo entender gênero como atuação manuseável ao longo dos dias e anos. Este trabalho é, portanto, prenhe de uma revolução sobre como elus performam gênero, para além das normatividades social e historicamente impostas.

Segundo Timóteo Verá Tupã Popygua[80], liderança guarani do Vale do Ribeira e cacique da Tekoa Takuari, em Eldorado/SP, Nhanderu criou a fonte das palavras sagradas de cura, o amor infinito, o canto sagrado e o povo guarani mbyá, para lhes transmitir estes ensinamentos. As "belas palavras" vêm no coração do ser, desde a sabedoria infinita, e encantam aqueles que estão ouvindo, compondo sempre novos discursos que não são tomados pela estagnação. A represa dos pensamentos, tal qual a de um rio, gera desequilíbrios no meio ambiente das corpas. A ideia de "conservadorismo" não faz sentido na cultura de povos que cuidam e se atentam aos movimentos da vida da terra, que sabem pertencer a mesma. Aqui queremos seguir seus saberes até seu desaguar ali onde os binarismos de gênero se tornam espuma do mar, e performar vida em transformação infinita para, assim, manter as corpas em constante pulsar.

Esta pesquisa chegou a resultados distintos para cada pessoa envolvida. Para concluí-lo, nos utilizamos da noção de língua bifurcada, trazida por Jota Mombaça na entrevista "As facas para uma travessia" (2018) pelo Grupo de pesquisa e extensão África nas Artes (CAHL/UFRB) na conferência Ecos do Atlântico Sul, do Instituto Goethe, em Salvador, Bahia, disponível no canal do CAHL no YouTube. A entrevista parte de sua performance *A gente combinamos de não morrer*, inspirada na obra homônima de Conceição Evaristo. Mombaça fala em uma

[80] Curso *Uma viagem pela cosmologia Guarani Mbyá*, por Timóteo Verá Tupã Popygua, produção da Viabiliza.co, de 27/01/2021 a 20/02/2021. Mais informações: instagram.com/viabiliza.co. Acesso: 18/01/2021.

linguagem que será apreendida de formas distintas conforme o leitor, não tendo controle sobre as interpretações de suas obras, mas não por isso deixa de se expressar.

No mesmo sentido, ao explorar movidas feministas e antirracistas em suas subjetivações na tese *NADA (É) RAZOÁVEL*, Cíntia Braga (2018) entende que

> não apenas as experiências de subordinação escapam às elaborações da linguagem, os processos de contra-efetuar forças, de resistir e mover para além dos microfascismos, também não são dados unicamente à consciência, nem sempre se emergem de maneira coerente ou em linguagem reconhecível.
>
> Considero que é justamente nestas línguas bifurcadas, nesses mal entendidos, nestas quebras e assimetrias... quando a teoria não acompanha a vida e a vida se lança como questão irrespondível no campo teórico que, mediada pela escrita, posso esboçar as ruínas do corpo e recolher alguns restos de memória. Questionar sobre os processos invisíveis de sujeição é querer saber também sobre como podemos reconhecer as resistências que não são facilmente entendidas enquanto tais (BRAGA, 2018: 145)

Do mesmo modo, ainda que este trabalho busque adequar a complexidade dos conteúdos a uma linguagem, um recorte e um encadeamento do discurso acessível aos estudantes de nível médio, sem subestimar suas capacidades de compreensão, sabe-se que cada pessoa possui seus próprios e específicos processos de subjetivação, sendo compreensível, desejável e inescapável que cada participante leia, atravesse, processe e reaja a estas experiências de forma singular. Importa ressaltar ainda a inscrição de escrevivências dissidentes como reparação às assimetrias Cistêmicas sobre quem tem podido falar e ser escutade, ainda que em línguas bifurcadas.

> Essa tradição defende que há diferentes 'efeitos de verdade' a depender de quem enuncia um discurso. […] um homem branco rico e mais velho é ouvido com mais atenção e seus argumentos são mais considerados dos que aqueles de uma mulher jovem, negra e pobre […] há uma espécie de contradição performativa, ou seja, embora um homem branco possa estar denunciando o racismo e o machismo, a sua própria enunciação reafirma a hierarquia social (SPIVAK, 2010: 21).

Há uma inquisição sobre docentes engajados na diferença, perseguidos por uma suposta "ideologia de gênero", noção cunhada por seus próprios opositores. Ainda assim, diálogos e performance arte são potentes criadoras de novos possíveis na educação. Não se trata de gerar quebras temporárias para depois voltar ao "normal": propõe-se performar constantemente as diferenças na vida e na escola e cocriar caminhos outros como *grietas* nos muros do Cistema.

Ainda que haja desafios no enfrentamento de um Cistema que busca fazer cair e findar os mundos das diferenças, a criação de possíveis em arte e educação se mostra um caminho viável para "não eliminar a queda, mas inventar e fabricar milhares de paraquedas coloridos, divertidos, inclusive prazerosos" (KRENAK, 2019) e adiar o fim do mundo, como sugere o citado autor, através de (re)existências plurais, abertas e coletivas.

5. Anexos

Anexo I

Figura 3 – Cartaz da V Semana da Diversidade do IFSP campus Registro

V SEMANA DA DIVERSIDADE

Rifa: conjunto de artesanato do **Quilombo do Mandira**, Cananeia-SP

*atividades para os alunos e servidores no horário de aulas
Local: Auditório
(exceto Mostra de Artes no Centro de Convivência e na Biblioteca)

26/8 segunda

8-9:40 Relações étnico-raciais no espaço escolar* - Evelyn Pinheiro
10-11 Ansiedade e depressão na adolescência - Carla Kawanami
11-12:30 **Povos e Comunidades Tradicionais do Vale do Ribeira** - Verá Tupã Popygua Timóteo (Guarani Mbyá), Adriana Lima (Caiçara da Jureia) e Ivo Rosa (Quilombo Sapatu)

27/8 terça

8-9:40 Narrativas de pessoas com deficiência sobre sexualidade - Gabriel Nascimento
11-12:30 **Roda de conversa LGBTQIAP+** - Emília Carmineti e Ariane Carvalho (SESC)
12:40-13:30 **Transeuntes** – performance do Coletivo Ana Maria Amarela (SESC)

28/8 quarta

13h30-15 **Oficinas de Arte** - Black Escobar, Nemuel Silva, Mauro Chaves e Guilherme Nakashato
15h-17h **Mostra de Artes (inscrições - Herbert)** - abertura: Heleni Sousa, Julio Meiron, Guilherme Nakashato, Renata Bernardes, Herbert Ribeiro, Thiago Andrade e Black Escobar
17:15-18:45 Alunos surdos em sala de aula – Alberto Moreau (NAPNE)

29/8 quinta

8-9:40 **Territórios negros afro-brasileiros e quilombolas** – Grupo **etnia[R]** Iamara Nepomuceno, Lígia Santos, Yasmin Fonseca, Juliana Aragi, Gustavo Pontes e Samuel Afonso
9-17 IV Encontro de Professores de Arte do IFSP
10-11:40 Diversidade *versus* intolerância religiosa Mãe Michelle de Oxóssi, Carla Arnoni, Penha Carvalho e Pai Douglas de Oxóssi
12:40-13:30 **Oficina de Turbantes** – Michelle (Ateliê da Chilena)
13:30-15 Oficina de dança e expressão corporal - Black Escobar
15:25-16:50 TIC's contribuindo com visibilidade e respeito LGBT+ - Maria Jozeane Santos
16h50 **sorteio da rifa - artesanato do Quilombo do Mandira**
19-20:40 Assédio e discriminação de gênero na escola - Dione Cabral e Tassio Acosta
21-22:20 A arte na formação humana integral – Renata Filipak

30/8 sexta

9-16:00 visita Quilombo do Mandira (vagas limitadas)
10-12:30 Territorialidades indígenas - Marjana Vedovatto

Local: IFSP Câmpus Registro
Av. Clara Gianotti de Souza, 5180, Agrochá, Registro-SP

Apoio Sesc Realização IFSP São Paulo Campus Registro

Anexo II

Registros fotográficos da V Semana da Diversidade do IFSP Campus Registro

Figura 4 – Palestra “Relações étnico-raciais no espaço escolar”, por Evelyn Pinheiro; estudante Tacyane (Edif) na performance *Me gritaram negra*; mesa “Povos e comunidades tradicionais do Vale do Ribeira”, com Ivo Rosa, do Quilombo Sapatu, de Eldorado/SP.

Figura 5: mesa “Povos e comunidades tradicionais do Vale do Ribeira”, com Timóteo Verá Tupã Popygua, da aldeia guarani Tekoa Takuari, de Eldorado/SP.

Figura 6: *Transeuntes*, por Coletivo Ana Maria Amarela.

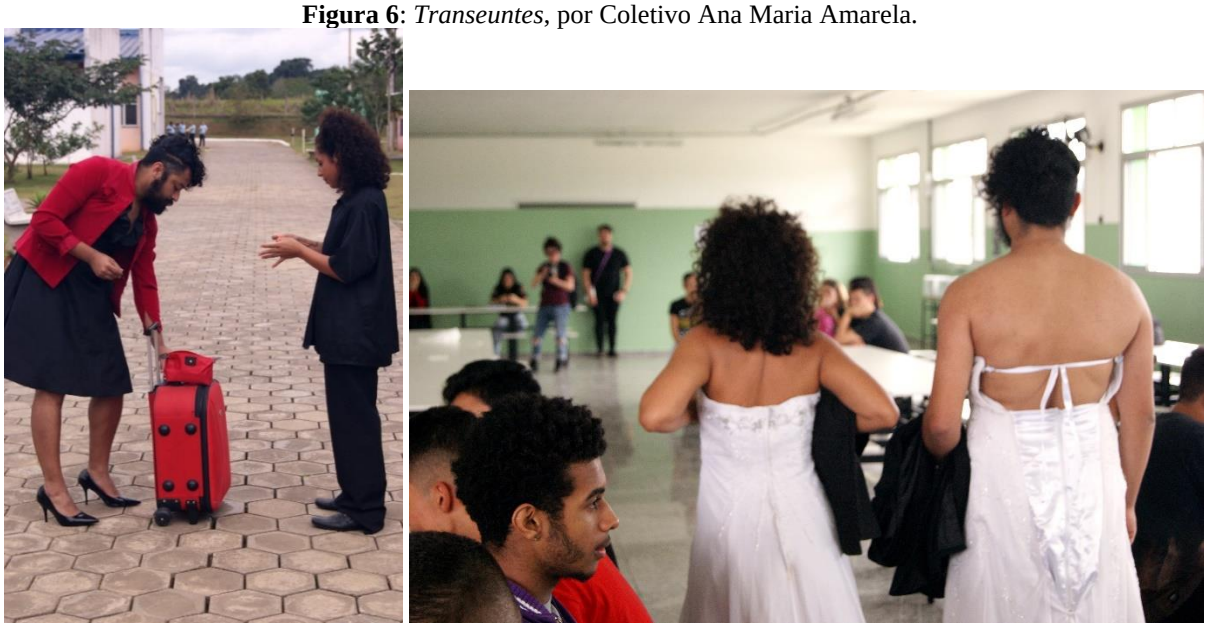


Figura 7: *Lavagem*, por Julio Meiron e estudantes do segundo ano do curso de Edificações.

Figura 8: encenação *(Re)existir*, por prof. Black Escobar e estudantes do IFSP câmpus São Paulo; performance *This is me*, por Douglas Sousa (Mec); dança *Quanto mais dor recebo mais percebo que sou indestrutível*, por Jhones Lira, amigo de estudante.

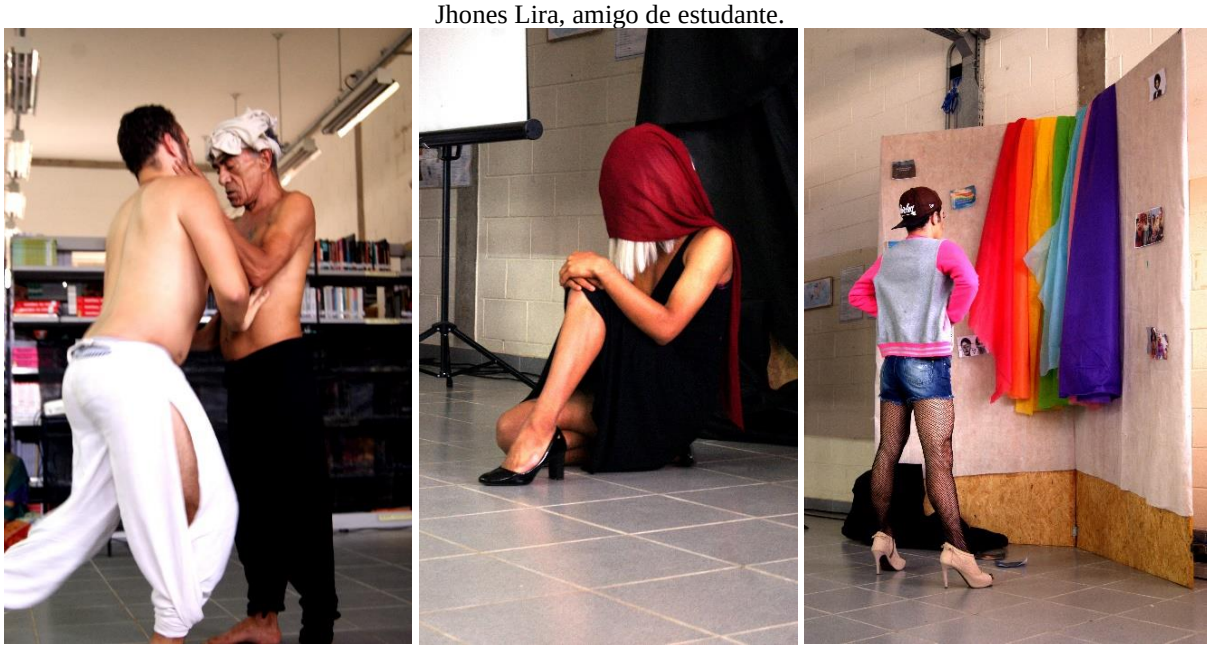
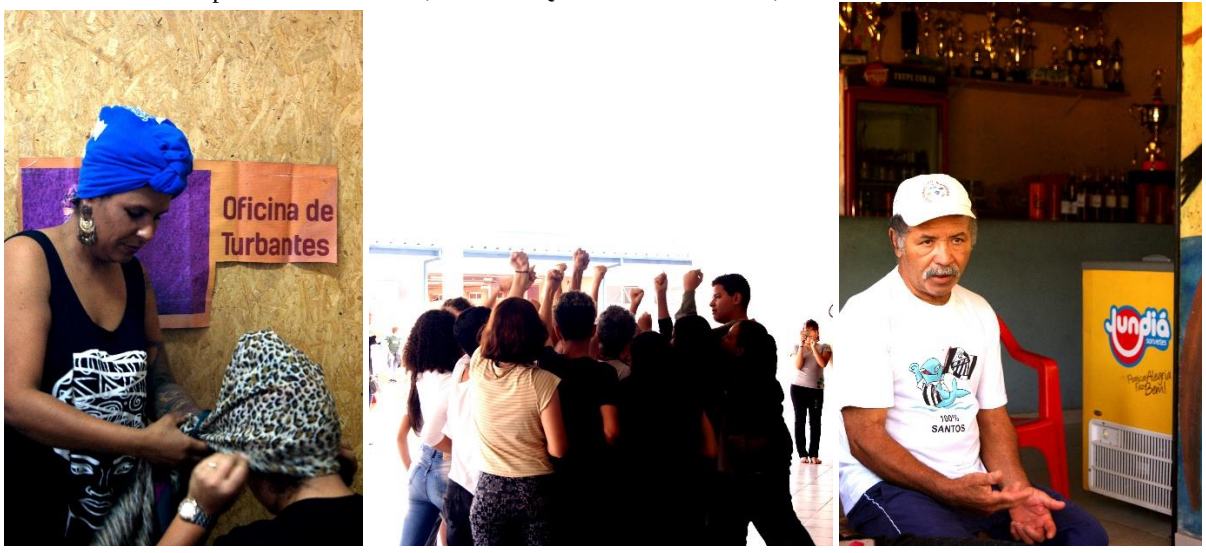


Figura 9: "Diversidade versus intolerância religiosa", com Mãe Michelle de Oxóssi, Pai Douglas de Oxóssi, Carla Arnoni e Penha Carvalho.

Figura 10: oficina de turbantes, por Michelle Pereira; performance da oficina "Dança e expressão corporal" do prof. Black Escobar; visita ao Quilombo do Mandira, com Chico Mandira.



Anexo III

Cartilha do estudante: decolonialidade, racismo, cisnormatividade e performance arte

Cartilha do estudante

Decolonialidade, Racismo, Cisnormatividade e Performance Arte

Olá! Pode me chamar de **Rê**!
Sou prof. de Artes do IFSP Câmpus Registro, no Vale do Ribeira, sul do estado de SP.
Esta cartilha é produto de meu mestrado em **Ensino e Relações Étnico-Raciais** na UFSB Câmpus Jorge Amado, Itabuna, Bahia.
Ela é um convite para que você participe comigo desta pesquisa-ação sobre **Decolonialidade, Cisnormatividade, Racismo e Performance Arte** no ensino médio da rede pública federal.

Mas o que é isso? Vamos descobrir?

COLONIALIDADE

É o processo em que a **cultura, valores, saberes e modos de sentir ocidentais dominam o viver dos povos não brancos.**

Após a independência das colônias europeias na América no séc. XX, são instalados países "independentes" em seus territórios.

Mas o **eurocentrismo seguiu dominando tais países e dizimando suas matrizes africanas, indígenas e outras**, sutil e brutalmente, a partir da **colonialidade** do ser, saber, poder e sentir.

Ou seja, **seguiram submissos à Europa e EUA** em seus modos de construir:
- suas próprias subjetividades (quem são e como se dão suas relações);
- seus saberes e conhecimentos;
- suas relações de poder e autoridade.
- seus afetos e modos de sentir.

Tal **ideia de superioridade do Norte Ocidental** foi imposta sobre o Brasil, a América Latina e o mundo desde as invasões europeias e gera até hoje uma sensação de **baixa autoestima** e **inadequação** a padrões ideais de beleza, saber, moral, civilidade, tecnologia etc.

O que ele não vê é que a posição de homem branco é tão **específica** (não universal) e **local**, **particular**, quanto a de qualquer mulher, indígena ou travesti. Sem discriminação, as falas teriam pesos iguais.

Este mesmo pensamento cartesiano criou oposições que dividem e hierarquizam o mundo: EU/OUTRO, **razão/emoção**, **ideal/falho**, belo/feio, **cultura/natureza**, norma/desvio, masculino/feminino, civilizado/selvagem, inteligente/bruto, moderno/atrasado, **mente/corpo**, **universal/local** etc., sempre como **superior/inferior** e associando o homem branco à norma.

E o que seria **DECOLONIALIDADE**?

É um conjunto de estratégias de **retomada do valor dos lugares de fala inferiorizados** e de **reconhecimento e reconstrução de modos outros de ser, pensar e viver**.

Mas como o pensamento eurocentrado dominou o mundo?

RACISMO

A base da dominação colonial europeia é o RACISMO, que buscava justificar o domínio/escravização de povos não brancos.

Racismo é a ideia de que existem **"raças" superiores e inferiores e a desumanização** daquelas ditas **primitivas**.

Como se viver de modos distintos do ocidental e sem separar-se da natureza fosse uma forma de vida menos evoluída! A ideia de raça se baseia no tom de pele, no modo de vida e em certas características anatômicas. Hoje sabemos que isso não existe, mas esta ideia se mantém no íntimo deste sistema racista.

Os europeus acreditavam que sua cultura era o **ponto máximo** da evolução humana e que outros povos estavam **atrasados**.

Todo povo não branco foi inferiorizado nas invasões europeias: negros, indígenas, ciganos, árabes, judeus, indianos, japoneses. Muitos foram **sequestrados** e/ou aqui **escravizados**.

A identidade étnico-racial é autodeclarada.
Como você se identifica? (branco, negro, pardo, preto, indígena, amarelo etc)

Muitos aspectos de nossa cultura parecem naturais, mas foram trazidos nas invasões europeias. Por exemplo, as formas como nos relacionamos com as pessoas de acordo com sua:

- **raça e etnia** (origem e características físicas);
- **classe social** (acesso a recursos econômicos);
- **corporalidade** (características físicas);
- **sexualidade** (para quem se orienta o desejo);
- **gênero** (performance construída a partir de referências do que é dito feminino ou masculino);
- **outros** (escolaridade, cultura, modo de vida, trabalho, religião, moradia, idade etc).

Isto gerou uma ideia de **superioridade de certas características** sobre outras, o que gerou diversas **violências**, como: racismo, machismo, LGBTQIfobia, gordofobia, capacitismo, etarismo etc.

Isso porque a **filosofia cartesiana**, antropocêntrica (homem no centro do mundo e separado da natureza), **base do pensamento eurocêntrico**, **supõe** um teórico superior ao que estuda, com autoridade **absoluta** em sua ciência.

Ou seja: diz que o intelectual teria um ponto de vista superior e criaria teorias e formas de organizar o conhecimento e os valores morais com certeza inquestionável, pois **teoricamente** estaria baseada na razão.

Isto **supõe** que haja um **EU universal** que vê a **si** como **padrão** e os **OUTROS**, diferentes de si, como **desvios**.

Esta ideia dá base à filosofia platônica grega, que separa o mundo das ideias (racional e *confiável*) do mundo das formas (sensível e *falho*). Como se fosse possível existir um pensamento "racional-universal-ideal" desligado de um corpo e uma história de vida localizada numa cultura específica!

Mas isto é **questionável**, pois qualquer teoria só pode existir a partir da experiência de pessoas vindas de um **contexto específico**.

Toda ideia vem de um lugar de fala específico, não universal, ainda que quem fale queira se passar por neutro.

Estes filósofos viviam numa sociedade em que apenas homens brancos não escravos e pertencentes a uma elite tinham poder de voz. Logo, tal **EU universal**, sujeito ideal de onde **supostamente** partiria todo saber, é igual a eles: homem cis branco hetero adulto europeu de classe alta com corpo e capacidades ditas padrão.

Qualquer pessoa diferente disto será considerada o **OUTRO**, inferior, desvio da norma: mulheres, negros, indígenas, crianças, pobres, gordos, pessoas LGBTQIAP+ ou com deficiência.

No Brasil ninguém é apenas branco.

É comum que a família só reconheça a parte europeia ou japonesa ou não conheça outras, devido à discriminação. Quando reconhece, por vezes não sabe a que etnia indígena ou africana pertence, pois as memórias não brancas são apagadas.

Muitos têm parte da origem desconhecida, detrás de avós "pegas no laço", especialmente em regiões indígenas e quilombolas.

Se você mora no Vale do Ribeira, fica a dica: segundo a servidora do IFSP Iamara Nepomuceno, há autores e relatos dos quilombolas locais que indicam **Moçambique** como uma das origens das pessoas negras do sul paulista.

Muitos europeus que migraram para o Brasil faziam parte de recortes raciais considerados mais baixos, do leste europeu, norte da África e Oriente Médio, como árabes, turcos e judeus. Por isso, qualquer brasileiro que *se veja* branco será latino nos EUA e "pessoa de cor" na Europa, mesmo com avós europeus. De todo modo, o **racismo no Brasil é mais duro com pessoas de pele preta**.

Exemplifico comigo:
Minha mãe, irmãos, tios, primos e eu nascemos em São Paulo, mas meu pai, avós e bisavós são portugueses. Porém, eu, minha irmã do meio, meu pai, meus avós e alguns primos e tios temos pele "morena" e traços que muitas pessoas consideram indígenas ou árabes. Um primo dizia que tínhamos pele "café-com-leite" ou "suja". Meu avô, que chegou a ser mendigo em Portugal e trabalhar desde criança em troca de comida, sem ser reconhecido como filho pelo patrão e agressor de sua mãe, tinha o apelido de Feijão, pelo tom escuro de sua pele. Isso se deve às chamadas "invasões mouras", em que povos árabes e berberes de pele morena do Oriente Médio e norte da África ocuparam Portugal. Quando os portugueses retomaram o domínio, os **mouros** passaram para camadas sociais baixas, como meus avós, que vieram para o Brasil buscando melhores condições de vida. E conseguiram, pois aqui são europeus, "top de linha", segunda a lógica racista! Logo meu avô pôde ~~prosperar~~ (explorar empregados) e minha mãe, irmãos, primos e eu chegamos à classe média e ao nível superior de ensino.

Glória Anzaldúa (chicana de origem mexicana, branca e indígena) criou o arquétipo de ***La Mestiza***: a pessoa **latina** de origens diversas, que passa por diversos lugares, mas não sente pertencimento em nenhum, e **busca reconhecer todas as suas partes** (branca, negra, indígena, chicana, cigana, migrante, exilada, refugiada).

Quando uma pessoa de pele clara e traços "mestiços" se identifica como negra ou indígena, ela não está negando sua parte branca, mas **enfatizando uma parte de sua origem** que foi **negada**, escondida e considerada motivo de vergonha por muito tempo. Assim, **revaloriza suas origens**.

Converse com seus pais, tios e avós para descobrir suas origens.
Onde nasceram, cresceram e como eram seus pais, avós, bisavós, tataravós?
Faça uma árvore genealógica (ANEXO I) com o nome das pessoas de sua família, raça/etnia e local de nascimento. Se puder, acrescente: como a pessoa se identifica racialmente ou como você a vê, tom de pele, características físicas e culturais que a aproximam de um ou mais povos, se possível com retratos. Se faltar membros ou se sua família se compõe de forma distinta do modelo anexo, faça adaptações necessárias. Depois, **escreva a história de sua família**. Descubra de onde veio a bisavó que ninguém sabe dizer a origem.

Agora que você conhece melhor suas origens étnico-raciais, perceba se descobriu coisas novas sobre quem você é. Ficou ainda mais **confuse**?

Perder-se faz parte do processo de se encontrar, na multiplicidade que somos! **Somos um cruzamento de histórias e experiências!** Ver a identidade como fixa passa uma segurança questionável, pois mudamos.

Mas tudo bem! Vamos acolher todas as nossas partes como ***La Mestiza***!

CISNORMATIVIDADE

Os vários povos não brancos possuem modos de organizar o mundo de forma **distinta** das que conhecemos no Sistema-Mundo ocidental.

Falamos do **mito** do racismo: a **suposta** superioridade branca. Agora, vamos conhecer a **Cis**normatividade, advinda do mesmo **Cis**tema colonial, com **"C"** (ressaltando sua **Cis**normatividade):

"**[c]istemamundo** ocidentalizado/cristianocêntrico **moderno/colonial** capitalista/patriarcal" que produz "hierarquias epistêmicas" em que – na leitura específica desta dissertação – **perspectivas não cisgêneras são excluídas, minimizadas, ou silenciadas**. A corrupteia 'cistema', entre outras corrupteias do tipo, têm o objetivo de enfatizar o caráter **estrutural** e institucional – '**cistêmico**' – de perspectivas **cis**+sexistas, para além do paradigma individualizante do conceito de 'transfobia' (VERGUEIRO, 2015, p. 15).

Cisnormatividade: padronização através da **cisgenerificação**: imposição de um determinado gênero (masculino ou feminino) quando se define o "sexo biológico", ao se identificar algumas características do bebê. Com isso, um conjunto de qualidades, preferências e atitudes é **imposto**.

Todos temos características e gostos diferentes do esperado:
- feminino: doçura, emotividade, beleza, melancolia, cuidado, maternalidade, atividades manuais, romance, trabalho doméstico, suavidade, insegurança.

- masculino: assertividade, razão, gosto por esportes, truculência, força física, inteligência, liderança, atividades públicas, firmeza, controle das emoções.

Quais características suas são distintas das ditas de menin_s?
Faça uma lista (e compartilhe se quiser).

Pessoas **cisgêneras** (**cis**) são aquelas que **se identificam** com o gênero colocado ao nascer: mulheres cis e homens cis.

Se sua certidão diz "sexo masculino" e você se identifica como "menino", você é **cis**! Isso vale também para a correlação entre "sexo *feminino*" e "*menina*".

Pessoas **transgêneras** (**trans**) são aquelas que **não** se identificam com o gênero colocado ao nascer: travestis ou mulheres trans, homens trans e pessoas trans não binárias (que não se limitam à dualidade masculino/feminino).

Todas as que não se encaixam nos padrões cisnormativos são ***cuir*** (versão latina de ***queer***, com origem na palavra ***torquere***: *elus* os "dis***torcem***").

Porque dizemos homens e mulheres **CIS**, ao invés de apenas *homens* e *mulheres*, se são o "*normal*" do **Cis**tema?

A não-marcação é o que garante às posições privilegiadas (normativas) seu princípio de não questionamento, isto é: seu conforto ontológico, sua habilidade de perceber a si como **norma** e ao mundo como espelho. Em oposição a isso, "o outro" – diagrama de imagens de alteridade que conformam as margens dos projetos identitários dos "sujeitos normais" – é hipermarcado, incessantemente traduzido pelas analíticas do poder e da racialidade, simultaneamente invisível como sujeito e exposto enquanto objeto. Nomear a norma é devolver essa interpelação e obrigar o normal a confrontar-se consigo próprio, **expor os regimes que o sustentam**, bagunçar a lógica de seu **privilégio**, intensificar suas crises e **desmontar sua ontologia dominante e controladora** (MOMBAÇA, 2016, p. 11).

Ou seja: as pessoas cis se vêem como o padrão universal (cartesiano), ao **colocar** o homem (cis) branco como **suposto** centro do mundo e outros (trans) como anormais, fora do ideal ou contra a "natureza". Porém, a pessoa cis também é uma **identidade específica**, construída socialmente, **não** universal, ainda que tente dizer que É o ser humano padrão.

Mesmo para pessoas cis, é impossível se adequar à cisnormatividade! Isso prova que é um **padrão construído** e **não natural**.

Tudo o que é considerado como feminino ou masculino **não** são coisas naturais que brotam da diferença dos corpos-mentes *femininos/masculinos*. Ao contrário do que se diz no **Cis**tema, são cuidadosamente **escolhidos** e tratados como naturais e fora de questionamentos!

A tentativa de esconder partes de si gera muito **sofrimento**!

Por exemplo: meninos sensíveis ou inseguros, que não gostam de brigar, que gostam de cuidar dos irmãos e primos mais novos, que têm nojo dos próprios pêlos, que sofrem de amor, que não conseguem ou não querem ser "pegadores" etc.

E meninas que gostam de esportes, luta e exatas, que brigam, que não gostam de usar maquiagem ou acessórios, que não querem ser mães, que não gostam de arrumar o quarto, que falam com firmeza, que não querem se relacionar ou até as que querem "pegar" todos (pois também não podem ter atitudes que a associem a uma "piriguete").

Cisgenerificação é o conjunto de momentos em que, ao nascer e ao longo da vida, somos forçados a performar um gênero.

Quando falamos em **Cisgeneridade**, **questionamos** a discriminação entre os corpos. Quando a ignoramos, as pessoas **cis** são vistas como **mais dignas** que **trans**.

A **Cisnormatividade** é o que **supõe** a cisgeneridade como norma, ideal e verdadeira, e a transgeneridade como desvio.

O que você **se obriga** ou é **forçade** a fazer por *ser* menin_? E o que **deixa** de fazer?
O que **não quer** mais ser obrigade/proibide?

Voltando ao cartesiano branco ou embranquecido (quando alguém de diversas origens étnico-raciais as apaga e se identifica como "branco"), este intelectual cis masculino se vê como **O SUJEITO padrão** e aos *opostos* como **OBJETOS**.

Indo mais além, há uma grande parcela da população que é **tratada como ABJETA** (espécie de escória da humanidade, sem valor e direito a **respeito** e a **dignidade** na vida), como: moradores de rua, pessoas com esquizofrenia, pessoas trans, usuários de drogas, prostitutas, pessoas com HIV, migrantes.

A EXCLUSÃO das pessoas trans (e pessoas **cis** que não atendam à cisnormatividade, como "meninos afeminados" e "meninas masculinizadas") muitas vezes começa na família e na ESCOLA.

Muitas pessoas trans, ao passar por este grande sofrimento, são forçadas a **deixar a escola** e, por vezes, são **expulsas de casa**, indo cedo morar na rua, sozinhas, sem escolaridade e sem entrada no mundo do trabalho, encontrando lugar apenas na prostituição ou em shows que superexploram sua sexualidade, tornando-as sempre **objeto** de fetiche, **jamais donas de si** e de seu corpo. Ainda, pessoas trans mais acolhidas recebem menos respeito do que as cis.

Qualquer característica fora dos padrões cisnormativos gera **exclusão e ridicularização**. Muitas pessoas tendem a **esconder partes de si**, independente da orientação afetiva.

O conjunto de gestos e ações associadas ao masculino ou ao feminino que o sujeito realiza repetidas vezes em seu cotidiano é chamado "**performance de gênero**".

Gênero não é uma identidade fixa e imutável, nem brota natural e magicamente de dentro da alma, mas sim uma construção que se dá ao longo da vida e que a pessoa repete ou bloqueia em seu corpo. Assim, **performatividade de gênero** é uma espécie de atuação repetida de si que fazemos para nós mesmos e para os outros, todos os dias, à qual nos acostumamos e muitas vezes nos sentimos totalmente identificados, como se ela fosse exatamente quem nós somos. Ela é **mutável** e pode se transformar, pela simples inclusão ou exclusão de hábitos, como: se depilar, usar maquiagem, saia, cabelo curto, barba, jogar futebol, cozinhar, chorar.

Performance de gênero é diferente de Performance arte, pois ocorre no dia-a-dia, sem total consciência de que é um conjunto de ações construídas a partir de padrões impostos como *femininos* ou *masculinos*.

Por exemplo: fui criade como menina, mas brinquei muito de todo tipo de brincadeira: pega-pega, lutinha, futebol, boneca, caminho, casinha, corrida, chave de braço, esconde-esconde, pipa, polícia e ladrão, morto-vivo, gato mia etc. Na adolescência, não gostava de maquiagem, depilação, chapinha, desodorante, roupas muito femininas, cor-de-rosa, não gostava de dançar axé e funk, preferia rock e MPB, detestava salão de beleza e só comecei a usar saia quando descobri as feminilidades rockeira e *hippie*, muito diferentes da patricinha. Andava de *skate* e queria fazer capoeira, *le parkour*, circo e *kung fu*, desejos não realizados, pois os espaços de treinamento discriminavam os corpos ditos femininos. Depois dos 22 anos, passei a usar o cabelo curto. Sempre tive um temperamento sensível, inseguro e até melancólico, gostava de sentir e conversar sobre sentimentos com amigues e namorades, com facilidade para chorar e para ver alegria e magia na vida. Mas também muitas vezes me disseram ter força, coragem e determinação para realizar ações ousadas, como viajar sozinhe por Brasil e América Latina, mudar de cidade várias vezes, prestar concursos e superar sofrimentos. Quando me tornei mãe, percebi com mais força como o mundo força o enquadramento das mulheres em papéis ditos femininos. Apenas aos 28 anos comecei a tomar posse de meu corpo, fazer minha primeira tatuagem e retomar algumas performances ditas masculinas, neutras e até mais "piriguetes" ou vaidosas, me reconhecendo como pessoa não binária (não só feminina, nem só masculina) e pansexual (que não se atrai por gêneros específicos).

Mas porque falar tanto de mim?

Porque o **conhecimento é localizado**, parte de um lugar de fala específico, ainda que o autor não assuma, podendo estar próximo ou distante do dominante (masculino cis branco, que se pretende neutro). Logo, não posso escrever sem me apresentar.

Que tal listar momentos, atitudes e preferências que marcam suas características ditas mais femininas ou masculinas, em seu corpo, gostos e ações? E os **desejos** (realizados ou não) e as **obrigações** que você realiza ou se recusa a fazer. E faça autorretratos: como você é e como gostaria de ser.

PERFORMANCE ARTE

Performance Arte é uma linguagem artística surgida nos 70's (EUA), entre artes visuais e cênicas. Usa o corpo para realizar uma ou mais ações num certo tempo e local.

O tempo pode variar de segundos a dias e o local pode ser desde os espaços "oficiais" da arte até os considerados mais fora do circuito artístico. O performer, em geral, apresenta a **si mesmo**, não um personagem, realizando uma ou mais ações que podem ou não ser mais ou menos planejadas, ensaiadas ou espontâneas, com ou sem texto falado ou escrito, sendo abertas ou não ao acaso e à interação com pessoas (público) e objetos. Podem ser utilizadas roupas específicas, maquiagens, objetos e materiais ditos artísticos ou não.

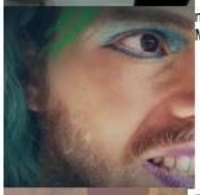
Na **Antropologia**, performances são "todas as formas de manifestações teatrais, rituais, de divertimento e toda manifestação do cotidiano" (SCHECHNER apud FÉRAL, 2009, p. 199).

Nestas aulas, vamos aproximar o conceito de **performance arte** com a performance de gênero e antropológica, investigando ações que as conectem. Para tanto, vamos conhecer alguns **performers latinoamericanos *cuir***.

performances: alunes, amigues e prof.

mulheres na luta
Ana Vitória (02'46")

frustrações
Ivy (00'15")

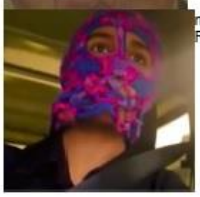


melissando
Mandhi (01'33")

explorar árvore/lago
Teka (04'56")

raspagem
Rê (01'17")

livre da opinião alheia
Keyth (00'26")



mascarade
Rê (01'23")

corpo de luta
Rê (02'15")

roça
Rê (01'27")

fundação
Rê (01'00")

dança arbórea
Rê (02'21")

obrando
Rê (01'28")

na mata
Rê (01'33")

dança criança
Rê (00'59")

costura
Rê (01'00")

pisando barro
Rê (02'46")

Performers cuir

Dodi Leal
depoimento
06'08''

Dodi Leal
the confirmed confinement of pajarita
04'52''

Musa Mattiuzzi
agora somos todxs negrxs?
00'43''

Jota Mombaça
a ferida colonial ainda dói
00'55''

Jota Mombaça
soterramento
03'16''

Jota Mombaça
língua bifurcada
03'20''

Kildery Iara
exercício para invisibilidade
02'24'

Kildery Iara
Por onde andam os porcos
02'29'''

Miro Spinelli
gordura trans
02'01''

Bruna Kury e Walla Capelobo
mate o branco dentro de você
04'08''

Rosa Luz
entrevista
08'53''

Bruna Kury e Gil Porto Pyrata
a fronteira do corpo é o próprio corpo e/ou próteses
03'08''

Meujaela Gonzaga
clip cura – fluir
03'09''

Meujaela Gonzaga
clip cura – rio
03'18''

Mogli Saura
entrevista
09'26''

Pedra Costa
a cultura queer de Solange Tô Aberta
13'02''

ANEXO I – Árvore Genealógica

Preencha os campos com nome, local de origem e identidade étnico-racial de seus familiares.

Anexo IV

Texto da fala da primeira aula síncrona da Parte I da intervenção pedagógica no IFSP

Racismo é a ideia de que existem **"raças" superiores e inferiores** e a **desumanização** daquelas ditas **primitivas**. Essa ideia surgiu no momento da invasão portuguesa e espanhola às Américas, chamada Abya Yala por muitos povos originários daqui, para justificar o domínio sobre esses povos indígenas e os povos africanos que foram sequestrados e escravizados. Mesmo com a abolição oficial da escravidão e a independência dos países americanos, a ideia de que a cultura, o pensamento e o modo de ser dos europeus são superiores aos dos negros, indígenas, ciganos, árabes, orientais e outros, ditos primitivos, continua até hoje, mais ou menos de forma silenciosa ou escancarada. Isso é chamado Colonialidade: esse domínio com base na ideia de que a Europa teria o centro, o padrão ideal universal de vida, e os outros são OS diferentes, desvios ou atrasados. Isso fez com que se tentasse apagar as origens negras e indígenas dos brasileiros, tanto por uniões forçadas com europeus, pra *clarear* a população, quanto pelo próprio convencimento dos negros e indígenas de que suas origens eram ruins e que deveriam negá-las e se adequar ao padrão e se embranquecer, se casando com brancos, fazendo chapinha e tentando se adaptar à cultura europeia e estadunidense, hoje. Hoje, por causa dessa mistura que aconteceu pra fazer nascerem pessoas mestiças, tem muitos negros de pele clara que não se reconhecem negros, muitas pessoas que não sabem que tem origem indígena, árabe, cigana e outras, que conhecem só a parte europeia, isso quando tem. Daí, pensam que o tema do racismo afeta só pessoas negras de pele escura e cabelo crespo. Claro que ele afeta muito mais essas pessoas, que vão ser muito mais discriminadas na rua, escola, trabalho, lojas, entrevistas de emprego e até na própria família, a maioria das vezes nascidas na pobreza e com piores condições de acesso à educação, saúde, moradia etc. Mas ele também afeta essas outras pessoas que também têm essas origens, quando elas gostam menos destas partes de si e o mundo também as discrimina de modo mais ou menos sutil. Quando essas partes são reprimidas, agredidas ou inferiorizadas em relação a pessoas que se aproximam mais do europeizado ou norte-americanizado. Além dos menos brancos, têm outros corpos que a colonialidade discrimina: corpos gordos, com deficiência, fora do padrão de beleza normativo, pobres, crianças, idosos, trans, pessoas femininas (mulheres cis, trans, não binárias e até homens), da área rural, tímidas, com baixa escolaridade, com transtornos mentais ou algumas doenças (como HIV), moradores de rua, nordestinos, umbandistas, candomblecistas, imigrantes, prostitutas, que não estão por dentro da mídia e tecnologia etc.

O que seria então decolonialidade? Alguém tem uma ideia? Seriam as várias formas de enfrentar a dominação desses padrões. Por exemplo: resistindo, valorizando e decidindo manter em você mesmo, com orgulho, as características em você que não se adequam a **este** padrão, ou valorizando as diferenças de outras pessoas em relação a ele. Não é que **ele** seja errado. O problema é que ele seja imposto para todos e que as outras formas de ser, agir e pensar sejam discriminadas, quanto mais características fora desse padrão a pessoa acumule em si (exemplo: travestis pretas pobres gordas com deficiência). Perceba que se falar nessas pessoas soa engraçado, isso já é efeito dessa discriminação.

Então aqui, nestas aulas, a gente vai se concentrar em um dos aspectos da colonialidade (e somar a ela todos os outros): a cisnormatividade. Lembrando que colonialidade é quando a cultura europeia e estadunidense e os padrões ideais que ela traz são considerados o padrão ideal universal e central do mundo, e as outras formas de ser são consideradas desvios, falhas, imperfeições. Muitas vezes usando motivos religiosos ou até ideias científicas, mas ultrapassadas, antigas, que não se sustentam mais. A cisnormatividade é quando se considera que as pessoas cis são o NORMAL, o padrão, o correto, e as outras são consideradas desvios, falhas e imperfeições. E mais: quando se busca encaixar as pessoas dentro do que é considerado correto para a caixinha dela. Mas o que são pessoas cis? Alguém sabe? Pessoas cis são pessoas que foram identificadas com certo gênero ao nascer, a partir de certas características, como órgãos genitais e cromossosos, e que continuam se identificando com ele ao longo da vida. Por exemplo, se você foi considerado como menino e concorda com isso. E pessoas trans? Pessoas **trans** são aquelas que **não** se identificam com o gênero colocado ao nascer: travestis ou mulheres trans, homens trans e pessoas trans não binárias – não limitadas à dualidade.[81]

[81] BERNARDES, Rene Will Gonçalves. Aula virtual síncrona no IFSP câmpus Registro, em 23/09/2021

Anexo V

Avaliação da intervenção pela professora Marta Estela (IFSP Campus Registro)

A proposta é bem interessante e me parece bem embasada. A cartilha dá conta de construir o tema para o leitor e, o fato de estar recheada de exemplos pessoais, traz leveza, empatia, identificação, além de tornar a leitura prazerosa.

A aula síncrona – onde Renê fez um percurso semelhante ao da cartilha, construindo o pensamento a partir do conceito da colonialidade até especificar o debate na cisnormatividade – foi bem conduzida. No entanto, houve pouca interação com os estudantes, algo que vemos como rotineiro nas outras aulas / disciplinas também, por conta do formato remoto. Os estudantes não gostam de se expor nas videoconferências, poucos ligam a câmera, poucos falam.

Menos da metade dos estudantes se envolveram em realizar a performance e participar dos encontros não obrigatórios – atendimentos. Avalio que isso se deu, já que a atividade não era "obrigatória", já que não seria usada como avaliação. No entanto, não vejo isso como prejuízo. Na minha visão, dessa forma, sabemos que os que se envolveram e realizaram a atividade estavam realmente com motivação para realizá-la. Então, se olharmos do ponto que, em média, 1/3 dos estudantes se envolveu na proposta por vontade própria, temos uma avaliação positiva.

Percebi, nas discussões que ocorreram nos encontros virtuais (aula e atendimento), que muitos estudantes conseguem compreender bem a colonialidade quando se trata de racismo e de machismo. O passo para a crítica à cisnormatividade ainda não é simples de ser dado por alguns deles. Creio que isso acontece pelo fato do tema não ter tanta visibilidade quanto os outros, não por alguma falha na metodologia.

Um olhar crítico que tenho é para o fato dos estudantes serem convidados a se expressar apenas com performance. Apesar de ser este o tema da pesquisa, percebo, como professora desses mesmos estudantes, que cada um tem a linguagem que se sente mais confortável para se expressar. Uns gostam da câmera e de usar o corpo, outros preferem ficar atras da câmera e trabalhar com edição, já outros se sentem bem desenhando (a turma de mecatrônica, por exemplo, realizou recentemente um trabalho onde poderiam escolher a linguagem para se expressar. 90% da turma escolheu desenho. O mesmo não ocorreu em outras turmas). Portanto, percebo que orientar a forma de expressão a ser usada, em um contexto com tão poucos encontros para poder construir o desejo pela performance, pode ter sido um limitador.

Considerações finais

Considero a didática da proposta bem adequada, interessante e o tema muito importante. A ressalva que faço fica por conta da “obrigatoriedade” de se realizar a performance. Creio que o contexto remoto e no formato de ciclos (tendo Renê direito a apenas 1 ciclo) prejudicou um pouco o desenvolvimento e construção da atividade. No entanto, o saldo ainda foi bem positivo, com cerca de 1/3 dos estudantes envolvidos.

Anexo VI

Questionário enviado a estudantes na Parte II da intervenção e suas respostas

Ação de extensão das discussões em decolonialidade, racismo, cisnormatividade e arte
Nome: _____Turma: _____ Idade: ____ Cidade: _____
Bairro/comunidade: _____ Urbano/rural? _____ Classe social: _____

1. Gênero:
a) mulher cis; b) mulher trans; c) homem cis d) homem trans; e) trans não binárie; f) outro ___
*__Cis:__ se identifica com gênero imposto ao nascer. **Trans:** não se identifica com gênero imposto.

2. Cor:
a) preta; b) parda; c) indígena; d) amarela; e) branca; f) outra _____

3. Como você se identifica em relação à **raça/etnia**? Especificar etnia: _____
a) negra; b) indígena; c) caiçara; d) cabocla; e) cigana; f) extremo-oriental; g) branca; h) latina; i) árabe; j) judia; k) médio-oriental; l) mediterrânea; m) outra _____

Fique à vontade para responder as próximas questões da forma como desejar.

4. Você ficou em **dúvida** ao responder as **questões 1, 2 e 3**? Se sim, por quê? Quais foram seus questionamentos? Como você chegou à sua resposta?

5. O que você entende por **(de)colonialidade**, **racismo** e **cisnormatividade**?

6. O que você entende por identidade de gênero? Você acredita que ela é fixa e imutável?

7. Como você percebe que foi construído em você ao longo de sua vida o que chamamos de **identidade de gênero**? Através de que situações ela foi instituída/reforçada ou tensionada e desafiada (por outros e por você)? Você percebe algum tipo de imposição ou proibição por causa do gênero que te foi colocado? Enfrenta ou deseja enfrentar isto? Se sim, de que modo?

8. O que você entende por identidade étnico-racial? Você crê que ela lhe é dada ao nascer?

9. Como e através de que situações foi construído em você o que chamamos de **identidade étnico-racial**? Esta foi constituída com facilidade ou você se percebe(u) confuse em relação a isso? Por quê? Você percebe algum tipo de limitação social devido à sua cor ou raça/etnia? De que forma sua cor ou raça/etnia interfere nas suas relações de gênero e sexualidade?

10. No seu entendimento, qual o **papel da arte** no tratamento destes temas?

11. Como foi para você a experiência desta etapa de Artes? Que reflexões as aulas, seu próprio processo criativo e os vídeos compartilhados (por mim e pelos colegas) geraram em você?

12. Fique à vontade para escrever o que mais considerar relevante.

Nome: Maria. **Turma:** 2º Mecatrônica. **Idade:** 16 anos.

Cidade: Registro. **Bairro:** San Conrado. **Urbano/Rural:** Urbano. **Classe social:** Média
Gênero: Mulher Cis. **Cor:** Parda. **Raça/etnia:** Negra.

1. Sim, porque não sabia definir exatamente a qual raça/etnia específica pertenço, devido à presença de miscigenações em minha família. Portanto, fiquei me questionando durante alguns dias sobre minhas origens, e em busca de uma resposta, perguntei aos meus pais qual raça cada um deles se identifica e seus respectivos ancestrais, meu pai se identificou como negro e minha mãe, branca. Destarte, conversei com eles e observei atentamente o meu fenótipo, ou seja, qual característica está expressa e se manifesta diante do meu genótipo, para solucionar as constantes dúvidas que assolavam meus pensamentos.

2. O termo "identidade de gênero" na minha concepção está diretamente relacionado ao modo como determinada pessoa se caracteriza ou se expressa em relação ao gênero dado à ela no dia de seu nascimento. Ademais, penso que refere-se a autoimagem possuinte do indivíduo ao analisar significativamente quais são seus princípios e como se sente perante o contexto social; paralelamente, acho que essa temática está relacionada à conjuntura social, não biológica. O mesmo cenário referente à opinião implícita de determinado cidadão está relacionada ao vocábulo "identidade racial", que diante meus conhecimentos, se relaciona a maneira como tal indivíduo se identifica em relação à sua etnia, baseando-se na raça de seus pais, parentes e até mesmo as culturas e tradições advindas de sua família que reverbera nas gerações seguintes; sem a interferência externa.

3. Estabeleci minha identidade de gênero analisando e refletindo gradativamente sobre quais são as percepções que possuo de mim mesma, se realmente me identifico com o gênero dado a mim quando nasci e como definitivamente me vejo no convívio social. Desde criança me disseram como eu devia me comportar e quais deveriam ser minhas vestimentas perante o meu sexo biológico; portanto, comecei a indagar como realmente me identifico independente de opiniões extrínsecas, e pude chegar a respectiva conclusão, a qual pessoas de meu entorno não me questionam, ainda não passei por mudanças e me sinto muito bem até no momento atual. Ademais, sim, já passei por limitações e imposições; por eu praticar a luta tailandesa Muay Thai, diversas vezes me desencorajavam dizendo que ao invés disso, eu deveria fazer algum tipo de dança, e isso foi realmente doloroso. Outra situação transcorreu quando fui convocada a participar de um curso de programação, pois eu era a única menina do grupo e pude perceber que estava, de certa forma, sendo excluída. Dessa forma, fiquei extremamente chateada, porém não desanimei em nenhum momento, demonstrei o quanto sou capaz e que obrigatoriamente deviam me respeitar ; assim sendo, conquistei meu acato e espaço e hoje sou definitivamente respeitada. Por esse viés, é indubitável que devemos mostrar quem realmente somos e exigir respeito ao qual todos temos direito, como relata o artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos "Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos".

4. Considero ter sido complicado determinar a qual identidade étnico-racial pertenço, para descobri-la precisei realizar diversos diálogos com meus familiares para conhecer definitivamente quais são minhas origens e como me identifico com ela. Apesar de a minha mãe ser de raça/etnia branca e meu pai de raça/etnia negra, eu me identifico como negra por apresentar traços culturais afrodescendentes que determinam meu fenótipo. Destarte, me relaciono muito bem com minha identidade étnico-racial, mesmo sendo questionada inúmeras vezes por amigos, familiares próximos e até mesmo alguns desconhecidos, que insistem em dizer que não pertenço a essa "categoria", por minha pele ser considerada mais clara comparada aos indivíduos afrodescendentes e, devido a presença da branquitude nos meus familiares maternos. Todavia, quem realmente determina essa identidade sou eu, e nas

conversas tidas com prof Rê durante os encontros quinzenais, pude refletir mais e desenvolver pensamentos que me fizessem implicitamente chegar a essa resposta a qual sempre tive constantes dúvidas e passei por diversas mudanças, mas que no exato momento está me definindo completamente, pois de certa forma, sinto que estou revalorizando minhas origens inúmeras vezes negadas durante séculos da historicidade. Ao realizar diversas pesquisas para que eu pudesse entender melhor a abordagem do assunto, me deparei com o termo "mulato", que atualmente trata-se da miscigenação entre brancos europeus e negros afrodescendentes, porém essa nomenclatura era utilizado de forma depreciativa por povos racistas da época colonial, estando relacionada com o termo "mula" (animal). Por esse viés, cabe-se discutir e questionar sobre esse vocábulo, mas em minha concepção é uma denominação preconceituosa que foi escancarada na sociedade escravocrata da época.

Não, particularmente e até o momento presente, considero que minha raça/etnia não atravessa minhas relações de gênero e sexualidade.

5. Em minha opinião, colonialidade, racismo, cisnormatividade e decolonialidade são termos que possuem significados demasiadamente relacionados. Pude entender que colonialidade refere-se ao processo ideário de eurocentrismo imposto à sociedade na época da colonização, de que indivíduos europeus eram superiores, mais qualificados e desenvolvidos do que os demais, e todos deviam incontestavelmente respeitá-los e segui-los de maneira totalmente submissa. Em vista disso, foi implementada a indubitável mazela social do racismo que se refere à prática das pessoas preconceituosas de agredir tanto fisicamente quanto psicologicamente indivíduos com origens diferentes, por definirem erroneamente em suas perspectivas que há, de fato, uma raça branca superior, e que os demais povos com características biológicas, cultura, costumes e tradições diferentes são considerados incapazes, insuficientes e verdadeiros primitivos irracionais. Ademais, essa discriminação que recebeu a supracitada nomenclatura, buscava justificar a escravidão e o trabalho coercitivo atribuído às "raças primitivas" definidas como como selvagens e atrasados. A cisnormatividade também está inteiramente imersa em um "padrão" estabelecido pela sociedade, o qual define pessoas "cis" como normais, superiores e mais corretas, e as demais consideradas "diferentes" (trans, por exemplo) como inferiores, agindo com total desrespeito.

Fica claro, portanto, que se trata de atitudes altamente preconceituosos em relação ao outro, e é extremamente necessário que a sociedade respeite as diferenças e desenvolva a decolonialidade em seus pensamentos, cujos princípios são de desfazer a ideologia imposta através de um "padrão" social não natural aos indivíduos; é reconhecer o ser, pensar e viver dos diferentes povos que compõem o âmbito ao qual fazemos parte.

6. A arte está altamente relacionada à liberdade de expressão, e por não estabelecer regras e estereótipos, penso que através dela as pessoas sentem-se mais confortáveis para dialogar sobre esses assuntos discutidos no decorrer das respostas, alguns erradamente tidos como "Tabu" na sociedade. É papel artístico também divulgar, através de obras, realizando conversas, palestras e debates nas redes públicas, escolas e em outros espaços, a importância desses conceitos e assuntos, compartilhando ideias e desconstruindo aos poucos ações que afetam negativamente nossa população, fazendo com que mais pessoas reflitam sobre como se identificam no contexto social.

7. Participar dessa etapa de artes foi totalmente gratificante para mim, pois pude me conhecer ainda mais, por ter me interessado a pesquisar e estudar sobre quais são verdadeiramente minhas origens e de que modo me identifico tanto em relação à etnia quanto ao gênero, mesmo que minhas opiniões possam ser modificadas daqui alguns anos. Ademais, pude conversar e debater bastante com prof Rê e os demais participantes, o que permitiu ampliar e aprimorar meus conhecimentos relacionados a essas temáticas extremamente importantes de ser abordadas e compartilhadas.

Nome: Natália. **Turma:** 2º ano do técnico em logística integrado ao ensino médio. **Idade:** 16 anos. **Cidade:** Miracatu-SP.

Bairro: Boa Vista. **Urbano/rural?** Urbana. **Classe social:** classe média.

Gênero: mulher cis. **Cor:** branca. **Raça/etnia:** mediterrânea, indígena, latina, branca**.**

1. Sim, sobre a raça/etnia, pois não tenho certeza das origens da minha mãe por ela ser adotada. Além disso, ela nunca perguntou aos pais de criação sobre sua etnia, nunca teve interesse por saber (ou nunca soube sobre o assunto, porque ela não terminou o ensino médio). Mas, com algumas perguntas simples para ela eu pude deduzir. Além disso, já sabia a descendência por parte do meu pai, assim, consegui concluir minha raça/etnia, ainda que não seja algo ‘’concreto’’. Acho bem complicado ir atrás de saber as verdadeiras etnias da minha mãe porque ela tem uma certa amargura quanto a algumas pessoas de sua família, por elas estarem vivas e nunca terem a procurado e também, pelo seu passado. Porém, ela me disse que a maioria da família dela por parte de mãe, pelo o que ela se lembra, era branca. E que o pai dela era negro.

2. Entendo por identidade de gênero como a pessoa se identifica, com costumes, vestimentas etc, ainda que seja chato pautar um gênero por aspectos semelhantes, classificações. Então, a pessoa pode ser cis (que se identifica com o gênero biológico- de nascimento), trans (que não se identifica com o gênero de nascimento e as vezes faz mudança de gênero- a transição) ou, ela pode ser não- binaria (há diversas classificações como os fluidos- que mudam de gênero dependendo da época-).

Já por identidade étnico-racial, entendo por como a pessoa se identifica dentro de um grupo de origem. E, observando seus traços e sabendo parte da sua descendência, ela consegue ‘’decifrar’’ e se encaixar dentro de algum grupo, sendo ele o negro, branco, árabe, indígena e entre outros. Nessa classificação pode se dar mais de um grupo e isso pode ser relativo de pessoa para pessoa. Ou seja, eu posso me identificar apenas com uma raça/etnia e outra pessoa com mais.

3. Minha identidade de gênero foi construída a partir do meu eu-interior e de acordo com o mundo exterior. Desde pequena eu pude ter contato com coisas supostamente ‘’de homem’’- já fiz futebol, (na mesma época fazia ballet e judô), já pude brincar com brinquedos ‘’de menina’’ e de ‘’menino’’, usei roupas variadas (porque tenho dois irmãos, então as vezes, eu pegava deles) - e tive contato com diversas coisas. E, consigo concluir- até esse determinado momento- que sou uma mulher cis. Se irei mudar, ainda não sei, mas até o determinado momento, me identifico assim.

4. A minha identidade étnico-racial foi pensada a pouco tempo, quando começou as reuniões com a professora Renata. Eu nunca pensei afundo sobre, mas agora consigo entender melhor e, classificar minha identidade.

5. Eu entendo por **(de)colonialidade** todo e qualquer processo que seja de enfrentamento a colonialidade- processo gerado desde de a colonização, onde nós, brasileiros, somos eurocêntricos, com padrões brancos e ideais-. Esse processo de colonialidade exclui uma parcela da população, que é a maior parte da população brasileira: indígenas, negros, LBGT+, pessoas acima do peso e etc... Por isso, esse processo de decolonialidade é tão importante para o Brasil.

Racismo eu entendo pela discriminação de um pouco, seja verbalmente ou fisicamente. Devidamente a construção histórica que passamos, os negros sofreram muito, sendo certa de 300 anos de escravidão. Por isso, está associado a eles, geralmente. Vale ressaltar, que outros povos também podem sofrer racismo- se eles não tiverem privilégios e tiverem uma construção

histórica perante isso-. Por exemplo, o termo ‘’racismo reverso’’ é completamente contraditório, inexistente. Pois, sabemos que brancos não sofreram anos por negros, ou por outro povo. Sendo que, os próprios brancos foram autores de todo o sofrimento dos negros.

Para falarmos de **cisnormatividade,** precisamos relembrar a definição de cis: o indivíduo que se identifica com o gênero biológico, o gênero imposto no seu nascimento. Então, cisnormatividade são as condições que são impostas aos cis, ou seja, o homem cis e a mulher cis. Mas de uma forma crítica, ou seja, a questão do indivíduo ter que fazer aquilo porque é preciso e por alguma razão desconhecida ele faz, ainda que necessariamente ele não queira. Por exemplo, como mulher, posso dizer que muitas vezes já fui indicada a alguma função de casa, enquanto meu irmão mais velho não fazia nada. Posso citar que eu tive que aprender a fazer arroz sozinha e entre outras coisas, enquanto ele foi aprender com 19 anos, porque estava quase indo morar sozinho. Além disso, as mulheres normalmente não podem usar certos tipos de roupa, por razões religiosas ou por segurança, enquanto sabemos, que homens têm toda liberdade.

6. A arte, como aspecto fundamental para a desconstrução e entendimento desses temas, tem o papel de causar, muitas vezes, a reflexão. Por exemplo, as maiorias das peças contemporâneas da arte urbana, causam isso. O teatro da vertigem segue esse rumo. Por isso, quanto mais as pessoas veem e se questionam sobre os assuntos, conseguem aprender e refletir sobre, o que chamamos de estesia na arte.

7. Essa etapa de arte me gerou muitas reflexões que antes, eu não tinha muito. Foi esclarecedora em muitos aspectos em que eu era leiga no tema.

Os questionamentos sobre cisnormatividade foram muitos, aliás, foi o tema que mais me tocou por fazer mais parte da minha vida e da minha percepção no geral. Tais como: porque eu sempre fui submetida a usar um tipo de roupa classificada ‘’maior’’- sendo, evitar o ‘’shorts’’-, não poder sair sozinha sem alguém junto a mim (e que normalmente tinha de ser homem, quase nunca eu e outra menina andando sozinhas juntas), sobre eu estar mais ligada a coisas ‘’delicadas’’ e etc. Como eu disse, meus pais me deram em muitos aspectos a opção de eu escolher, mas eu me recordo de vezes que meu pai me perguntava porque eu não preferia coisas mais delicadas, como sapatos e roupas. A mais disso, meus familiares também já puxaram muito neste aspecto, em principal.

Já na minha identidade no geral serviu mesmo só para esclarecimento, para ter ‘’certeza’’ do momento. Em decolonialidade eu já sabia sobre algumas coisas, mas não sabia o nome do termo em si, sabia sobre os padrões e etc. Racismo também é algo estudado muito na minha instituição, aliás, foi tema de educação física desse ano: racismo no esporte.

Nome: Kevin.**_Turma:** 2° ano de Mecatrônica **Idade:** 17 anos **Cidade:** Registro **Bairro/comunidade:** Agrochá **Urbano/rural?** Urbano **Classe social:** média/baixa
Gênero: homem cis. **Cor: _____. Raça/etnia**: negra.

1. Eu fiquei com um pouco de dúvida na etnia porque eu nunca procurei saber tanto na parte paterna como na materna, mas minha família paterna é branca e minha materna é preta então fiquei com um pouco de dúvida nisso e na verdade eu não sei se respondi corretamente, mas os meus pais são brancos. Como eu me identifico mais com a minha família materna por eu ter uma ligação a mais eu coloquei negra.

2. Identidade de gênero é o gênero em que a pessoa se identifica como homem, mulher, trans, binário, etc. Identidade racial é a identidade de um determinado grupo que vem do antepassado da família, por exemplo africano, índio, alemão, é preciso então que a pessoa procure saber de seus antepassados para que ele construa sua identidade racial.

3. Sou um homem cis e nunca tive duvida em relação a isso, sou gay e faço parte da comunidade LGBTQIA+ mas nunca me vi e nunca me enxerguei em um corpo feminino ou já tive vontade de ter um corpo feminino, de ser uma mulher em si, eu gosto muito de maquiagem e algumas coisas femininas mas nunca me passou pela cabeça em ser mulher. Eu me relaciono bem com o meu gênero e como eu disse anteriormente nunca passou pela cabeça em ser mulher e afins, minha família também se relaciona bem com isso e meus pais também até porque minha mãe sempre quis ter um menino porém minha família não tem uma relação muito boa com a minha orientação sexual e já sofri bulling pela minha orientação sexual também na escola. Talvez eu já fui limitado em quando eu era criança porque eu tinha interesse em brincar com "brincadeiras de meninas", mas que todos falavam pra mim que era errado, fazendo eu ficar com meninos e fazer coisas de meninos, mas eu sempre lidei com isso até que de boa porque eu sempre fiquei mais com meninas e sempre tive mais amizades com meninas.

4. Eu nunca parei para analisar de fato minha identidade étnica-racial mas eu acho que eu sou de etnia negra porque como eu disse anteriormente eu me identifico mais com minha família materna onde a maioria são pretos, mas a identidade racial é construída com o tempo e conhecendo os nossos antepassados, mas eu me relaciono bem com ela porque por mais que eu seja branco eu tenho traços de pessoas pretas como meu cabelo que é cacheado e o meu nariz que não é fininho e empinadinho, mas eu me sinto muito orgulhoso em ser assim e pensar assim de ser de descendência de pessoas pretas. Muitas pessoas, às vezes, duvidam em eu ter uma família grande preta, mas nunca tive problema com isso e nunca sofri bulling em relação a isso. Nem sempre eu me identifiquei dessa forma porque antes de alguma forma eu tinha vergonha em ter uma família negra por eu ser branco, mas eu fui amadurecendo com o tempo e me identifico mais com uma etnia negra. Eu não acho que minha etnia muda algo na minha sexualidade porque independente dele eu me vejo um homem cis gay e acho que isso não interfere em meus relacionamentos.

5. A decolonialidade se refere ao processo em que busca superar de forma histórica a colonialidade. A cisnormatividade é ser uma pessoa cis como norma, como um padrão e isso acontece no gênero feminino e masculino e em questões físicas também, por exemplo, homens são mais altos que mulheres sendo uma regra em que o homem tem de ser mais alto que a mulher, sendo assim um padrão social.

6. A arte é algo em que você aprende coisas novas então a arte faz você refletir sobre esses temas, saber procurar mais e pesquisar mais. A arte faz você abrir a sua mente pra saber essas coisas novas e isso é muito incrível, eu particularmente nunca me interessei em pesquisar sobre a binariedade mas depois de saber sobre eu achei muito legal em saber que o binário abrange muitos gêneros e a pessoa é com o que se sente bem. A etnia também eu não sabia muito sobre e depois do encontro passado eu vi que é um assunto muito interessante também.

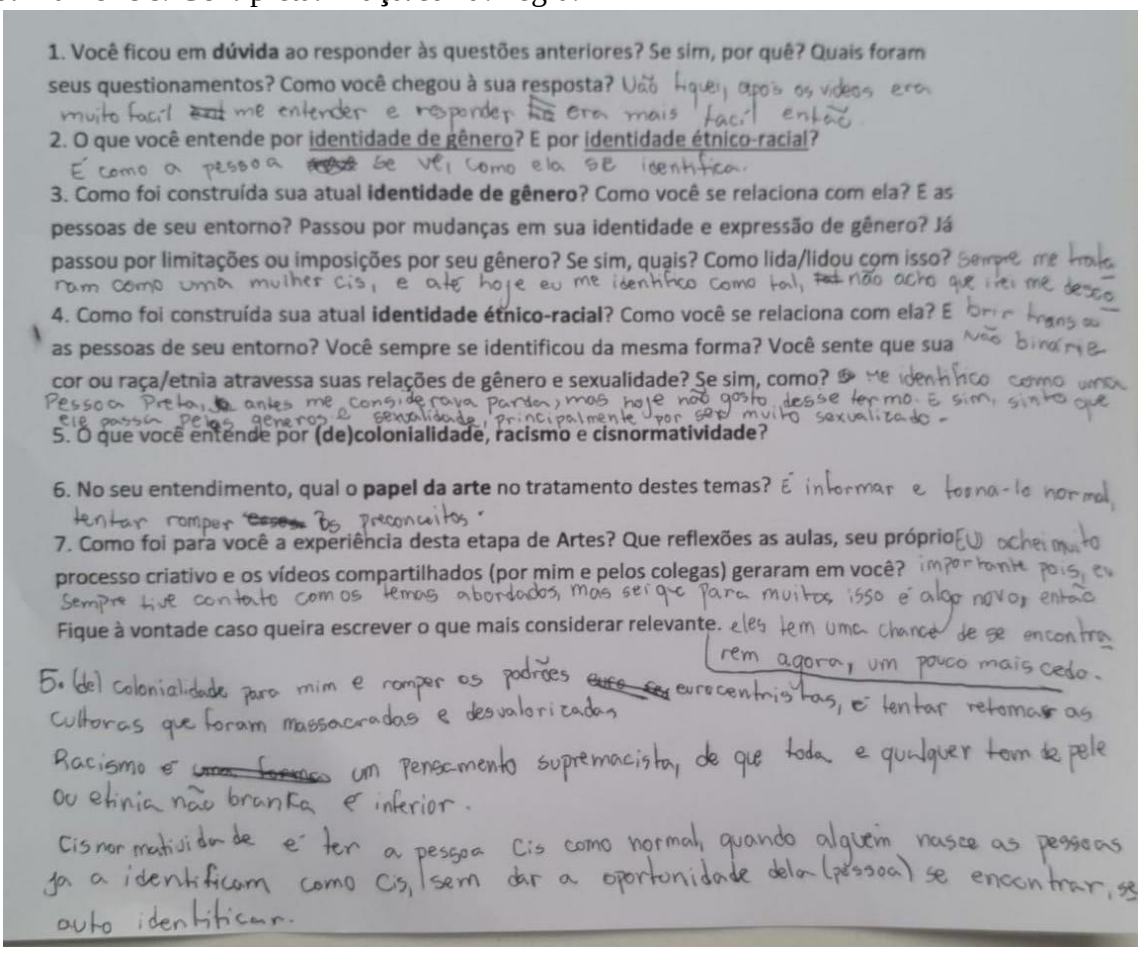
7. Eu achei bem legal aprendi coisas novas e achei assuntos bem interessantes até porque eu sou muito leigo no assunto e espero aprender mais e mais sobre os assuntos abordados. Eu achei muito legal e alguns fatos bem interessantes porque eu não sabia sobre muita coisa no assunto e espero um dia, caso alguém me pergunte sobre esses temas, que eu saiba responder porque são assuntos e temas realmente muito interessantes.

Laís 2° ano de Logística
16 anos. Eldorado-SP. Vila Nova Esperança
Zona Urbana Classe média/baixa
Gênero: Mulher cis. **Cor:** Parda. **Raça/etnia:** Indígena, negra e branca

Fiquei em dúvida entre parda ou preta e na etnia se seria de origem ou como eu me entendo.

Entendo como quem eu me identifico. E a étnico racial com a sua origem, mãe, pai, avós.
Sou mulher cis, nunca passei por uma mudança porque sempre me identifiquei com meu gênero.
Não sei responder direito porque ainda não entendi totalmente esse conceito.
Entendo deconoliedade como se fosse uma revolução e colonialiedade como algo que se mantém. Racismo é um preconceito baseado na aparência física da pessoa. Cisnormatividade eu entendo como a construção do gênero, daquilo que ele é para aquele que ele se sente realmente.
Como a arte tá presente em tudo, acho que é essencial para ajudar as pessoas a se encontrarem.

Nome: Mariele. **Turma:** Edif 2. **Idade:** 16 anos. **Cidade:** Sete Barras. **Bairro/comunidade:** Centro. **Urbano/rural?** Urbano. **Classe social:** Pobre.
Gênero: mulher cis. **Cor:** preta**. Raça/etnia**: negra.



1. Você ficou em **dúvida** ao responder às questões anteriores? Se sim, por quê? Quais foram seus questionamentos? Como você chegou à sua resposta? Não fiquei, após os vídeos era muito fácil ~~zzz~~ me entender e responder ~~la~~ era mais fácil então.
2. O que você entende por identidade de gênero? E por identidade étnico-racial?
É como a pessoa ~~[illegible]~~ se vê, como ela se identifica.
3. Como foi construída sua atual **identidade de gênero**? Como você se relaciona com ela? E as pessoas de seu entorno? Passou por mudanças em sua identidade e expressão de gênero? Já passou por limitações ou imposições por seu gênero? Se sim, quais? Como lida/lidou com isso? Sempre me trataram como uma mulher cis, e até hoje eu me identifico como tal, ~~tal~~ não acho que irei me desconstruir trans ou não binária.
4. Como foi construída sua atual **identidade étnico-racial**? Como você se relaciona com ela? E as pessoas de seu entorno? Você sempre se identificou da mesma forma? Você sente que sua cor ou raça/etnia atravessa suas relações de gênero e sexualidade? Se sim, como? Me identifico como uma Pessoa Preta, ~~[illegible]~~ antes me considerava parda, mas hoje não gosto desse termo. E sim, sinto que ele passa pelos gêneros e sexualidade, principalmente por ser muito sexualizado.
5. O que você entende por **(de)colonialidade, racismo** e **cisnormatividade**?
6. No seu entendimento, qual o **papel da arte** no tratamento destes temas? É informar e tornar-lo normal, tentar romper ~~[illegible]~~ os preconceitos.
7. Como foi para você a experiência desta etapa de Artes? Que reflexões as aulas, seu próprio processo criativo e os vídeos compartilhados (por mim e pelos colegas) geraram em você? EU acho muito importante pois, eu sempre tive contato com os temas abordados, mas sei que para muitos isso é algo novo, então eles tem uma chance de se encontrarem agora, um pouco mais cedo.
Fique à vontade caso queira escrever o que mais considerar relevante.

5. (de) colonialidade para mim é romper os padrões ~~[illegible]~~ eurocentristas, é tentar retomar as culturas que foram massacradas e desvalorizadas
Racismo é ~~uma forma~~ um pensamento supremacista, de que toda e qualquer tem de pele ou etinia não branca é inferior.
Cisnormatividade é ter a pessoa Cis como normal, quando alguém nasce as pessoas ja a identificam como cis, sem dar a oportunidade dela (pessoa) se encontrar, se auto identificar.

6. Referências Bibliográficas

ABRAMOVIC, Marina. *Rhythm 0*. Nápoles: Studio Morra, performance, 6 horas, 1974.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Editora Pólen, 2018.

ANZALDÚA, Gloria. "Falando em línguas*:* uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo". In: *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n.1: 229-236, 1º semestre, 2000.

_____. "La conciencia de la mestiza / Rumo a uma nova consciência". In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 3: 704-719, jan, 2005.

BACELLAR. Camila Bastos. "Performance e feminismos – diálogos para habitar o corpo-encruzilhada". In: *Revista Urdimento*, v. 2, n. 27, p. 62-77, dez, 2016.

BALLESTRIN, Luciana. "América Latina e o giro decolonial". In: *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 11: 89-117, maio-agosto, 2013.

BALDAN, Merilin; FREITAS, Nivaldo. "Dossiê Escola Sem Partido e Formação Humana". In: *Revista Fênix*, ano 14, v. 14, 2017.

BENTO, Berenice. "Na escola se aprende que a diferença faz a diferença". In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 19, n. 2: 336: 549-559, mai-ago, 2011.

BEY, Hakim. *TAZ – Zona Autônoma Temporárial*. São Paulo: Editora Conrad, 2001.

BOAL, Augusto. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

BRAGA, Cíntia Guedes. *Nada (é) razoável*. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Rio de Janeiro, 2019.

BRAGA, Cleber. *Fantasmografias: sexílio, arte e ativismos cuirdecoloniais na transfronteira mexicobrasileira*. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências. Salvador, 2019.

_____; GUIMARÃES, Rafael Siqueira. "Meu twitter, minhas regras": as pautas de costumes na educação bolsonarista. In: *Dossiê: Consequências do bolsonarismo sobre os direitos humanos, a educação superior e a produção científica no Brasil*. Revista Eletrônica de Educação, São Carlos (SP): Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Educação, v. 14: 1-20, jan-dez, 2020.

_____; GUIMARÃES, Rafael Siqueira de; VALENCIA, Sayak. "Apresentação do dossiê: Gaguejar, ruidosamente, outros trânsitos: Migrações territoriais, sexuais e de gênero". In: *Revista Periódicus*. Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades (NuCuS), Salvador: Universidade Federal da Bahia, v. 1, n. 12: p. 01-05, 2019.

BRAH, Avtar. "Diferença, diversidade, diferenciação". In: *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 26: 239-276, 2006.

BRAH, Avtar. *Cartografías de la diáspora: identidades en cuestión*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2011.

BRASIL. *Lei 10.639/03 de 09 de janeiro de 2003*. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 2008.

_____. *Lei 11.645/08 de 10 de março de 2008*. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 2008.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANDA, Cilene. "Paulo Freire e Augusto Boal: diálogos entre educação e teatro". In: *Revista HOLOS*, ano 28, v. 4, p. 195-205. Natal: IFRN, 2012.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. "Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas". In: *Revista Currículo sem Fronteiras*, v. 11, n. 2, p. 240-255, jul-dez, 2011.

_____; OLIVEIRA, Luiz Fernandes. "Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil". In: *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p.15-40, abril, 2010.

COHEN, Renato. *Performance como linguagem: criação de um tempo-espaço como experimentação*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

COSTA, Pêdra. "The Kuir Sauvage". In *Revista Concinnitas*, ano 17, v. 01, n. 28, set. Rio de Janeiro, 2016.

CURIEL, Ochy. "Género, raza, sexualidade: debates contemporâneos". In: *Universidad del Rosario*. Disponível em: www.urosario.edu.co/urosario_files/1f/1f1d1951-0f7e-43ff-819f-dd05e5fed03c.pdf. Acesso em: 26/01/2020. *Colombia*. 2014.

CRENSHAW, Kimberlé. "Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero". In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 1, p. 171-188, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, v. 1. Trad: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de janeiro, Editora 34, 1995.

DESPENTES, Virginie. *Teoria King Kong*. São Paulo: n-1 edições, 2019.

EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. Disponivel em: nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/genero-e-etnia-uma-escrevivencia-de.html. 2012. Acesso em: 30/01/2020.

FÉRAL, Josette. "Por uma poética da performatividade: o teatro performativo". 2009. In: *Revista Sala Preta*, São Paulo, v. 8: 197-210, 2009.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GADELHA, Kaciano. "DeCUlonização e diáspora trans: uma entrevista com Sanni e Pêdra Costa". In: *PeriódiCUs – Revista de estudos indisciplinares em gêneros e sexualidades*, v. 1, n. 7. Salvador: Grupo de Pesquisa CUS, Universidade Federal da Bahia, 2017.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes. 2007.

GROSFOGUEL, Ramón. "La opción decolonial: desprendimiento y apertura. Um manifiesto y un caso". In: *Revista Tabula Rasa*, n.8: 243-282, 2008.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de janeiro: DP&A, 1992.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Trad: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo, Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

_____. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Cia das Letras, 2020.

_____. "Pensando com a cabeça na terra". In: Anais da VI Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia, IEB-USP, São Paulo, mai-2017.

LEAL, abigail campos. "O gênero em quarentena". In: *GLAC edições*, 2020. Disponível: glacedicoes.com/post/o-g%C3%AAnero-em-quarentena-abigail-campos-leal
Acesso em: 07/05/2021.

LEAL, Dodi. *Performatividade transgênera: equações poéticas de reconhecimento reciproco na recepção teatral*. Tese (Doutorado em Psicologia Social). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2018.

LISBOA, Vinicius. "Publicação – Divulgado o Atlas da Violência 2019". In: *Ministério Público do Paraná*. 2019. Disponível em: crianca.mppr.mp.br/2019/06/135/PUBLICACAO-Divulgado-o-Atlas-da-Violencia-2019.html. Acesso em: 04/12/2019.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000.

LUGONES, María. *"*Colonialidad y Género*"*. In: *Tabula Rasa*, Bogotá-Colômbia, n.9, julho-dezembro: 73-101, 2008.

MARTINS, Leda. "Performances do tempo espiralar". In: ARBEX, Márcia; RAVETTI, Graziela. *Performance, exílio e fronteiras: errâncias territoriais e fronteiras*. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras, UFMG, Poslit. 2002.

MIGNOLO, Walter D. *Hacer, pensar y vivir la decolonialidad. Textos reunidos y presentados por comunidade psicoanálisis / pensamento decolonial*. Cidade do México: Ed. Navarra, 2016.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS. Secretaria Nacional de Proteção dos Direitos da Criança e Adolescente. *Letalidade infanto-juvenil: dados da violência e políticas públicas existentes*. Elaboração: Thaís Cristina Alves Passos. 106 p. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018.

MOMBAÇA, Jota. "Pode um cu mestiço falar?" In: *Medium*, 2015. Disponível em: medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee. Acesso: 01/07/2018.

_____. "Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência". In: *Caderno de Imaginação Política*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016.

NASCIMENTO, Cláudia Simone Oliveira do. "Guillermo Gómez-Peña em teorias do disfarce – Corpo, performance art e travestismo". In: *Revista Landa*, v. 6, n. 1, p. 41-53, 2017.

NASCIMENTO, Tatiana. "Branquietude & seus silêncios". In: *Instagram*. Disponível em: instagram.com/branquietude. Acesso: 12/07/2021.

NETO, Ricardo Mari. "Marina Abramović, dimensões da culpa: do corpo da vida sacra". In: *Revista :Estúdio*, Lisboa, v. 3, n. 5, 2012.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. *O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. "Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas". In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón (orgs.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica Edit, 2018.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. "A cartografia como método de pesquisa-intervenção". In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. "Entre América e Abya Yala". In: *Chakaruna: Abya Yala sem fronteiras*. 2009. Disponível em: hernehunter.blogspot.com/2009/07/entre-america-e-abya-yala.html Acesso em: 27/03/2021.

PRECIADO, Paul. *Texto Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. Trad: Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.

QUIJANO, Aníbal. "Colonialidad del poder y clasificación social". In: *Journal of world-systems research*, v. 11, n. 2: 342-386, 2000.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Editora Pólen, 2019.

ROCHA, Marisa Lopes da; AGUIAR, Katia Faria de. “Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises”. In: *Revista Psicologia Ciência e Profissão*, v. 23, n. 4, p. 64-73, 2003.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. “A cartografia e a relação pesquisa e vida”. In: *Revista Psicologia e Sociedade*, v. 21, n. 2, p. 166-173. 2009.

SANTOS, Ana Cristina dos. “Fronteiras da identidade: o texto híbrido de Gloria Anzaldúa”. In: *Revista Digital do Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História*. Foz do Iguaçu: UNILA, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. “A produção social da identidade e da diferença”. In: SILVA, Tomas Tadeu da. *Identidade e diferença*. Rio de Janeiro: Editora Vozes: 73-102, 2000.

SOUZA, Luciano Lima. *Memória e Tradição no Candomblé Nagô da Bahia: um estudo do Ilê Axé Ijexá e do Ilê Axé Alaketu*. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2013.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar*? Trad: Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2010.

TUPINAMBÁ, Casé Angatu Xucuru (SANTOS, Carlos José Ferreira dos). “Cartas indígenas”. In: RASERA, Emerson; PEREIRA, Maristela de Souza; GALINDO, Dolores. *Democracia participativa, estado e laicidade: psicologia social e enfrentamentos em tempos de exceção*. Porto Alegre: ABRAPSO, 2017.

VALENCIA, Sayak. “Del Queer al Cuir: ostranénie geopolítica y epistémica desde el sur g-local”. In: LANUZA, Fernando R. & CARRASCO, Raúl. *Queer e Cuir: Políticas de lo irreal*. México: El Colef, 2015.

VERGUEIRO, Viviani. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos. Salvador, 2015.

VIEIRA, Elenir Honorato. *Práticas alternativas em gestão de pessoas: astrologia,* feng shui*, grafologia, numerologia, radiestesia,* shiatsu*, metafísica ou novas abordagens em administração?* Dissertação (Mestrado em Administração) – São Paulo, USP, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, 2005.

WALSH, Catherine. Interculturalidad Crítica y Pedagogia decolonial. In: Memórias del Seminário Internacional “Diversidad, Interculturalidad y Construcción de Ciudad”, Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional 17-19 de abril de 2007.

WEEKS, Jeffrey. “O corpo e a sexualidade”. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Trad: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000.